



Revista Brasileira

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

Machado de Assis



Rio de Janeiro

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 1977

Presidente	Austregésilo de Athayde
Secretário-Geral	Hermes Lima
1º Secretário	Abgar Renault
2º Secretário	Bernardo Élis
Tesoureiro	Elmano Cardim
Diretor da Biblioteca	Barbosa Lima Sobrinho
Diretor do Arquivo	José Honório Rodrigues
Diretor da Revista da Academia Brasileira de Letras (Anais)	Américo Jacobina Lacombe
JOSUÉ MONTELLO	Diretor da Revista Brasileira
LINCOLN NERY	Editor de publicações da ABL
NAIR DAMETTO	Secretária

A Academia não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações. Os pronunciamentos feitos de improviso não foram revistos pelos oradores.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Avenida Presidente Wilson, 203

RIO DE JANEIRO — BRASIL

SUMÁRIO

Apresentação	7
Cronologia de Ivan Monteiro de Barros Lins	11
Antologia de Ivan Lins	
Fragmentos das memórias inacabadas	25
Tomás de Aquino — Atualidade do Filósofo	39
Dom Viçoso: um divisor de mentalidade	47
A comicidade trágica de Molière	51
Uma época polêmica	55
Minhas heresias positivistas	59
O bisneto de Odorico Mendes	65
José de Alencar e Gonçalves de Magalhães	67
Recepção de Ivan Lins na Academia	
Discurso do Sr. Ivan Lins	73
Resposta do Sr. Rodrigo Octávio Filho	93
Discurso de Adeus a Ivan Lins	
Proferido por Austregésilo de Athayde	105
Sessão de Saudade dedicada a Ivan Lins	
Pronunciamentos acadêmicos	109
Leitura feita por Hermes Lima	
Por ocasião do enterro de Ivan Lins	127
A lição de Ivan Lins	
Josué Montello	129
O Historiador do Positivismo	
Barbosa Lima Sobrinho	133
Ivan Lins	
Austregésilo de Athayde	137
Ivan Lins, grande humanista	
Elmano Cardim	139
Ivan Lins	
Mauro Mota	141

Meu amigo Ivan Lins	
R. Magalhães Júnior	143
Ivan Lins, um humanista	
Theophilo de Andrade	149
Ivan Lins	
Nereu Corrêa	153
Mais uma viagem sem volta	
Paulo de Gouvêa	155
Ivan Lins	
Alberto Deodato	159
Homenagem a Ivan Lins	
Jarbas Maranhão	161
Ivan Lins e o Positivismo	
Gustavo Capanema	163
Colaboração Especial	
Ivan Lins	
Mozart Pereira Soares	169
A nossa saudade	
Roberto Fontes Gomes	171
Ivan Lins	
Paulo da Silveira Santos	173
O Homem	
Sônia Gorgulho	175
Ivan Lins	
Dario Abranches Viotti	177
Ivan Lins	
Odilon Nogueira de Matos	179
A alma dos livros — O humanista Ivan Lins	
Oscar Mendes	183
Uma vida inteira de amor à cultura	
Roberto Fontes Gomes	185
O amigo	
Paulo da Silveira Santos	187
Conceitos sobre Ivan Lins	189

A impressão que Ivan Lins nos transmitia, com os seus modos afirmativos, a sua palavra erudita e a sua cabeleira branca, era a de um apóstolo — no sentido de trazer em si uma missão a realizar. Essa vocação apostólica, num homem afirmativamente agnóstico, derivava de sua convicção positivista. Ele se identificara com o pensamento comteano — apostolicamente. E toda a sua obra — aberta, arejada e múltipla — está marcada pela fidelidade ao pensamento fundamental do mestre francês.

A morte de Ivan Lins nos deu a sensação de que com ele desaparecia, não apenas um filósofo do positivismo, mas também, e sobretudo, um de seus pregadores, na linha de Teixeira Mendes. Com esta diferença: Teixeira Mendes era uma vocação religiosa; Ivan Lins, uma vocação filosófica.

Nós, que com ele privamos na Academia, dele guardamos a imagem do espírito tolerante, sempre voltado às surpresas do conhecimento. Em tudo quanto lia, como em tudo quanto escrevia, o homem sabia ser o mesmo, na harmonia de suas idéias essenciais. Interpretava o texto lido em função de suas convicções; e escrevia obedecendo à mesma inclinação do espírito.

No entanto, Ivan Lins nada tinha de fanático. A sua ortodoxia convivia perfeitamente com a heterodoxia de muitos de seus companheiros. E daí a amenidade de seu convívio acadêmico, refletido na saudade de todos os seus confrades da Casa de Machado de Assis.

J. M.

C R O N O L O G I A

CRONOLOGIA DE IVAN MONTEIRO DE BARROS LINS

- 1904** Nasce em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 16 de abril. Filho de Edmundo Pereira Lins, então Desembargador da Relação de Minas, e de Dona Maria Leonor Monteiro de Barros Lins.
- 1908** Tem a primeira crise de asma, mal que o acompanhará até os sessenta anos.
- 1909** Entra para o Jardim da Infância.
- 1911** Faz o curso primário e o de admissão na Escola de Dona Jovelina Batista. Por indicação da Professora lê os **Contos Pátrios** de Olavo Bilac e Coelho Netto e **O Coração** de Edmundo de Amicis, considerando essas leituras o início de sua educação literária.
- 1915** Entra para o Colégio Anglo-Americano.
- 1916** É internado no Colégio Arnaldo. Não obtendo bom resultado nesse Colégio dele saiu e passa a preparar-se para os exames de português e latim com seu Pai e de francês com seu irmão Jair Lins. As aulas de seu Pai despertam o seu gosto pelos clássicos latinos e leitura em geral.
- 1917** Vai com seu Pai, em abril, a São Paulo. Fica maravilhado com essa primeira viagem e com o mar, visto em Santos. Em agosto, sendo seu Pai nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, transfere-se com sua família para o Rio de Janeiro e é matriculado no Ateneu Bôscoli, onde termina os seus estudos secundários.

- 1918** Até essa época mantem-se católico fervoroso.
- 1919** Indo com sua Mãe visitar uma antiga empregada de sua casa que adoecera e morava num cortiço, defronta-se pela primeira vez com a miséria e o sofrimento humano e não consegue mais acreditar haja interferência divina na terra. Perde completamente a fé, o que lhe causa tristeza e pessimismo. Põe-se a ler Jules Carré, Nietzsche e Schopenhauer.
- 1922** Descobre o Positivismo através do livro de Teixeira Mendes **Esboço Biográfico de Benjamin Constante**. Depois dessa leitura considera feita a sua adesão à doutrina de Comte e inicia o estudo metódico do Positivismo: frequenta as conferências dominicais do Dr. Bagueira Leal, no Templo da Humanidade, na Rua Benjamin Constant, lê as Obras de Augusto Comte e os livros da Biblioteca Positivista instituída por ele.
- 1923** Conhece pessoalmente Teixeira Mendes, Chefe da Igreja Positivista do Brasil, e torna-se amigo de vários rapazes positivistas.
- 1924** Apaixona-se por uma jovem positivista, mas não foi correspondido por ela.
- 1925** Ingressa na Escola de Medicina. Depois de acompanhar um curso de Filosofia Primária proferido por Silvio Vieira Souto, no Templo da Humanidade, pronuncia um discurso, onde faz calorosa profissão de fé. Em 9 de dezembro publica, nos "A Pedidos" do Jornal do Comércio, sua primeira interferência a favor do Positivismo: **Afirmativas do Deputado Arthur Caetano que carecem de ser retificadas.**
- 1926** Enamora-se de outra jovem positivista, vindo a casar-se com ela mais tarde.
- 1927** Foi sorteado, em Belo Horizonte, para o Serviço Militar, sendo mandado a Juiz de Fora para inspeção médica no Hospital da 4ª Região Militar. A terrível impressão que lhe causou esse Hospital levou-o a publicar, no dia 10 de dezembro, no Jornal do Comércio, o artigo **Uma senzala transformada em enfermaria do Exército. Situação inconcebível de um Hospital Militar. Apelo aos Srs. Ministro da Guerra e General da 4ª Região.** Nesse artigo, de plena juventude, já se nota o tom corajoso e polêmico que manterá em toda a sua futura obra.

- 1928** Publica no **Jornal do Comércio** de domingo, 12 de agosto, longo artigo sobre “Francia e o Positivismo”.
- 1930** Forma-se em Medicina e começa a procurar uma colocação. Não podendo clinicar pela precariedade de sua saúde — asma e dores fortíssimas na espinha e nas pernas — leciona Latim e História no Collégio Pedro II; rege a cadeira de Higiene Industrial na Escola Souza Aguiar e colabora em diversos jornais.
- 1932** Em 6 de maio é nomeado Secretário da Estação Experimental de Combustíveis e Minérios, mais tarde Instituto de Tecnologia, do Ministério da Agricultura.
- 1933** No dia 11 de fevereiro casa-se com Sofia Teodora de Berrêdo Carneiro. Em 25 de junho publica, no **Jornal do Comércio**, o artigo “O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal visto à luz da Escola de Augusto Comte”, introdução a uma Tese que pretendia defender mas não chega a realizar.
- 1934** No dia 9 de fevereiro nasce o seu primeiro filho, Octavio Hildebrando. Passa, nessa ocasião, por uma fase de grande apreensão e revolta quanto ao seu emprego. Por perseguição pessoal e arbitrária do Chefe de Gabinete do Ministro da Agricultura, chega a ser demitido sem a menor justificativa. Defende-se com toda veemência e, após quatro meses de lutas o seu caso é favoravelmente resolvido, tendo o Major Juarez Távora, então Ministro da Agricultura, que assinara em 31 de março o decreto de sua demissão, declarado em despacho publicado em 7 de junho, a improcedência daquele ato. Em suas **Memórias**, Ivan Lins relata, minuciosamente, todo o ocorrido. Sossegado quanto ao seu emprego, retoma o fio dos seus trabalhos tendo em vista a difusão das idéias positivistas. Em 8 de dezembro inicia na Associação Brasileira de Educação um curso público e gratuito de três conferências sobre a **Introdução ao Estudo da Filosofia**. É esse o seu primeiro contacto com o público como conferencista. Daí por diante pronunciará inúmeras conferências, que irão sendo, quase todas, publicadas em livros.
- 1935** Em setembro comemora, fiel ao preceito positivista do Culto aos Grandes Tipos da Humanidade, o tri-centenário da morte de Lope de Vega, realizando três conferências na Associação Brasileira de Educação. Em dezembro

profere, também na Associação Brasileira de Educação uma conferência sobre a **Utopia e Tomas Morus**. Suas palestras contam sempre com enorme audiência e despertam grande interesse nos mais variados meios do Rio de Janeiro de então.

- 1936** É nomeado Membro do Conselho Geral do Distrito Federal. Realiza na Academia Brasileira de Letras, seis conferências comemorativas do Quarto Centenário de Erasmo. Esta série de palestras é patrocinada por Afrânio Peixoto, Robrigo Otávio, Roquete Pinto, Miguel Ozório de Almeida, Laudelino Freire e Hélio Lobo, todos membros da Academia Brasileira de Letras, e mais Dona Branca Fialho, Plínio Casado, Octavio Kelly, Francisco Mendes Pimentel, Agilberto Xavier e Ernesto Lopes da Fonseca Costa. A convite do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, realiza no Instituto Nacional de Música uma conferência comemorativa do 1º Centenário do Nascimento de Benjamin Constante Botelho de Magalhães.
- 1937** Passa a lecionar História da Filosofia na Escola Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Realiza, na Academia Brasileira de Letras, sob o patrocínio de Roquete Pinto, um curso de oito conferências sobre **Descartes época, vida e obra**. Publica "Católicos e Positivistas, carta aberta a Tristão de Ataíde". Em 28 de julho, também na Academia Brasileira de Letras e sob o patrocínio de Roquete Pinto, profere uma conferência sobre "Um aspecto inédito da vida e da obra de Martins Fontes: seus últimos versos".
- 1938** A 19 de abril, realiza na Academia Brasileira de Letras, sob a presidência de Afrânio Peixoto, uma conferência sobre O Humanismo e o Plano Nacional de Educação. A 24 de maio, sempre na Academia Brasileira, sob a presidência de Roquete Pinto, fala sobre Três Abolicionistas Esquecidos, comemorando o cinquentenário da Abolição. A 6 de setembro, inicia, no salão da Academia Brasileira de Letras, e prossegue no Automóvel Clube do Brasil, um curso de oito conferências sobre **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**. Este curso gerou incidentes ideológicos de larga repercussão, sendo o episódio minuciosamente narrado por Ivan Lins em Apêndice a todas as edições de seu livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**, onde foram reunidas as conferências então pronunciadas. Recebe, de Edmundo Bittencourt, convite para colaborar no **Correio da Manhã**.

- 1939** Realiza, no Instituto Nacional de Música, a convite de um grupo de alunos da Faculdade de Direito, a conferência "A concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva". No mesmo Instituto, no dia 4 de agosto, a convite da Casa do Estudante do Brasil e sob a presidência de Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, fala sobre "Ruiz de Alarcon e sua Obra".
- 1940** A convite do Ministério das Relações Exteriores integra a Missão Cultural Brasileira que vai ao Uruguai. Aí realiza três conferências: "Rondon e sua epopéia nas selvas americanas"; "Lope de Vega" e "A Cavalaria Medieval e seus Ideais".
- 1942** Sempre em busca de melhoras para a sua saúde vai pela primeira vez a Lambari, estância hidromineral do sul de Minas. Obtém excelentes resultados, tornando-se freqüentador assíduo das Águas Virtuosas. No dia 25 de julho ingressa na Academia Carioca de Letras, sendo recebido por Carlos Süssekind de Mendonça. Aí faz o elogio de Gonçalves de Magalhães, patrono da sua cadeira. É nomeado, pelo Presidente Getúlio Vargas, Ministro do Tribunal de Contas do então Distrito Federal, tomando posse no dia 11 de setembro. A 5 de novembro, realiza, na Academia Carioca de Letras, a conferência "A Cultura e o Momento Internacional". Sai no volume "Rumo ao Oeste", da Biblioteca Militar, seu trabalho "A Obra Educativa do General Rondon".
- 1943** Candidata-se, pela primeira vez, à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Xavier Marques. São também candidatos Wanderley de Pinho e Menotti del Picchia, que será o eleito.
- 1944** Nasce sua filha Sofia Beatriz.
- 1945** Nasce seu filho Edmundo Mário. A convite de Afrânio Peixoto realiza, no Instituto de Estudos Portugueses, do Rio de Janeiro, seis conferências sobre "Aspectos do Padre Antônio Vieira".
- 1950** É eleito Vice-Presidente do Tribunal de Contas, cargo que exerce até 23 de agosto de 1951.
- 1951** É eleito Presidente do mesmo Tribunal, permanecendo nesse cargo até 23 de agosto de 1953.
- 1953** Volta a ser eleito Vice-Presidente do Tribunal de Contas, cargo que ocupa até 23 de agosto de 1955.

- 1956** É publicado seu livro **Aspectos do Padre Antônio Vieira**.
- 1957** Realiza, perante grande auditório, uma conferência comemorativa do 1º Centenário da Morte de Augusto Comte.
- 1958** Em 7 de agosto é eleito, na vaga de Afonso d'Escragolle Taunay, para a Cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, sendo recebido a 12 de novembro pelo Acadêmico Rodrigo Otávio Filho. Em seu discurso de posse retorna Ivan Lins à tribuna daquela Academia que, de 1936 a 1938, lhe franqueara generosamente o seu Salão, onde, em plena mocidade, realizou cerca de vinte conferências.
- 1959** Na Academia Brasileira de Letras pronuncia uma palestra sobre Henri Bergson. Em 31 de agosto, na Associação Brasileira de Imprensa, comemora o centenário de nascimento do Dr. Bagueira Leal, um dos seus primeiros mestres positivistas.
- 1960** Em 7 de dezembro fala na Academia Brasileira de Letras sobre "Martins Júnior e a Poesia Científica". Em 16 de dezembro, em Belo Horizonte, a convite do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, é o Orador Oficial da Comemoração do 1º Centenário do Nascimento de João Pinheiro.
- 1961** Recebe o Título de Sócio Benfeitor da Policlínica do Rio de Janeiro.
- 1962** Na Academia Brasileira de Letras faz uma conferência sobre Barbosa Lima.
- 1963** É editado na Revista **Cuadernos Hispanoamericanos**, de Madrid, seu trabalho "En torno a Lope de Vega", traduzido por Angel Crespo. Realiza em Belo Horizonte, no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, uma conferência comemorativa do 1º Centenário do nascimento do Magistrado mineiro Edmundo Lins, seu pai. A mesma conferência é pronunciada na Academia Brasileira de Letras. Recebe, do Governo Espanhol, o título de Comendador da Ordem de Isabel, a Católica, e as respectivas insígnias.
- 1964** É publicado seu livro **História do Positivismo no Brasil**. Em Coimbra, na Revista "Brasília", vol. XII, sai o seu trabalho "A Santificação de Anchieta".

- 1965** Em São Paulo, a convite do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, faz uma conferência sobre Dante. É publicado seu livro "Perspectivas de Augusto Comte". A 27 de abril recebe o título de Cidadão Lambariense. A 21 de maio recebe o Diploma de Sócio Honorário da Associação de Cultura Italo-Brasileira, em cerimônia realizada em Juiz de Fora, Minas Gerais. A 2 de agosto é eleito Membro Honorário da Academia Mineira de Letras. Em setembro representa, com os Acadêmicos Elmano Cardim e Josué Montello, a Academia Brasileira de Letras nas comemorações em Portugal, do 2º Centenário de Bocage. Em outubro visita a Espanha e em seguida a França, Inglaterra, Suíça e Itália. A 3 de dezembro é nomeado Membro Correspondente da Real Academia Espanhola.
- 1966** Em setembro visita Porto Alegre onde faz conferências e tem a satisfação de rever seu correligionário e grande amigo Dr. Protásio Vargas. Recebe, nessa ocasião, os títulos de Membro Honorário da Academia Rio-Grandense de Letras e de Sócio-Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- 1968** Vai a Viena, Áustria, participando da Comissão Brasileira ao Congresso Internacional de Filosofia. Em seguida visita a Itália, Suíça e França. A 18 de dezembro pronuncia, na Academia Brasileira de Letras, o discurso de recepção a Hermes Lima.
- 1969** A 17 de julho faz na Academia Brasileira de Letras a conferência "A Educação Literária nas Escolas". É publicado nos Cahiers d'Histoire Mondiale, editado pela Unesco, em Paris, seu trabalho "L'Oeuvre d'Auguste Comte et sa signification scientifique et philosophique au XIXème Siècle". A 17 de setembro é recebido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como Sócio Honorário.
- 1970** Pronuncia na Academia Brasileira de Letras o discurso de recepção ao General Aurélio de Lyra Tavares, no dia 2 de junho.
- 1971** 4 de outubro. Pronuncia na Academia Brasileira de Letras o discurso de recepção a Paulo Carneiro. Vai a Porto Alegre e realiza, a convite da Academia Rio-grandense de Letras uma conferência sobre "A Academia Brasileira e o Pensamento Filosófico". Em novembro vai a Recife, representando a Academia Brasileira de Letras na

inauguração da nova sede da Academia Pernambucana de Letras. Pronuncia um discurso na solenidade. É eleito sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.

1972 Realiza, na Academia Brasileira de Letras, a conferência "A Renascença, Camões e o maravilhoso dos Lusíadas". A 16 de novembro fala sobre "Euclides da Cunha" na Faculdade de Direito de Niterói. Participa do Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, realizado na cidade de São Paulo, por ocasião dos festejos do sesquicentenário da Independência. Sendo o Decano dos Ministros de todos os Tribunais de Contas do Brasil, recebe muitas manifestações de apreço de seus pares. No dia 12 de setembro realiza no Tribunal de Contas, do então Estado da Guanabara, uma conferência sobre "Atuação de Pedro I e José Bonifácio na Independência", ao se encerrarem as solenidades comemorativas do sesquicentenário da Independência. Vai a Mato Grosso, a fim de representar a Academia Brasileira de Letras na inauguração da Academia de Letras e História de Campo Grande. Pronuncia um discurso na solenidade. Visita Goiânia onde realiza uma conferência na Faculdade de Direito. Vai a Brasília onde participa do Congresso Interamericano de Filosofia, presidindo uma das mesas de arguição e apresentando uma tese. Patrocinadas pelo Ministro Aliomar Baleeiro, do Supremo Tribunal Federal, profere, em Brasília, duas conferências, uma na Universidade e outra no Centro de Estudos Unificados.

1973 É publicado o seu livro "Estudos Brasileiros". A 5 de julho pronuncia na Academia Brasileira de Letras a conferência "Época, Vida e Obra de Molière". Vai ao Rio Grande do Sul, e a Santa Catarina, onde realiza conferências, o mesmo se dando, em várias outras ocasiões no Maranhão, em São Paulo, Campinas, Santos, Curitiba, Belo Horizonte, Juiz de Fora, São Lourenço, Lambari. Ao longo de sua vida mantém imensa correspondência e colaboração em jornais e revistas, tendo deixado um grande arquivo, que será incorporado ao Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas.

1974 16 de abril, completa setenta anos. Aposentadoria. Recebe, na despedida do Tribunal de Contas, reunido em Sessão Solene, homenagens da maior estima, o que muito o emocionou. Na Academia Brasileira de Letras foi

alvo, também, das mais afetuosas expansões de muitos dos seus companheiros.

Em julho realiza na Academia Brasileira de Letras uma conferência comemorativa do sétimo centenário da morte de Santo Tomás de Aquino. Foi esta a última vez que ocupou a Tribuna da Academia. Repete a mesma conferência na Academia Paulista de Letras, a convite de seu Presidente Professor Ernesto Leme.

Através de sua vida várias outras conferências proferiu, ainda, Ivan Lins, ora no Pen Club do Brasil, ora em alguma Faculdade, ora no Rotary Club, ora na Associação Brasileira de Imprensa, ora no Club de Engenharia, sendo todas elas marcadas pelas mesmas idéias que sempre o dominaram desde a juventude: as idéias positivistas.

Do dia 2 de setembro a 4 de novembro realiza, na Universidade Gama Filho, um curso de dez conferências sobre "O Positivismo e sua Influência no Ensino, na Política e na Cultura Brasileira". Causou-lhe enorme satisfação o contacto que teve, nesse período, com numerosos estudantes que acompanharam com o maior interesse as suas aulas.

É publicado seu livro "Para conhecer melhor o Padre Antonio Vieira".

1975 Nos primeiros dias de janeiro vai, com sua família, para Petrópolis onde se entrega intensamente ao preparo de suas "Memórias". Com o ímpeto que sempre dedicou aos seus trabalhos, rompe as madrugadas petropolitanas escrevendo. Está enfraquecido mas a energia e o espírito estão firmes e ele diz "que não tem tempo a perder, está apostando corrida com a morte".

A 28 de abril retorna ao Rio seguindo com sua esposa, no dia 1º de maio para Lambari. A confiança permanente nas "águas virtuosas" e a esperança de novas melhoras levam-no, ainda uma vez, àquela estância mineira.

Em Lambari, emagrecimento e fraqueza crescentes. No dia 17 de maio, regressa ao Rio de Janeiro, já encontrando datilografada a parte pronta de suas Memórias. Faz tirar várias cópias xerox". Dia 22 de maio, quinta-feira, comparece pela última vez à sessão plena da Academia. Dia 25 de maio, domingo, recebe, em sua casa, com o maior prazer, uma cordial visita do General Aurélio de Lyra Tavares e Senhora, que haviam regressado recentemente da Embaixada na França.

Dia 28 de maio, quarta-feira, remete para Paulo Carneiro, em Paris, um exemplar das "Memórias", com o seguinte bilhete: "Meu caro Paulo, passei muito mal em Lambari,

onde perdi nada menos de seis quilos. Vim muito abatido e cheio de minhas velhas dores. Se melhorar devo ir em 9 de junho, de avião, em companhia de Sofia, a Guarapari. Mas não sei se vou consegui-lo porque ando com todas as juntas muito presas, quase entevado. Envio-lhe a parte já feita das minhas Memórias. É apenas o primeiro borrão. Você e o Lopes¹ podem alterá-las inteiramente à vontade. O mesmo se dará com o Júlio² de quem faço longa citação a propósito das conferências de Teixeira Mendes. Se regressar de Guarapari, ou melhor, se houver regresso, completarei o último terço restante, relativo à minha produção literária, conferências, artigos na imprensa e livros; minha entrada para o Tribunal de Contas, meu ingresso e minhas atividades na Academia Brasileira de Letras. Como nossos destinos se cruzaram na mocidade é um pouco da nossa vida. Com Lopes e Júlio receba um saudoso abraço."

As piores acentuam-se com a maior rapidez. Seus últimos dias são acompanhados por sua família, seus irmãos, sobrinhos, amigos de todas as épocas, correligionários positivistas, confrades Acadêmicos, ex-alunos, funcionários, Procuradores e Ministros do Tribunal de Contas.

O Presidente Austregésilo de Athayde comparece várias vezes à sua cabeceira trazendo-lhe palavras de conforto. No dia 15 de junho recebe a visita de Monsenhor Olympio de Mello, seu amigo e colega no Tribunal de Contas por mais de trinta anos.

No dia 16 de junho, às 6,30 da manhã vem a falecer aquele que, nas palavras de Barbosa Lima Sobrinho "soube fazer de sua vida um apostolado, pela nobreza de seus atos, pela generosidade de suas inspirações".

Às 11 horas seu corpo é transferido para a Academia Brasileira de Letras onde permanece em câmara ardente, no Salão dos Poetas Românticos.

A 17 de junho é sepultado no Mausoléu da Academia, com grande acompanhamento. À saída do féretro o Presidente Austregésilo de Athayde profere as palavras de despedida da Casa à qual Ivan Lins pertenceu durante 17 anos e que sempre esteve tão ligada à sua vida.

No Cemitério São João Baptista o Ministro Hermes Lima, a pedido da família de Ivan Lins, pronunciou as palavras de adeus segundo o ritual positivista.

No dia 19 de junho tem lugar a sessão de saudade, na Academia Brasileira de Letras, dedicada a Ivan Lins.

¹ Rodolfo Paula Lopes Filho, amigo desde a juventude, residente em Genebra.

² Embaixador Julio A. Barboza Carneiro, residente em Genebra.

Várias outras homenagens lhe são prestadas nos Tribunais de Contas, no Senado Federal, na Câmara dos Deputados, Assembléias Legislativas, Câmaras de Vereadores, Academias de Letras e na imprensa em geral.

Pelo Prefeito Marcos Tamoyo foi dado o nome de "Ministro Ivan Lins" a uma Avenida na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, e em Lambari uma rua recebeu também o seu nome.

Sob a Presidência de Marcos Almir Madeira foi realizada, no Pen Club do Brasil, uma sessão em homenagem a Ivan Lins sendo orador Barbosa Lima Sobrinho.

Da Revista "Conferência", onde foi publicado o trabalho de Barbosa Lima Sobrinho, um grupo de positivistas fez tirar uma separata a fim de divulgá-lo amplamente.

FONTES

- Dados fornecidos pela viúva de Ivan Lins, D. Sofia Lins.
- Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

ANTOLOGIA

DE

IVAN LINS

FRAGMENTOS DAS MEMÓRIAS INACABADAS:

Uma Vida... um ideal.

Em abril de 1917 meu pai me proporcionou, como prêmio do meu aproveitamento em suas aulas de latim, uma viagem a São Paulo em sua companhia, de minhas irmãs Esther e Mocinha e de meu irmão Miguel, que, com pouco mais de cinco anos, fora entregue por minha mãe aos cuidados de Esther, sua madrinha.

Foi, para mim, um deslumbramento essa viagem, porque nunca havia saído de Belo Horizonte e São Paulo era, por esse tempo, incomparavelmente mais populosa e desenvolvida. Fomos também a Santos, e, assim, pela primeira vez, assombrado, vi o mar. Depois de uma semana, regressamos meu pai e eu a Belo Horizonte e retomei intensamente com ele e o meu irmão Jair os estudos de latim e francês.

Sobrevindo em maio, um frio muito intenso, fui acometido de tremendos acessos de asma. Fiquei magérrimo e dei para apresentar, todas as tardes um movimento febril, que variava de 37,5 a 38. Meu pai e minha mãe apavoraram-se diante da hipótese de tuberculose, como deixava supor a minha imensa magreza. Tendo sido inúteis as consultas aos médicos de Belo Horizonte, resolveram enviar-me a São Paulo não pelo clima, que não era indicado para fraqueza pulmonar, sobretudo no inverno, com permanente garoa e forte umidade, mas, para ser examinado por médicos da Paulicéia, já que os de Belo Horizonte não conseguiam atinar com a origem de minha febre vespertina. Sei que da pesquisa bacteriológica feita num laboratório da cidade, foi negativo o resultado, o que encheu de animação meu pai e minha mãe.

São Paulo devia contar, por esse tempo, 600.000 habitantes e Belo Horizonte não chegava a ter 25.000. Era, portanto, uma cidade de muito maiores recursos do que a capital de Minas, mas, apesar disto, conservava um ar provinciano. Na rua da Liberdade, por exemplo, muito próximo ao Largo da Sé, todos os dias de manhã pas-

sava pela nossa porta um italiano, com duas cabras das quais tirava um copo de leite que, a conselho médico, eu bebia imediatamente.

Quando eu estava em São Paulo, com minhas irmãs e Miguel em casa da família Pinheiro e Prado, foi meu pai, em 22 de agosto de 1917, nomeado para o Supremo Tribunal Federal, onde se empossou em 12 de setembro daquele ano. Uma vez instalado com a família, no Rio, viemos também para esta cidade. A casa alugada por meu pai era um casarão de três pavimentos, na Rua Buarque de Macedo 36, casarão conjugado com outro, onde residia, com sua família, o Almirante Garnier. Nessa casa ficamos até novembro de 1918, quando nos mudamos para outra alugada na Rua General Dionísio Cerqueira nº 15, em plena epidemia da gripe espanhola, da qual, em nossa família, só nos livramos meus pais e eu.

A primeira preocupação de meu pai, ao instalar-se no Rio, foi a de nos arranjar um bom colégio e este — o Ateneu Bôscoli — situado na Rua Senador Vergueiro, ao lado da casa do Presidente Rodrigues Alves, lhe foi indicado pelo seu colega no Supremo, Ministro Guimarães Natal, que morava nas imediações.

Era, na verdade, um excelente colégio, com ótimos professores. Nele lecionavam, por esse tempo, a cadeira de português, Carlos de Laet; álgebra e geometria, Raul Guedes, florianista entusiasta, famoso pelo concurso para catedrático do Colégio Pedro II, no começo do século, concurso que só perdeu, para Almeida Lisboa, por se ter negado a discorrer, na prova escrita, sobre as geometrias não euclidianas, visto considerá-las fantasias metafísicas.

Estava ele longe de supor que os sistemas coordenados em torno de axiomas apriorísticos por Lobatschewsky e Bolyai, Rieman, Poincaré, Klein, Hilbert, Laguerre ou Cartan, seriam utilizados na teoria atômica que tão grande desenvolvimento encontraria, em nosso século, passando à categoria de uma ciência física na medida de suas aplicações, a esse domínio do real.

Não obstante sua resistência às geometrias não euclidianas, era Raul Guedes, no ensino da álgebra e da geometria, verdadeiro mago. Sua capacidade didática, de todo excepcional, fazia com que suas aulas fossem pelos seus alunos, aguardadas com sofreguidão. As exposições que fazia, no quadro-negro do binômio de Newton e do teorema de Pitágoras apresentavam atrativos de novelas. Com o desprendimento de um franciscano, quase nada cobrava dos que recorriam às aulas particulares por ele dadas no primeiro andar de uma loja na Avenida Passos, onde residia com sua senhora.

Em homenagem de gratidão a esse eminente professor, que fazia do ensino um sacerdócio, vou expor em traços muito rápidos, os argumentos filosóficos que, de acordo com os postulados da epistemologia, de seu mestre Augusto Comte, o levaram a não tomar a sério, na prova escrita de seu concurso, as geometrias não euclidianas.

Para que as teorias científicas alcancem um significado real é preciso, aos olhos do fundador da Filosofia Positiva, que a todos os instantes a contemplação concreta vigie e discipline a meditação abs-

trata. Do contrário o nosso entendimento, entregue a impulsos puramente subjetivos, seria levado a criar sistemas arbitrários desprovidos de suficiente correlação com os fatos exteriores. O caso das geometrias não euclidianas e não arquimedianas ilustra esta observação. Sua axiomática é constituída por certo número de tipos abstratos intencionalmente tomados sem ter em vista as condições concretas. Desses postulados deduzem-se, por via de consequência, teoremas perfeitamente coerentes, formando um corpo homogêneo. Abstratamente, essas diversas geometrias são tão válidas umas quanto as outras, pois a natureza subjetiva do espaço e de nossas leis lógicas nos permite concebê-las sem qualquer contradição. A escolha entre elas e a geometria euclidiana somente tem sentido no que diz respeito às realidades concretas. Se o nosso mundo for tomado como termo de referência, a indeterminação abstrata cessa automaticamente, e a geometria de Euclides, que mais se aproxima do mundo real, adquire a primazia. Mas, se em vez de considerar o mundo exterior na escala macroscópica, nós nos referirmos ao mundo subatômico não há que estranhar não se adapte a ele a geometria grega, e que, ao revés, um sistema não euclidiano, convenientemente construído, se acomode melhor com o conjunto das leis a ele correspondentes. A geometria de Euclides é uma ciência física por sua adequação ao mundo de nossa escala. Os sistemas coordenados em torno de axiomas apriorísticos por Lobatschevsky e Bolyai, Rieman, Poincaré, Klein, Hilbert, Laguerre ou Cartan, também serão uma ciência física na medida de suas aplicações possíveis a qualquer outro domínio real.

A harmonia entre o abstrato e o concreto é uma condição essencial imposta pela filosofia positiva a quaisquer de suas teorias. Se assim não fosse, a ciência, submersa em divagações sem fim, que caracterizam propriamente a metafísica, não poderia preencher o seu duplo destino de prever e prover. Estas poucas indicações sobre a teoria do conhecimento formulado por Augusto Comte põem em relevo o papel representado pela abstração na formação da ciência, cujas aplicações estão inevitavelmente sujeitas a certo grau de indeterminação. Se, em seu tempo, o mundo subatômico tivesse alcançado a importância que assumiu a partir da segunda década do nosso século, sem dúvida Raul Guedes teria encarado de outro modo as geometrias não euclidianas.

Outro professor notável de matemática do Ateneu Bôscoli foi Cecil Thiré, que ensinava aritmética, enquanto o filho do Diretor, engenheiro Galba Bôscoli, se revelou exímio no ensino da geometria. O francês era lecionado pelo catedrático do Colégio Pedro II Adrien Delpech. Sabia de cor cenas inteiras das tragédias de Corneille e Racine e as declamava com a segurança de um ator da Comédie Française. Incentivado por suas aulas, li, por esse tempo, todo o teatro de Corneille e Racine e também os **Mártires** de Chateaubriand.

Bom professor que tive ainda no Ateneu Bôscoli foi David Peres. Lecionava com grande encanto, **História Universal**, enquanto Roberto Seidl, com alta visão filosófica e social, tinha a seu cargo

a **História do Brasil**. Foi ele quem, sem o saber, me aproximou do Positivismo, como mais adiante relatarei.

Digno de menção é também o professor que complementava as aulas de português de Carlos de Laet. Refiro-me ao Diretor do Ateneu, José Ventura Bôscoli, homem excelente, que fazia questão de ministrar o seu ensino através de uma gramática de sua autoria, com nomenclatura extranha e diversa das demais gramáticas da época, talvez influenciado pela preocupação com o termo estrambótico, posto em voga entre nós a partir dos **Sertões** de Euclides da Cunha. Era tremendo na análise lógica dos **Lusíadas** e defensor acérrimo da grafia etimológica. Sob este aspecto, tornei-me, com ele, insuportável pedante. Em vez de ritmo escrevia **rythmo**, em vez de tísica, **phthysica**, em vez de fotógrafo, **photographo**, em lugar de aborrecer, **abhorrecer**, em lugar de fotofobia, **photophobia**, e assim por diante, fazendo questão de exibir minha sapiência etimológica nas cartas que, por esse tempo, escrevia a meus pais e até à minha avó.

Essa mania felizmente foi curada pelo próprio professor Bôscoli no dia em que me corrigiu uma prova onde a palavra **olfato** aparecia escrita com **f**. Ele considerou erro essa grafia, dizendo ser o certo **olphacto**, com **ph**, por se tratar — dizia ele — de palavra grega. Eu já possuía então, trazidos de Belo Horizonte conhecimentos de latim e de sua etimologia, e sabia ser a palavra **olfactus** exclusivamente latina, formada de **olere** — **cheirar** e **facere** — fazer, significando, portanto a faculdade de **fazer cheirar**. Procurei o professor Bôscoli na Diretoria do Ateneu e ele persistiu em sustentar tratar-se de uma palavra grega, só se rendendo à minha argumentação no dia seguinte, quando lhe levei os grandes volumes de Forcellini **Totius Latinitatis Lexicon** e Freund: **Grande Dicionário da Língua Latina**, traduzidos do alemão para o francês por N. Theil.

O professor Bôscoli era casado com uma senhora muito boa e distinta, Dona Cordélia Gonzaga Bôscoli, filha do Embaixador Gonzaga e da famosa maestrina Chiquinha Gonzaga. Eram seus filhos, Jardel, Gerdal, Galba, Geisa, Gelta e Zilda, Galba e Gerdal se saíam um como engenheiro, e, o outro como médico, enquanto os demais rapazes da família se tornaram muito conhecidos no mundo artístico e teatral. Gelta era casada com o Dr. Agnaldo Horta Barboza Ribeiro, que também lecionou português no Ateneu, e Zilda se consorciou com Luiz Rego Monteiro, com quem, mais tarde, me relacionei.

De meus colegas fiz-me muito amigo de Oswaldo Ganns, neto ou bisneto, se não me engano, pelo lado materno, do Visconde de Mauá e irmão de Cláudio Ganns que o obrigou a romper relações comigo quando aderi ao Positivismo. Tal era, nesse tempo, a intolerância católica de nosso **establishment** que ser positivista ou ateu era o mesmo que ser celerado irrecuperável. Oswaldo Ganns era além de muito bom, inteligente e estudioso. Faleceu prematuramente e dele até hoje guardo cartas com resumo de aulas de química por mim não assistidas.

PERDA DA FÉ

Até os quatorze anos conservei-me católico fervoroso, confessando-me e comungando com freqüência. Em começos de 1919, porém, tendo sido atropelada uma ex-empregada nossa, Rosalina, fui, com minha mãe, visitá-la numa casa de cômodos instalada em velho casarão da rua Carvalho de Sá, pouco acima da Igreja Nossa Senhora da Glória. Logo na entrada deparamos com crianças de três a quatro anos seminuas, muito magras e pálidas, de barriga estufada, num estado de sub-nutrição impressionante. Tudo nesse velho casarão denotava a miséria dos seus moradores. O quarto em que estava a nossa antiga empregada devia ter pouco mais de doze metros quadrados e nele, segundo nos declarou, dormiam na maior promiscuidade, oito, e, as vezes dez pessoas. Foi o meu primeiro contato violento com o sofrimento humano, passando, desde esse momento, a perguntar-me: sendo Deus onipotente, onisciente e de infinita bondade, como pode consentir tanta desgraça na terra?

Então me veio à memória o que havia lido com meu pai, no livro de Cícero sobre a *Natureza dos Deuses*, onde narra que perguntando Hierão de Siracusa a Simônides: “**Que coisa é Deus?**”, pediu-lhe o filósofo alguns dias para responder, findos os quais lhe disse: “**Quanto diutius considero, tanto mihi res videtur obscurior**” — “Quanto mais penso, tanto mais obscura se me apresenta a coisa”, conceito que, ao analisar com o professor Bôscoli a estrofe 80 do canto 10º dos *Lusíadas*, vi confirmado pelo vate luso:

“... mas o que é Deus, ninguém o entende
“Que a tanto o engenho humano não se estende”.

Pondo-me, a partir desse momento, a investigar o grave problema que me salteou na casa de cômodos da rua Carvalho de Sá, encontrei, na biblioteca de meu pai, o livro de Jules Carré: “*Démonstration de l'inexistence de Dieu*”, onde ele atribui a Epicuro, no terceiro século antes de nossa era o seguinte raciocínio, desde então, a meu ver inabalável:

“O mal existe. Todos os seres vivos sofrem, ora pelo corpo, ora pelo espírito. Padecemos pelas intempéries, pela miséria, pelas doenças, pela ignorância, pelos vícios, pelas injustiças, pelas guerras, etc. Crianças há que só nascem para sofrer e morrer. Homens existem de tal modo desgraçados que melhor lhes fora nunca haverem nascido. O mal existe, portanto: eis uma verdade incontrovertível. Ora, uma de três: 1ª. (Deus sabe que o mal existe, pode suprimi-lo e não quer fazê-lo — tal Deus seria mau, logo inadmissível); 2ª. Deus sabe que o mal existe, quer impedi-lo e não o pode; neste caso não seria todo poderoso,

e, conseqüentemente, é inadmissível; 3ª. Deus não sabe que o mal existe, donde Deus ininteligente, e, portanto, também inadmissível" (Apud Jules Carré: *Démonstration de l'inexistence de Dieu*", págs. 5 e 6 da ed. de Paris, 1912).

Logo, se Deus existe, ou não possui, em grau infinito, bondade, poder e inteligência, ou, se os possui, procede, como se não interferisse nos acontecimentos terrestres. Daí não há como fugir.

Não constituem os terremotos catastróficos, como o de Lisboa no século XVIII, cidade tão exaltadamente católica nesse tempo, a prova cabal de que se existe no Universo, um Ser Superior, ele não se ocupa com as minúcias do que ocorre em nosso miserável planeta?

Na observação de Pascal, há ainda mais: segundo as leis naturais, se Deus existe, é incompreensível, porque não tendo partes, nem limites, nenhuma relação apresenta conosco, escapando aos nossos sentidos e à nossa mensurabilidade. A concepção de Deus se torna, pois, a seu ver, um assunto muito mais de **sentimento** do que de razão: quem crê em Deus o **sente**, mas não o **demonstra**.

Por outro lado, quaisquer que sejam as opiniões adotadas sobre Deus, a alma, a criação, a eternidade da matéria, os milagres, o céu, o inferno, a Trindade, a encarnação e a crucificação de Jesus Cristo, de onde vêm e para onde vão os homens depois da morte, em nada essas opiniões modificarão o curso das coisas do Universo, chegando o maior sábio e santo ao termo de sua existência tal qual o mais completo imbecil e o mais execrável criminoso.

Fui, desde então, atormentado por cruciante perplexidade, ficando em condições de avaliar bem o sofrimento daquele "**grande mestre de teologia**" da Universidade de Paris, o qual, conforme conta Joinville em sua vida de São Luis, um dia procurou, sucumbido, o Bispo de Paris, a fim de dizer-lhe, debilhado em amargas lágrimas, que não podia mais obrigar o seu espírito a crer o que, sobre o sacramento do altar, ensina a Igreja.

Afligia-me, na perda de minha fé, o desmoronamento de que via ameaçados os princípios morais e sociais, que até aí me haviam norteado a vida, esteados todos na concepção de Deus, ministrada pelo Catolicismo. E, a partir desse momento passei a fazer aproximações entre as desordens morais e sociais de nossos dias e as que afligiram a Roma dos Césares, de que tomara conhecimento através de Tácito, Suetônio e Petronio.

Meu sofrimento decorrente desse estado de espírito, foi muito grande. Mais de uma vez procurei o confessor da Igreja São João Batista, na rua Voluntários da Pátria, e expus ao seu vigário, Padre Rosalvo Costa Rego, as angústias que me iam na alma. Em seus conselhos, como confessor, ele advertiu que o único remédio, para os problemas que me atormentavam, era a oração, cabendo-me implorar ardentemente a Deus que me concedesse de novo a graça da fé, afastando de meu espírito as dúvidas nele suscitadas pelo sofri-

mento das camadas pobres de nossa população. Numa dessas conversas lembrou-me que, diante do mesmo problema, caíra Santo Agostinho na heresia maniqueísta, passando a admitir dois princípios igualmente poderosos — o do Bem e o do Mal. Dela só se livrou ao rejeitar a razão no exame dessas questões para exclusivamente aderir à fé, que, não admite empreenda o homem penetrar nos imperscrutáveis desígnios e mistérios da vontade de Deus. Seria o mesmo que o barro a interpelar o oleiro por fazer dele um vaso desta ou daquela forma.

Por mais porém que rogasse e apelasse para a graça divina no sentido de restituir-me a fé perdida, jamais a recuperei e atravessei perto de quatro anos em cruel descrença e pessimismo, deleitando-me, nessa fase, com a leitura de Nietzsche e Schopenhauer, sobretudo as **“Dores do Mundo”** deste último, numa tradução se não me engano, de Albino Forjaz Sampaio, editada em Lisboa. Assim me mantive até meados de 1922.

Epitácio Pessoa, sobrinho do Barão de Lucena, fora recebido com sérias restrições pelos positivistas ao ascender à Presidência da República, visto acharem que era um saudosista da monarquia, sendo disto indubitável indício haver restabelecido as ordens honoríficas prescritas pela nossa Constituição de 1891, a qual mantivera, sob este aspecto, as tradições da Revolução Francesa. Contra ele tomou posição veementemente Reis Carvalho, e, em represália, Epitácio o transferiu do seu posto da Alfândega do Rio para a de Manaus. Era esta uma cidade inóspita, e, vindo a adoecer, Reis Carvalho pediu uma licença a fim de tratar-se no Rio. Para embarcar, exigiram-lhe, porém, de acordo com recentes determinações do Governo Federal, atestado de vacina. Insurgindo-se, contra esta última, velho cavalo de batalha de seus correligionários da primeira geração, Reis Carvalho requereu um habeas-corpus ao Supremo Tribunal Federal, através do Dr. Bagueira Leal e do Dr. Otávio Murgel de Rezende. Meu pai que adquirira, em seu convívio com João Pinheiro, simpatias pelo Positivismo, lhe deferiu o pedido em longo voto exarado na sessão de 19 de abril de 1922 o que levou o Dr. Bagueira Leal a oferecer-lhe várias publicações do Apostolado Positivista do Brasil, entre as quais o **“Esboço Biográfico de Benjamin Constant”**, da lavra de Teixeira Mendes.

Concluindo eu então os meus preparatórios, devia nesse ano, prestar exame de História do Brasil. Em meados de abril, tendo de faltar algumas aulas, o professor dessa matéria, Roberto Seidl, determinou lhe apresentassem os seus alunos, por escrito, nos primeiros dias de maio, os seguintes trabalhos: **“Qual o papel de Benjamin Constant na fundação da República?”** Merecem aplausos as intervenções do Brasil no Prata? Foi benéfica ao Brasil a influência do Marquês de Pombal?

Os compêndios de História do Brasil apenas consignavam, nesse tempo, a propósito da fundação da República, que o Tenente-Coronel Benjamin Constant também participou do movimento revolucionário, coadjuvando Deodoro. Procurei, pois, meu pai e disse-lhe que, tendo

acompanhado, como estudante em São Paulo, os antecedentes da República, talvez pudesse fornecer-me dados para o ponto pedido a propósito da atuação de Benjamin Constant. Deu-me ele então o **"Esboço Biográfico de Benjamin Constant"** por Teixeira Mendes que dias antes, recebera do Dr. Bagueira Leal e me declarou: "Muito mais do que qualquer esclarecimento de minha parte sobre Benjamin Constant e a fundação da República, vai valer-lhe o livro de um dos nossos homens mais notáveis. É o chefe dos positivistas ortodoxos do Brasil e alia, a enorme saber, insuperável correção moral. Ainda há poucos dias li um artigo em que se dizia ser este volume de Teixeira Mendes, pela independência e honestidade, um dos mais sérios de nossa bibliografia histórica."

Observava Bossuet ser a **"conversão uma iluminação súbita"**. Foi o que ocorreu comigo ao ler o livre de Teixeira Mendes, embora literariamente, devo confessar, deixe muito a desejar, não sendo de leitura fácil. Muitos anos depois cheguei a almejar a perda de minha memória para lê-lo, como o fiz pela primeira vez, isto é, com o deslumbramento que, nessa quadra se apossou de mim. Foi o momento mais decisivo de minha formação, desvendando-me um mundo moral, social e cultural inteiramente novo para o qual estava amadurecidamente preparado. Por pouco se repetiu em minha leitura do **Esboço Biográfico** o episódio daquele abade do século XVIII que pretendendo assinalar os trechos mais belos da Ilíada ao concluir-lhe a leitura viu ter marcado o poema inteiro. Mais tarde pude verificar, diante do que havia acontecido comigo a procedência da observação de Pierre Laffitte, segundo a qual opositivista *nasce* e não se faz. Eu já era positivista sem o saber, e, por isto, devorei o volume de Teixeira Mendes com um encantamento que nunca mais encontrei em outro livro. Adotei-lhe todas as teses, inclusive as relativas à Guerra com o Paraguai, que Roquette Pinto, frequentador assíduo das conferências de Teixeira Mendes no Templo da Humanidade, admiravelmente resumiu no discurso com que, em 3 de março de 1928, sucedeu a Osório Duque Estrada na Academia Brasileira de Letras.

O professor Roberto Seidl gostou de tal modo de minhas composições sobre os pontos por ele dados para a dissertação de seus alunos que me aconselhou a guardá-las, o que fiz, Relendo-as, para escrever estas memórias, vejo que assim conclui a propósito do papel de Benjamin Constant na proclamação da República.

"Se não fosse Benjamin Constant, o levante de 15 de novembro não teria passado de simples movimento de quartéis, uma banal mudança de ministérios. A César o que é de César. A Benjamin Constant, pois, a glória da fundação da República! Para que alguém se compenetre da magnitude do papel de Benjamin Constant, é preciso que leia o maior mestre sobre o assunto — Teixeira Mendes, em sua obra gigantesca, monumental: **Esboço Biográfico de Benjamin Constant.**"

Através do livro de Teixeira Mendes estava feita a minha adesão ao Positivismo, do qual, até então, nada conhecia, somente sabendo, de modo vago, pelo que ouvia em minha família ter sido João Pí-nheiro seu adepto. Não contente com a leitura de tudo que meu pai possuía em torno de Augusto Comte e de sua doutrina, fui com ele, num domingo de maio de 1922, ao Templo da Humanidade erigido por Miguel Lemos e Teixeira Mendes no Rio de Janeiro. Iamos ouvir uma exposição da doutrina de Comte a ser feita, ao meio-dia, pelo Dr. Bagueira Leal.

O corpo do templo é formado por vasta nave retangular e um recinto em semicírculo, onde se acha o altar da Humanidade, constituído por grande quadro em cujo entablamento, acompanhando-lhe a curvatura superior, se lê, gravado em caracteres verdes, o verso de Dante:

“Vergine madre, figlia del tuo figlio”

Sobre uma coluna destaca-se ao pé do quadro, o busto de Augusto Comte cercado por outro verso da Divina Comédia:

“Tu duca, tu signore e tu maestro!”

Na frente do busto está a tribuna de forma poligonal, ostentando no alto, em letras verdes, ainda um verso do florestino:

“Vien dietro a me, e lascia dir le genti”

Num dos lados do semicírculo se vê um quadro com Dante e Beatriz, e, ao longo da nave, abertos simetricamente nas paredes, quatorze nichos abrigam bustos policromos. Destes treze evocam os principais promotores do progresso humano, que dão os seus nomes aos meses do Calendário Histórico instituído por Augusto Comte. Do lado direito, Moisés recorda a teocracia inicial; em seguida, Homero personifica os primórdios da poesia; depois Aristóteles — a filosofia dos antigos; Arquimedes a sua ciência; César a civilização militar; São Paulo o Catolicismo e, finalmente Carlos Magno a civilização feudal. No lado esquerdo é glorificado o evolver da Humanidade nos tempos modernos e o primeiro a aparecer é Dante encarnando a poesia épica; depois Gutemberg — a indústria; Shakespeare o drama; Descartes a filosofia; Frederico II a política; Bichat a ciência, e, por fim, no décimo quarto nicho, Heloisa relembra a mulher santificada pelo amor.

O oficiante iniciou a cerimônia com a saudação de São Bernardo à Virgem no derradeiro canto do **Paraíso**. E, assim, em meu primeiro contato com o Templo da Humanidade, deparei com Dante nada menos de sete vezes. Em seguida, aprofundando o estudo do Positivismo e tomando conhecimento do sistema de leituras conse-

lhado por Comte, saltou a menos olhos a **Divina Comédia** — “a incomparável epopéia em que até aqui reside o melhor título da arte humana”, nas palavras do filósofo.

Envergando, com apuro, um paletó preto, colarinho duro e gravata preta, com a barba bem escanhoada, era o Dr. Bagueira Leal uma figura que se impunha pela dignidade e finura do trato. Era, além disto, um bom conferencista. Sem arroubos oratórios, a sua exposição prendia o auditório pelo seu espírito sintético e pela clareza com que apresentava os conceitos científicos, filosóficos, sociais e morais do Positivismo. Passei a ouvi-lo religiosamente aos domingos muitas vezes acompanhado de meu pai, e nas chamadas festas sociolátricas instituídas pela Igreja Positivista. As suas preleções apresentavam um começo, um meio e um desfecho sempre harmoniosamente dosados, sendo grande a sua capacidade didática.

Considerando, desde então, o Positivismo um elemento primordial de minha felicidade, pondo fim à dúvida, à descrença e ao pessimismo, em que me deixara a perda do Catolicismo, julguei-me no dever moral de propagá-lo tanto quanto estivesse em mim, porque assim poderia beneficiar outros que passassem pela dolorosa crise moral e intelectual do que acabara de sair.

Pus-me, então, a ler os seis volumes do **Curso de Filosofia Positiva** e todas as obras de Comte e de seus discípulos biógrafos e comentadores sem me deixar impressionar com as dissensões que os afastassem, num ou noutro ponto, da doutrina de seu Mestre. E li também com a sofreguidão de quem, atormentado pela sede do deserto, encontra água pura num oásis, as quatro secções da Biblioteca planejada por Comte: Poesia ou Literatura, Ciência, História e Síntese ou Filosofia.

Tem a seleção de obras organizada pelo filósofo o objetivo de sugerir e não o de excluir leituras. Partindo do princípio cartesiano de ser a leitura uma conversação com os autores, tomou, como norma, escolher em cada gênero, os maiores escritores e as suas obras unanimemente consideradas mais perfeitas. É assim que a parte literária de sua seleção começa com Homero, Esquilo, Sófocles, Aristófanes, Píndaro e Teócrito entre os gregos antigos, seguidos de Plauto, Terêncio, Virgílio, Horácio, Lucano, Ovídio, Tibulo e Juvenal, entre os romanos.

Como amostra típica da Idade Média, indicou os **Fabliaux** recolhidos, no século XVIII, por Legrand d'Aussi, seguidos de Dante, Petrarca, Ariosto, Tasso, Metastásio, Alfieri e Manzoni. Além do teatro espanhol escolhido, abrangendo as melhores peças de Lope de Vega, Calderon de La Barca, Tirso de Molina e demais dramaturgos castelhanos, incluiu o **Dom Quixote** e as **Novelas Exemplares** de Cervantes, seguido de Corneille, Moliere, Racine, Voltaire, La Fontaine, Le Sage e Chateaubriand. Dos ingleses, figuram Shakespeare, Milton, De Foe, Goldsmith, Fielding, Walter Scott e Byron, completados por Goethe como representante da Alemanha e as Mil e Uma Noites, os populares contos árabes.

As obras do setor científico constituíam um roteiro provisório porque a ciência está sempre em desenvolvimento e incluíam o que então havia de melhor sobre as ciências básicas — matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. Na parte da História, estão arrolados os mais importantes autores do gênero desde Heródoto, Tucídides, Plutarco, César, Tácito, Dávila, Commines, Celline, Gibbon, Robertson, Hallam, Hume, Bossuet, Abade Claude Fleury, Abade Barthélemy, até Voltaire, Winckelmann, Mignet, Cook e Chardin.

Finalmente, na seção de filosofia, além da Bíblia e do Corão, encontram-se a **Política e a Moral** de Aristóteles, a **Cidade de Deus**, **As Confissões** e o **Comentário do Sermão da Montanha** por Santo Agostinho, o **Tratado do Amor de Deus** de São Bernardo, a **Imitação de Cristo** por Tomás de Kempis, o **Discurso sobre a História Universal** por Bossuet, os **Ensaio Filosóficos** de Hume, a **História da Astronomia** por Adam Smith, o **Quadro dos Progressos do Espírito Humano**, por Condorcet, a **Política extraída das Sagradas Escrituras** por Bossuet, o **Tratado do Papa** de Joseph de Maistre, a **Interpretação da Natureza** e a **Dissertação sobre os Cegos e Surdos** de Diderot, o **Discurso do Método** de Descartes, o **Novum Organum** de Bacon, as **Relações do Físico e do Moral** por Cabanis, as **Cartas sobre os Animais** de Jorge Leroy, o **Tratado sobre as funções do cérebro** por Gall, os **Pensamentos** de Cícero, Epicteto, Marco Aurélio, Pascal e Vauvenargues, as **Considerações sobre os Costumes** por Duclos, entre muitos outros livros de igual valia, que constituem as mais altas manifestações do espírito humano na poesia, na ciência, na história e na filosofia.

Consagrando-me, com entusiasmo à leitura, desde menino, a Biblioteca aconselhada por Augusto Comte, por mim avidamente procurada e adquirida nos sebos, principalmente do velho José Matos e do meu querido Carlos Ribeiro, foi para mim, um maná do céu. A fim de aproveitá-la devidamente muito contribuiu a cultura humanística que adquirira ao ler os clássicos romanos nas aulas com meu pai, que também me orientara no trato do que apresentavam de mais característicos os escritores do Brasil, Portugal, Espanha, França, Itália e Inglaterra.

Na Igreja Positivista frequentei, além das conferências dominicais do Dr. Bagueira Leal, um esplêndido curso de Filosofia Primeira, ministrada por Sílvio Vieira Souto e uns comentários à **Síntese Subjetiva** por Luiz Bueno Horta Barboza, antigo catedrático por concurso do Ginásio de Campinas.

Travei então conhecimento com Teixeira Mendes e com vários jovens positivistas, dos quais me tornei amigo: Paulo e Trajano de Berredo Carneiro, Rodolfo Paula Lopes, filho do catedrático de Biologia do Colégio Pedro II, Rubem Descartes de Garcia Paula, Benjamin Barradas, Alberto Pizarro Jacobina, Jair Porto, Henrique Baptista da Silva Oliveira, Vinicius de Berredo, Carlos Palhano de Jesus e Luiz Hildebrando Horta Barbosa.

Em 1924 Paulo Carneiro nos deu, no pavimento térreo da residência do Professor Rodolfo Paula Lopes, na Rua Silveira Martins, um excelente curso de química sob a orientação positivista, ao qual assistimos os dois Paula Lopes, pai e filho, João Francisco de Souza, Rubens Lopes e José de Albuquerque, todos três estudantes de medicina, Alberto Pizarro Jacobina, Benjamin Floriano Barradas, Francisco Baiardo Horta Barbosa, Luis Hildebrando Horta Barbosa e eu.

Manifestação típica do meu estado de espírito, nessa quadra, é o discurso que, em 24 de novembro de 1925, proferi na Sala Daniel Encontre do Templo da Humanidade ao encerrar-se o curso de Filosofia Primeira ali ministrado por Sílvio Vieira Souto a um grupo de moças e rapazes positivistas. Desse discurso extraio alguns tópicos característicos:

— A Religião da Humanidade é a síntese suprema em que se resume o labor das gerações que nos precederam termo radioso alcançado por nossa espécie, depois de haver passado pelo Fetichismo, pelo Politeísmo e pelo Monoteísmo. Em cada uma dessas fases, que formam a evolução social preparatória, foi feita a cultura progressiva dos três atributos de nossa natureza: o sentimento, a inteligência e a atividade. A soma de esforços representada por essas três fases é imensa. Os seus obreiros, escalados através dos séculos, estão unidos pelo desejo comum de melhorar nossa espécie. Reconheçamo-lhes os serviços, venerando-lhes a memória e inspirando-nos em seu exemplo para levar a cabo a evolução social definitiva. O que eles prepararam e buscaram, com tamanho afã pode tornar-se uma realidade graças ao Positivismo. A felicidade humana, que se idealizara de tantos modos nas utopias celestes e terrestres, construídas por numerosas almas nobres, há de ser obtida através dessa doutrina tão bela quanto verdadeira. Ela renova, melhorando-o o exercício do sentimento, do pensamento e da atividade. Ao antigo egoísmo das razões teológicas substitue motivos sociais inteiramente desinteressados. Em vez do regime arbitrário e confuso das vontades sobrenaturais, introduz a exatidão das leis demonstráveis na explicação da Ordem Universal. Na política substitue o dever ao direito, a indústria à guerra e estabelece, entre os sentimentos, as idéias e os atos uma convergência jamais sonhada. É, portanto, a mais profunda revolução e a mais universal a que jamais haja aspirado a Humanidade. Fundar a harmonia geral da espécie, ao consolidar a Família, a Pátria e a Igreja, elementos eternos da existência social, é alicerçar suas relações necessárias em bases mais seguras. Aperfeiçoando, por toda parte, a Ordem Universal, sobretudo humana, a Religião Final não concorre menos para o progresso: desenvolve, em todos os sentidos, a natureza do homem e dirige todos os seus esforços para a conquista dos tesouros espirituais: o belo, o bom e o verdadeiro. Libertando, em nome da ciência e da moral, de degradante miséria a imensa classe daqueles que concorrem para produzir toda a riqueza, oferece aos proletários as bases de uma família condigna. Respeitando a ordem, assegura a liberdade e separa os dois grandes poderes teó-

rico e prático. Reconstituindo o poder espiritual, o eleva à sua completa generalidade, tornando-o suscetível de estender-se à espécie inteira.

E, mais adiante, prosseguia eu: “Congreguemo-nos, pois, meus amigos, para apressarmos o advento dessa era em que por toda parte o homem, cidadão da Terra, estenderá ao homem a mão fraterna, a fim de enriquecer a Pátria comum fecundando e abençoando essa mesma Terra de que depende a existência geral, melhorando-a e embelezando-a para transformá-la enfim no Éden sonhado nos primórdios da Humanidade. Para tal é imprescindível que a ação dos positivistas sobre os seus contemporâneos se exerça através do exemplo de um procedimento ilibado. Persuasão, demonstração, devotamento, eis os meios que devemos empregar para o prevalecimento da religião universal. Desprendamo-nos dos interesses pessoais que nos aferram ao presente e nos dirijamos com firmeza rumo ao futuro. Vivamos, em espírito, com os nossos descendentes para fazê-los felizes. Que o amor da Humanidade inflame as nossas almas e guie os nossos passos.”

Como se vê dos extratos aqui transcritos, o encerramento do curso de Filosofia Primeira, em novembro de 1925, proficientemente ministrado por Silvio Vieira Souto na Igreja Positivista, propiciou-me calorosa profissão de fé. Ao lê-la cinquenta anos mais tarde, penso que os jovens de hoje podem considerá-la ingênua e utópica. Não de concordar, porém, que, sem entusiasmo, nada se consegue de grande e de nobre no mundo. Se as duas guerras mundiais de nosso século exacerbaram o egoísmo de nossa espécie, levando os homens embrutecidos pelo terror do amanhã, a se degradarem em gozos fáceis e desordenados, se romperam o pequeno verniz de moralidade da civilização dominante na **belle époque** não deixa de ser verdadeiro que grande parte da humanidade continua em busca de um ideal que a eleve e lhe restitua a consciência de sua própria dignidade.



Agosto de 1958 (dia da eleição de Ivan Lins) Mucio Leão ao dar notícia de sua vitória.



Entrega ao Acadêmico Ivan Lins da Condecoração de Isabel, a Católica, na Embaixada da Espanha.

TOMÁS DE AQUINO — ATUALIDADE DO FILÓSOFO

NO VII CENTENÁRIO DE SUA MORTE

Alguns escritores, como Taine, increpam o Santo Tomás de haver tratado de temas fúteis como o de saber “se o corpo de Cristo se move no movimento da hostia e do calice durante a consagração”, se a pomba na qual apareceu o Espírito Santo, era um animal verdadeiro”, “se o conhecimento dos anjos é o mesmo pela manhã e a tarde?”. Esquecia-se, porém, Taine da advertência de Augusto Comte segundo a qual ninguém pode ser julgado senão no quadro de seu tempo “o homem é de seu século mesmo a seu pesar”.

Se esses problemas eram os que mais apaixonadamente interessavam os seus contemporâneos, que podia Santo Tomás fazer senão procurar solucioná-los? Foi o que, um século e meio antes de Taine salientou, em sua *História Eclesiástica* o amigo de Bossuet e cartesiano entusiasta — Abade Claude Fleury — que, depois de registrar vários proposições como os censurados por Taine observava. “Por aqui se vê a razão pela qual Santo Tomás de Aquino e outros doutores de seu tempo trataram de tantas questões que hoje nos parecem inúteis”.

Ao lado, porém, de temas que incandesciam os espíritos em seu tempo e hoje só nos despertam sorriso, inúmeros outros se encontram na Suma de caráter permanente versados com superior critério e espírito científico. Explica-se, assim que a partir de 1800 até 1967, isto é, em apenas 167 anos já haviam sido publicados nada menos de quinze mil estudos históricos e doutrinários sobre Santo Tomás de Aquino, número que hoje talvez ultrapasse a vinte mil.

Em sua magistral *“História das doutrinas cosmológicas de Platão a Copérnico”* Pierre Duhem tece o seguinte hino ao gênio científico de Santo Tomás de Aquino: “Ele foi, dentre os escolásticos latinos, o primeiro a apanhar o espírito da doutrina de Aristóteles, o primeiro a compreender que força ela tirava da precisão das defini-

ções e do rigor dos raciocínios; essa beleza pura, e como que geométrica, que o peripatetismo hauria de sua perfeição lógica, ele soube preferi-la à poética abundância dos discursos neo-platônicos.”

E Pierre Duhem dá como prova da sagacidade científica de Santo Tomás de Aquino haver sido ele em toda a história da matemática, o primeiro a ter a noção de massa, em mecânica, noção que, pela prematuridade com que a formulou em seu tempo, se perdeu e só foi retomada perto de quatro séculos mais tarde, por Galileu e Descartes.

Outra, vista científica de Santo Tomás, de grande alcance, antecipando-se de muito à sua época, e a atinente às marés produzida, a seu ver pela atuação da lua sobre o mar. E assim se torna um dos predecessores de Kepler nos delineamentos da teoria da gravitação universal e de Newton na demonstração que dela faz em seus princípios matemáticos da Filosofia Natural.

A TIRANIA

Sustentava Santo Tomás que o “o reino não é feito para o rei, mas o rei para o reino”. Sendo assim, as leis só obrigam, na medida em que são justas. Se o Estado ou o governante estabelece leis para satisfazer sua própria cupidez ou sede de glória, se iniquamente reparte os impostos entre os cidadãos, ou se os que estabelece excessivos e desproporcionados ao bem a que visam, então tais leis são injustas e ninguém, em consciência, é obrigado a obedecer-lhes.

Muito diversamente de Bossuet ao defender, no século XVII, o absolutismo monárquico em sua “Política tirada das Sagradas Escrituras”, Santo Tomás assim se externa sobre a tirania na Suma Teológica:

“O regime tirânico — escreve ele — não é justo, pois não é organizado para o bem comum, porém em proveito de quem governa, como o evidencia o filósofo no III livro da Política (cap. V) e no VII da Moral (cap. X). E, portanto, derrubar esse regime não oferece caráter de sedição, senão quando porventura o regime tirânico é substituído com tal desordem que a multidão a ele sujeita mais sofre das consequências da revolução do que do próprio regime tirânico. Mais sedicioso é, porém, o tirano que alimenta discórdias e sedições no povo a ele subordinado, a fim de poder dominá-lo mais seguramente. E tirânico é o regime organizado no interesse próprio de quem governa com prejuízo da multidão”.

Figura Santo Tomás na plêiade dos grandes romancistas da Idade Média — proclama o jurista alemão Rudolf von Ihering, que, ao reeditar (3ª edição) sua grande obra *Der Zweck an Recht* (O objetivo do Direito) Leipzig, 1898, t. II, página 161, teve a lealdade de confessar: “Um crítico de meu livro (W. Hofoff) me demonstrou, através de citações de Tomás de Aquino, que este grande espírito já havia conhecido exatamente a importância, a um tempo concreta, social e histórica, da ordem moral. Não posso eximir-me à censura

de tê-lo desconhecido mas esta censura incide ainda, com mais peso, sobre os filósofos modernos e os teólogos protestantes, que desdenharam utilizar as grandiosas concepções desse pensador. Eu me pergunto, com pasmo, como foi possível que tais verdades, depois de haverem sido enunciadas outrora, tenham tão completamente caído em esquecimento em nossa ciência protestante? De quantos erros teria esta última podido livrar-se se os tivesse meditado? No que me tange, eu não teria talvez jamais escrito o meu livro, se as tivesse conhecido, porque as idéias fundamentais, que tanto me preocuparam, se acham expressas e formuladas de modo conciso, numa total clareza, por esse poderoso pensador”.

Por outro lado Hugo de Grotius sustentava que, em suas considerações acerca da justiça, Santo Tomás de Aquino lançou as verdadeiras bases do direito internacional.

A MORAL

Defendia o Doutor Angélico a legitimidade das paixões e das tendências naturais do homem, não devendo a moral ter por finalidade proibir os impulsos da natureza, mas apenas ordená-los e discipliná-los de conformidade com o razão, no que é um predecessor de Descartes em seu Tratado das Paixões.

É erro, segundo Santo Tomás, ensinar, como o faziam os albigenses e outros heréges de seu tempo, seja pecado toda relação sexual, o que redundaria em colocar o pecado na própria raiz dessa célula social, eminentemente natural, que é a família. O uso dos órgãos sexuais é perfeitamente normal, quando regulado pelo seu próprio fim — a reprodução.

Considerados em si mesmos — continua Santo Tomás — “os prazeres sexuais são tão legítimos quanto os da mesa. Assim como estes naturalmente acompanham as funções necessárias à conservação do indivíduo, aqueles se associam, com a mesma naturalidade, aos atos necessários à conservação da espécie”. O que é condenável, a seus olhos, não é o ato sexual em si, mas os seus desregramentos e desvios.

Para o Doutor Angélico, as paixões não são boas nem más, tendo-se exprimido inexatamente Cícero ao qualificá-los, nas “Tusculanas”, de “doenças da alma”. Não constitui uma doença, para a alma, ser unida ao seu corpo e ressentir sensivelmente as modificações a ele ligadas. Só quando escapam ao controle da razão podem as paixões ser tidas como doenças. Longe, pois, de excluí-las, a sabedoria prática se consagra a regulá-las, e, por isto, se insurge Santo Tomás contra o estoicismo.

A colera, por exemplo, em certas circunstâncias é, para ele, perfeitamente cabível, quando, por exemplo, se apresenta como a manifestação passional de um desejo ou, aspiração de justiça. Seu valor moral depende do uso que dela se faça. Um homem absolutamente incapaz de encolerizar-se é para ele — um anormal. É uma

vontade débil, uma natureza viciosa visto ser incapaz de uma reação que seria, em certos casos, inteiramente justificada..

Tal qual aconteceria, no século passado, com Augusto Comte, e, entre nós, em nossos dias, com o Padre Francisco Leme Lopes S.J., Santo Tomás era partidário da pena de morte para os assassinos irrecuperáveis. Na sociedade, os indivíduos não são senão partes de um todo e assim como o cirurgião deve amputar um membro gangrenado a fim de salvar a vida do individuo, pode tornar-se necessário ampute a sociedade um de seus membros, de tal modo corrompido que possa constituir uma ameaça para todo o corpo social. Neste caso torna-se a pena de morte justificada. Mas deve ser cercada das maiores cautelas e só ordenado pela justiça regularmente constituída.

A filantropia moderna repugna a pena de morte. Mas pergunto: há assassinos contumazes autores de reiteradas e horripilantes mortes. Feras humanas, absolutamente imodificáveis nos próprios presídios continuam a matar. Que é preferível: mantê-los presos, em perpétuo sofrimento, com o permanente risco de sua fuga e o reinício de sua sanha assassina, ou eliminá-los depois de cautelosamente julgados e aplicar o que com eles gasta o Estado no amparo e educação da infância abandonada?

As crianças indigentes são, em nossos dias, deixadas no mais desesperador abandono e, quando, pelo conjunto de seus antecedentes, infringem, na idade adulta, as prescrições do código penal, são condenadas a longo segregamento da sociedade, a qual, só então, em mal-entendida filantropia, para elas volta sua atenção, procurando irrisoriamente regenerá-las. Não seria mais humano e, ao mesmo tempo, mais racional proporcionar-lhes a proteção de que carecem antes de se tornarem delinquentes, em vez de esperar que primeiro o sejam para depois intentar-lhes a reabilitação?

Não era como elemento de intimidação que Santo Tomás de Aquino, assim como Augusto Comte, preconizava a pena de morte, mas apenas tendo em vista a defesa da sociedade contra alguns indivíduos que constituem para ela permanente ameaça. Nada mais procedente a este propósito do que a ponderação de Alphonse Karr: "Concordo com a abolição da pena de morte, contanto que os senhores assassinos comecem a dar o exemplo"...

Vejamos agora como Santo Tomás encarava a elegância feminina. Para ele, não há mal em alguém, homem ou mulher, vestir-se bem. As roupas são uma necessidade da vida humana e nada mais natural do que usá-las para proteger-nos contra o frio, o calor e as intemperies. Mas é preciso usá-las com decência e simplicidade, levando em conta os hábitos de cada época e a situação social de cada individuo. Não devemos vestir-nos nem com ostentação, nem com negligência e é sob este duplo ponto de vista que convém julgar cada caso particular. É o que ocorre com a elegância feminina, na qual alguns pretendem vislumbrar um pecado mortal. A isto responde Santo Tomás na observação de Gilson, com o seu contra mais espantoso do Suma Teológica: "Se a elegância feminina fosse um pe-

cado mortal, todo os costureiros e modistas nele incidiriam. Mas, na realidade, o problema é um pouco mais complexo. Que ocorreria se uma mulher casada descuidasse, de seu vestuário? Seu marido não lhe daria atenção e quando um marido não se preocupa com a sua mulher, começa a preocupar-se com as alheias. E pois, perfeitamente legítimo procure uma mulher agradar a seu marido, e se não for por outro motivo, deve fazê-lo ao menos a fim resguardá-lo contra o adultério”.

Para um homem, que só conheceu as mulheres através dos livros, como lhe increpa J. Webert no volume “Saint Thomas d’Aquin, le génie de l’ordre”, estes conceitos revelam grande perspicácia e é possível ocorresse com ele o que de si mesmo confessou São Domingos Sentindo a aproximação da morte, fez em voz alta, perante doze de seus mais antigos companheiros, uma confissão geral, onde declarou haver conservado sua carne sempre pura e isenta de qualquer mancha. E acrescentou: “Embora a bondade divina me tenho preservado de qualquer mácula, eu vos confesso, entretanto, não ter podido escapar da imperfeição de encontrar maior prazer na conversação de mulheres jovens do que na de velhas”.

A PROPRIEDADE

Reconhecendo o direito de propriedade “na justa medida das necessidades” do proprietário, repelia Santo Tomás de Aquino a concepção individualista e absoluta que, vinda dos romanos, passou a dominar no capitalismo moderno, isto é, o “jus utendi et abutendi” — o direito de usar e abusar da riqueza. Não podendo esta ser criada, nem mesmo transmitida, apenas pelo seu possuidor, exigindo sempre a cooperação da coletividade, não pode, nem deve, nas palavras de A. Comte ser nunca puramente individual.

Se, portanto, nem todos podem tornar-se gestores do capital, em caso algum é admissível o pauperismo, isto é, “a miséria elevada à categoria de instituição social regular e permanente, pesando sobre classes inteiras que não conseguem viver, mesmo trabalhando”, de modo muitas vezes exaustivo, ou como dizia Leão XIII a Guilherme II da Alemanha: “O trabalhador explorado como um vil instrumento, sem consideração alguma para com sua dignidade de homem, sua moralidade e seu lar doméstico”.

Tal já era, essencialmente, o ponto de vista de Santo Tomás de Aquino é legítimo que cada qual tenha a propriedade do necessário para o seu uso. Mas o mesmo não ocorre a partir do momento em que alguns acumulam, a título de propriedades individuais, bens muito maiores do que podem gerir. . . .”

Não podia ser outra a atitude do Doutor Angélico já que seguia nesta matéria, o ensinamento de Aristóteles na **Política**, onde expressamente sustenta: “O melhor e preferível é que os bens pertençam aos particulares, mas que se tornem, por assim dizer, propriedade comum pelo uso que deles se faça”.

Tornam-se, assim, Aristóteles e Santo Tomás de Aquino precursores de Augusto Comte em sua teoria da gerência social, diversa da gerência capitalista da riqueza, porque, no primeiro caso, de acordo com o lúcido comentário de Hermes Lima, “o gerente atuaria como mandatário direto da sociedade, do serviço coletivo, administrador da coisa pública e, no segundo, procede como agente de negócios privados que só por intermédio do mercado, isto é, da venda e do lucro particular, se compõe com o interesse público. Um dia, porventura, dentre as conquistas da evolução moral, existirá uma ordem de gerentes sociais da riqueza, movidos pelo espírito religioso do serviço, homens em quem a extraordinária figura do empresário capitalista se renovará na de um dirigente da economia do povo inspirado pelo altruismo”.

Um dos mais importantes industriais do Brasil de nossos dias — Engenheiro Augusto Antunes — esposa com entusiasmo a doutrina social do fundador da Sociologia acerca do capital, fazendo dela o seguinte resumo.

“É preciso que tanto o capital quanto o trabalho se ponham conscientemente a serviço da coletividade. E preciso que os empresários e seus colaboradores se dêem conta da sua missão social e reconheçam que representam uma reduzida minoria a serviço da grande maioria formada pelas crianças, pelos jovens que estudam, pelos velhos, pelas mães que educam as gerações vindouras, pelos homens de ciências e de letras, pelos artistas, pelos clérigos e pelos sábios, enfim por todos os componentes da sociedade humana”.

A regulamentação social da riqueza pregada por Santo Tomás é um dos aspectos pelos quais Augusto Comte considerava o Doutor Angélico o elo que o religava, através da Idade Média, com Rogério Bacon e Dante, e Aristóteles, “o príncipe eterno dos verdadeiros pensadores”, colocado, pela natureza, neste mundo, dizia Alberto Magno, “como a regra da verdade e a medida da mais alta perfeição que possa o entendimento humano atingir”.

Depois de evidenciar que, segundo Santo Tomás, as perturbações mentais decorrem de distúrbios de órgãos localizados no cérebro, o Dr. Eduardo Krapf mostra haver sido o Doutor Angélico um precursor das doutrinas psicoanalíticas de nossos dias visto admitir a possibilidade da interpretação dos sonhos; podendo os médicos, através deles, reconhecer as disposições interiores de cada paciente.

Atribuindo as doenças mentais a distúrbios de órgãos cerebrais, estava Santo Tomás muito longe de aconselhar, para as dementes, o exorcismo dos maus espíritos, que teria sido, segundo alguns, a panacéia dos psiquiatras da Idade Média.

Também, na psiquiatria forense, foi importante a sua contribuição por sustentar não ser possível atribuir culpabilidade aos débeis mentais, incapazes de discernir o que seja um delito. Antecipou-se, assim, de muitos séculos, à responsabilidade limitada, aquisição muito recente em criminologia.

Eis por que o Dr. Eduardo Krapf termina o seu esplêndido estudo — Tomás de Aquino e a psicopatologia — ressaltando: “Tradição — nas palavras de Chesterton — não significa que os vivos estejam mortos, mas que os mortos continuam vivos. Neste sentido pode ser de indiscutível utilidade para os psiquiatras do século XX saber o que pensou e escreveu há setecentos anos um monge siciliano. Talvez nosso horizonte seja mais amplo do que o dele, mas, de certo modo, nos sustentamos sobre seus ombros e não devemos esquecer este mestre que, através de muitos séculos, continua fecundando nossa ciência”.

O pouco que aqui imperfeitamente concatenei em torno do Doutor Angélico e de seu universo mental justifica, de sobra, o tenha Dante posto no Paraíso vários anos antes de haver sido, em 1323, canonizado pelo Papa João XXII. Ao colocá-lo no Céu do Sol, não teve o cantor da Divina Comédia em vista somente o teólogo máximo da Igreja, mas ainda “o maior poeta da língua latina de toda a Idade Média”.

Os hinos de Santo Tomás de Aquino consagrados à Eucaristia são “verdadeiros tratados de teologia concentrada”, levando Remy de Gourmont a escrever: “Santo Tomás de Aquino é sempre de um gênio igual e seu gênio é formado de força e certeza, de segurança e precisão. Tudo quanto quer dizer, ele o afirma, e com tal vigor verbal, que a dúvida, amedrontada, foge”.

Ainda hoje, mais de cinquenta e cinco anos depois de tê-los traduzido nas aulas de latim que me eram ministrados por meu Pai, é com emoção — e não me acanho em confessa-lo quase com aquela nostalgia da fé, a que, em um de seus últimos livros, se referia Paul Bourget, que repito alguns versos do Hino ao Santíssimo Sacramento.

**Lauda, Sion, Salvatorem,
Lauda Ducem et Pastorem,
In hymnis et Canticis
Quantum potes, tantum aude.
(Louva, Sião, ao Salvador,
Louva ao Príncipe e ao Pastor,
Em teus hinos e cantares
Quanto possas, tanto ousa).**

Etienne Gilson, um dos maiores medievalistas de nosso tempo, autor de primorosa História da **Filosofia na Idade Média** e de uma admirável Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino, escreveu, em 1970, a Paulo Carneiro:

“Augusto Comte é o Aristóteles dos tempos modernos: o seu Curso de Filosofia Positiva, modelo de um plano de estudos aplicável a todas as Universidades de nossos dias, é a única enciclopédia, no sentido grego, desde Aristóteles, e dever-se-ia poder sempre atualizá-la e completá-la.”

Por outro lado, o crítico literário Ferdinand Brunetiere, membro da Academia Francesa e católico fervoroso, publicou, em 1905,

um livro — “**Sur les chemins de la Croyance**” em que preconizava, como primeira etapa, a utilização do Positivismo pela Igreja Católica, enquanto, em 1930, o escritor português Alfredo Pimenta advertiria em seus **Estudos Filosóficos e Críticos**:

“Há, na filosofia de hoje, uma grande obra a realizar... Essa obra consiste em fazer, para Augusto Comte, o que Santo Tomás de Aquino fez para Aristóteles”.

Possa a evocação do Doutor Angélico, no sétimo centenário de sua morte fazer surgir, em nossos conturbados dias, um pensador do seu porte que venha conciliar as aspirações da Igreja com a ciência moderna de modo a se conseguir maior harmonia nos espíritos humanos, levando-os a pôr termo ao ceticismo, à imoralidade, à guerra e à miséria, em bradante contraste com as conquistas da técnica, que, desacompanhada do aprimoramento moral do homem, em vez de propiciar-lhe felicidade, cada vez mais o condutor ao desespero e ao infortúnio.

Impõe-se à nossa época o esforço de novas pregações a inspirar idéias generosas, apoiados na ciência dignificada pela doutrina que tem, como lema, “o amor por princípio e a ordem por base, o progresso por fim!”

DOM VIÇOSO: UM DIVISOR DE MENTALIDADE

Comemorou-se este ano, em diversas cidades de Minas, o cinquentenário do falecimento de Dom Silvério Pimenta, Arcebispo de Mariana e uma das maiores figuras do clero brasileiro em todos os tempos. Sucessor de Alcindo Guanabara na Academia Brasileira, tomou posse em 28 de maio de 1920, sendo saudado através de um discurso cheio de malícia, senão de maldade, por Carlos de Laet. Faleceu, aos oitenta e dois anos, em 30 de agosto de 1922, tendo sido sucedido por Gustavo Barroso em 7 de maio de 1923. A sua cadeira — a de número 19 — tem, como patrono, Joaquim Caetano da Silva, e é hoje brilhantemente ocupada pelo sábio Silva Mello.

A obra capital de Dom Silvério Pimenta é, sem dúvida, a sua deliciosa **Vida de Dom Viçoso**, cujo estilo apresenta a mesma simplicidade e pureza vernácula da **Vida do Arcebispo Dom Frei Bartolomeu dos Mártires**, da lavra de Frei Luís de Souza, que constitui, com Camões, Vieira e Bernardes, um dos clássicos portugueses que ainda hoje se lêem com prazer. Mas, não é só pelo estilo que atrai e interessa a **Vida de Dom Viçoso** por Dom Silvério Pimenta. E que, através dela, se pode medir quanto, em menos de um século, mudou a mentalidade brasileira no atinente a certos pontos de vista do catolicismo. A primeira edição é de 1876, contando, portanto, noventa e seis anos. Pois bem: há um aspecto da **Vida de Dom Viçoso**, salientado e aplaudido por Dom Silvério, que faz a sua obra remontar, no tempo, pelo menos cinco ou seis séculos. Refiro-me ao ascetismo do santo Bispo de Mariana.

Das idéias vigentes na Idade Média decorreu o desprestígio em que caíram os banhos, logo após o predomínio do catolicismo: “Estreitamente preocupado com a pureza moral — escreve Augusto Comte — “esqueceu-se o catolicismo de constituir a purificação física o primeiro degrau da disciplina individual, assim descurada como inútil à salvação eterna”. “Nem um banho em mil anos!” — exclam-

mou Michelet, referindo-se à Idade Média. E preciso, porém, distinguir entre os que pretendiam atingir à santidade e o comum dos fiés. Entre estes era freqüente o uso do banho, até em companhia, principalmente em se tratando de amantes, que traziam a cabeça coroada de flores, o que, no dizer de Gautier, deu origem a condenáveis abusos. Existia mesmo, na Idade Média, a moderna profissão americana das "ladies barbers", isto é, de mulheres que se dedicavam a lavar a cabeça dos grandes senhores, e que, seja dito de passagem, não gozavam de boa reputação.

O ideal cristão é, como se sabe, identificar-se o crente com a Divindade, consagrando-se, o mais possível, à vida do espírito, desprezando, maltratando e espezinhando o copo — carne corrupta e detestável, fonte de pecado e abominação, trapo ignóbil que prende o espírito à terra — "cente guenille" chama-lhe Philaminte nas "Femmes Savantes". Daí esmagarem brutalmente os santos as mais legítimas manifestações da natureza, mortificando, desapiedadamente, a carne, através de jejuns, cilícios, disciplinas, etc., em verdadeiros "suicídios crônicos". Traduz bem esse espírito a pergunta de André, irmão de São Bernardo e como ele, cenobita, ao deparar, paramentada, uma de suas irmãs. "Pensas, acaso, ocultar toda essa pompa outra coisa além de podridão?"

É este ponto de vista que explica um dos mais espantosos episódios da vida de Santa Elisabete ou Isabel da Hungria, registrado pelo mais entusiasta e autorizado de seus biógrafos, o Conde de Montalembert. De volta da Igreja, encontrou um dia a Santa um mendigo e, trazendo-o para casa, lavou-lhe, ela mesma, os pés. Fale, entretanto, o próprio Montalembert: "Desta feita de tal forma se revoltou a natureza, que a Santa estremeceu, e a fim de vencer-se, acudiu logo dizendo a si mesma: "Ah! miserável saco, repugna-te isto? Pois sabe que é uma bebida preciosa e santíssima! E, dizendo estas palavras, bebeu a água de que acabava de servir-se".

Capaz de outro tanto, por estar imbuído das mesmas idéias, era o contemporâneo de Santa Isabel, São Luís, rei de França. Conta Joinville que, perguntando-lhe certa feita o rei que é o que ele preferia: "ou ficar morfético ou cometer um pecado mortal, respondeu sem pestanejar, com grande escândalo do santo preferir não apenas um, mas trinta pecados mortais... A opinião de São Luís — é claro — era exatamente a oposta por pensar "não haver lepra tão medonha quanto a do pecado mortal".

Dos mesmos princípios decorria também o celibato como o ideal do cristão, a fim de consagrar-se inteiramente à contemplação da Divindade, de modo que, se toda a espécie se convertesse ao catolicismo, e lhe realizasse inteiramente o tipo ideal de vida, desapareceria, dentro em pouco, o gênero humano, sendo o casamento apenas tolerado como uma concessão à fraqueza da carne, porquanto ensina São Paulo — "melhor é casar-se do que abraçar-se". Assim, convencia São Bernardo a seus irmãos e amigos casados a abandonarem suas mulheres e filhos para se fazerem monges, tornando-se, por isto,

o pavor das esposas jovens, tal qual Santo Ambrósio o fora das mães, que tinham filhas casadoiras, porquanto persuadia a todas a consagrarem, ao Senhor, a sua virgindade. É muito característica a este propósito, a veemente resposta do fundador de Claraval a um de seus irmãos casados, o qual hesitava em fazer-se monge, alegando que não obteria o assentimento de sua mulher: "ou ela consente ou morrerá" — foi a dura resposta do santo, que passava por possuir o dom da profecia.

Sendo, em linguagem monástica, sinônimos prazer e crime, toda atenção desviada para o corpo — essa miserável porção de carne, que impede a alma de evolar-se para junto da Divindade — era, aos olhos dos santos, falta grave. Registra o Abade Fleury que, em fins do quarto século as monjas da Alta-Tebaida não só não se banhavam, mas nem ao menos se permitiam lavar os pés, e São Fulgêncio nem mesmo para atender às prescrições médicas acedeu em banhar-se, tal qual, aliás, São Nilo. São João Crisóstomo, isto é, o boca de ouro, aconselhava, num sermão, que seus diocesanos de Constantinopla se abstivessem do banho. Nem todos, porém, o evitavam apenas para mortificar o corpo, fazendo-o muitos por pudor, a fim de não se contemplarem em estado de nudez, o que lhes poderia despertar maus pensamentos. Santa Olímpíada, por exemplo, banhava-se, mas sua pudicícia só lhe consentia fazê-lo de túnica, narra o Abade Fleury.

Como se vê, os entusiastas de Freud encontram vasto campo inexplorado na hagiografia católica. Várias regras monásticas, entre as quais as de São Bento e São Bernardo, proibiam terminantemente os banhos para os sãos, principalmente quando jovens, só permitindo a lavagem dos pés uma vez por semana. Em 1293, foi, em Constantinopla, pelo Patriarca Atanásio, condenado um monge, visto haver cedido à tentação de tomar um banho.

Enumerava Santa Teresa, entre os seus pecados graves antes de atingir à perfeição cristã, o prazer e a preocupação que tinha de trazer as mãos sempre limpas. Mais tarde, depois de ingressar no caminho da santidade, compreendeu o grande mal que havia nisso, como o confessa em sua autobiografia. O uso dos banhos era mesmo, na Espanha do século XVI, um dos traços distintivos dos mouros relativamente aos cristãos.

Quanto a D. Viçoso, deixemos falar D. Silvério Pimenta na "Vida" de seu santo antecessor na diocese de Mariana. Narra aí D. Silvério suportar D. Viçoso — transcrevo-lhe, textualmente, as palavras: "as picadas em extremo incômodas de pulgas e percevejos, sem jamais dar-lhes caça, nem mostrar que os sentia. O leito do santo Bispo de Mariana, quando lá de longe em longe fâmulos se lembrava de passar-lhe os olhos, não parecia menos que os quartéis de reserva de todos os percevejos do mundo. Ali estavam aninhados em todas as dobras das roupas, nas pregas do colchão, nas gretas do catre; era, enfim, uma lástima ver como essa chusma sem fim, invadindo aquele corpo velho e cansado, o devia de trazer em tormento

vivo. No que se via um singular retoque do sofrimento e mais da caridade deste varão, porque, apesar do muito que lhe faziam padecer, não tinha coração para matar um destes, nem outros bichinhos de semelhante ofício e indústria; e se acertava de os colher vivos, sãos e salvos os deixava ir e viver em muito boa paz, copiando fielmente a imagem do justo esboçada pelo Espírito Santo nos Provérbios, que os Setenta Intérpretes verteram do original com grande clareza, dizendo que o justo presta compaixão à vida de seus animais”.

Nos últimos anos de D. Viçoso, estando atormentado de reumatismo — é ainda Dom Silvério quem piedosamente o registra — prescreveram-lhe os médicos banhos, de que não guardava mais a memória da última vez em que deles se servira: “resolver, porém, o santo Prelado a resignar-se a este sacrifício, por seu delicadíssimo pudor, era toda a dificuldade. Depois de muitas impertinências dos familiares apenas conseguiram pô-lo em uma canoa cheia d’água em quarto tão escuro, que não penetrasse nele réstia de luz”.

Não creio que se encontre hoje, em todo o Brasil, um sacerdote que aceite o ponto-de-vista de Dom Viçoso, aplaudido por Dom Silvério Pimenta, ao transformar o seu corpo em pasto de pulgas e percevejos e a furtar-se sistematicamente ao uso do banho. Quem talvez hoje adira a esse ponto-de-vista, não são mais os sacerdotes e os católicos sinceros, mas os “hippies” que não se banham e em cujas bastas cabeleiras se têm alastrado criações de sevandijas, a ponto de motivarem a oportuna campanha, promovida pela Presidência da República, tendo o lema: “Povo desenvolvido é povo limpo” e organizando programas na televisão e nos cinemas com o bonequinho Sugismundo...

A COMICIDADE TRÁGICA DE MOLIÈRE

A comédia "Anfitrião", em três atos, considerada por alguns a obra prima de Molière sob o aspecto da versificação, é a adaptação de uma peça de Plauto. Introduziu-lhe, porém, o teatrólogo francês aperfeiçoamentos radicais, transformando-a por completo e tornando a cópia incomparavelmente superior ao original, ao imprimir-lhe vida nova e valorizar-lhe o conteúdo. O seu Sósia, por exemplo, é muito mais divertido e faz lembrar a verve de Rabelais. O tema nada tinha de moral e era uma alusão clara à hipocrisia reinante no clero francês diante dos adultérios públicos de Luís XIV, chamando Mme. de Maintenon ao Padre La Chaise, confessor jesuíta do Rei, "chaise de commodité", ou seja, em termos modernos, "a espreguiçadeira".

Apaixonando-se Júpiter por Alcmena, mulher de Anfitrião, que se achava distante numa guerra, e sendo ela honesta, a solução encontrada pelo chefe dos deuses para possuí-la, foi metamorfosear-se na figura do marido.

Esta peça foi representada em 1668, em pleno apogeu dos adultérios de Luís XIV com as mulheres de seus gentis-homens. Nenhum cortesão podia deixar de reconhecer, no Júpiter dessa comédia, o rei que então se fizera, às escâncaras, amante da Marquesa de Montespan, continuando, ao mesmo tempo, a manter amores adulterinos com Mademoiselle de La Vallière.

De conformidade com a "Política tirada das próprias palavras das Santas Escrituras" por Bossuet, os reis eram então considerados "uma espécie de Deuses da terra, participando, de algum modo, da independência divina". E, diante do que se passava em plena Corte, com Luís XIV e suas amantes, "teúdas e manteúdas", para usar uma terminologia das "Ordenações", adverte Molière que uma partilha de mulheres, com Júpiter, nada desonra:

“Un partage avec Jupiter
N'a rien du tout qui
deshonore . . .”

Este era um axioma da realeza de direito divino, que devia ser aceito sob pena de lesa-majestade, como, alguns anos depois, ocorreu em Portugal com a família do Marquês de Távora ao atentar contra a vida d'El Rei dom José I pelo seu adultério com a nora do Marquês.

Este episódio, como se sabe, deu origem a uma página antológica de Camilo Castelo Branco a propósito da decapitação e esquartejamento da velha Marquesa. O Marquês, seu marido, foi condenado a pena ainda mais cruel: foi rebentado vivo, a golpes de marreta, quebrando-se-lhe o tórax, as pernas e os braços, sendo, finalmente, queimado com o cadafalso. Seus filhos e seu genro foram estrangulados, esquartejados e queimados. E no processo se dizia ser fingido o pundonor do Marquês e de sua família, porque — transcrevo textualmente — “vassalo algum, em toda a Europa, intentou concorrer com a Suprema Majestade em semelhantes casos, visto achar-se o Trono muitas esferas acima da competência e temeridade dos vassalos”. E frisava-se ainda, no processo, “não ser a história antiga e moderna de Portugal estéril, mas antes muito fecunda em casos semelhantes, sucedidos com famílias muito mais opulentas e de maior vulto, sem que se seguissem outras conseqüências que não fossem, ou o sacrificio de um profundíssimo silêncio, ou, quando mais, a dissimulação de um prudente e decoroso retiro”.

Em Versalhes, o esposo ultrajado pela luxúria do Rei tinha também de baixar a cabeça, calando-se, e o “Anfitrião”, representado em 1668, parecia uma advertência clara ao Marquês de Montespan, de cuja mulher Luís XIV teve nada menos de seis bastardos, todos legitimados, tendo o mais velho, o Duque du Maine, nascido em 1670. O Marquês, a princípio, conformou-se, mas, como o adultério real com sua mulher não lhe estava rendendo o que esperava, acabou não aceitando a advertência de Molière no “Anfitrião”. E, estarrecendo os cortesões com a sua falta de conformidade, esbofeteou a Marquesa, expulsou-a de casa, vestiu-se de luto e andou, através de Paris, numa carruagem revestida de crepe, trazendo-o, nos quatro cantos, à guisa de penachos. Essa pompa fúnebre irritou Luís XIV, sendo o Marquês preso na Bastilha, de onde somente saiu para o exílio em seu castelo de Guyenne, onde persistiu, em sua revolta, solitário, sombrio e feroz.

Tirando esse aspecto de franca imoralidade, e, ao mesmo tempo, de fiel imagem do que então se passava nas cortes européias, o “Anfitrião” é uma das peças de maior comicidade de Molière.

Em várias de suas comédias ele defende a tese de dever o casamento ser de inclinação e livre escolha, sem jamais ser imposto pelos pais, sustentando que os ferrolhos e grades não garantem a virtude das mulheres. Queixando-se George Dandin de não lhe ser fiel An-

gética, esta lhe retruca: "Eu não lhe dei de bom grado o meu coração. Este foi arrancado por você, bem contra a minha vontade. Antes do nosso matrimônio, pediu-me você consentimento e indagou se eu queria ser sua? Você não ouviu, a este respeito, senão a meu pai e minha mãe e foi com eles propriamente que você se casou!"

No "Don Juan", muito superior e mais bem acabado do que o original de Tirso de Molina, descreve Molière um dos numerosos libertinos de seu tempo, que uniam, à descrença, o desregramento dos costumes. Para ele, a matéria de sua fé era unicamente a matemática: dois e dois são quatro, e, ao pedir-lhe um pobre esmola, ele a deu frisando que o fazia, não por amor de Deus, mas por amor da humanidade. Nessa peça, de imensa ousadia para o seu tempo, Molière é um precursor, como também o é nas comédias onde pinta o conflito das gerações.

Alcêste, o personagem central do "Misanthropo", é a prova de que ninguém, vivendo em sociedade, pode levar ao extremo a franqueza, porque, como notava Pascal: "a vida é uma perpétua ilusão, onde os homens não fazem senão enganarem-se uns aos outros e agradarem-se reciprocamente. Ninguém fala de nós, em nossa presença, como o faz em nossa ausência. A união existente entre os homens — conclui o autor das "Provinciais" — só se funda nesse natural engano, e poucas amizades subsistiriam se cada qual soubesse o que o seu amigo pensa dele".

O "Misanthropo" é uma das peças mais filosóficas de Molière e uma das de mais sólida estrutura, desprendendo-se o seu significado de um conjunto admiravelmente traçado, esclarecendo quase cada verso os demais numa esplêndida unidade, de que se deduz, como frisa o próprio Molière, que "os homens são, na verdade, maus e injustos, devendo ter sido feitos de outra maneira. Mas será a sua outra maneira. Mas será a sua pouca equidade um motivo para fugirmos do seu convívio? Se todos os corações fossem francos, justos e dóceis, as virtudes, em sua quase totalidade, nos seriam inúteis".

A profundidade da pintura que Molière traça dos homens faz com que, nas palavras de Chateaubriand, "ele as encontre iguais em Sófocles e Corneille, sendo notável que a comicidade do **Tartufo** e do **Misanthropo**, por seu caráter profundo, e, se assim se pode dizer, por sua tristeza, muito se aproxima da tragédia".

Este juízo é perfilhado por Musset: "Que máscula alegria a de Molière! Tão triste e tão profunda, porém, que mal acabamos de rir em suas peças, vem-nos logo a vontade de chorar". É o maior elogio que se possa fazer ao autor das **Preciosas Ridículas**: tão perfeita é a sua pintura do homem que, aos nos rimos de seus defeitos, temos também vontade de chorar diante da sua pequenês e fragilidade.

A Academia Francesa, que não o acolheu em vida, fez colocar, em seu recinto, o busto de Molière com as palavras, escritas por D'Alembert, doador desse busto: "Nada falta à sua glória, ele faltava à nossa". Segundo Augusto Comte, tão seguro em seus julgamentos históricos, o maior título de glória de Luís XIV, perante a posteri-

dade, é ter dado mão forte a Molière, protegendo-o contra o fanatismo religioso e a arrogância aristocrática. Fruindo, como nenhum de seus sucessores, o poder absoluto, não percebeu Luís XIV o estopim revolucionário contido no teatro de Molière ao investir contra a Igreja e a nobreza, os dois esteios do trono. A Napoleão I não escapou esse aspecto ao dizer que, se o Tartufo tivesse sido escrito em seu tempo, não teria permitido fosse representado, e, muito menos, impresso.

Ainda hoje é válido o juízo de Voltaire num de seus melhores livros **O Século de Luís XIV**. "Molière foi o melhor dos poetas cômicos de todas as nações. Ele tirou a comédia do caos e possuía, além disto, uma outra espécie de mérito, que nem Corneille, nem Racine, nem Boileau, nem La Fontaine jamais tiveram: era um filósofo e o era na teoria e na prática".

Compreende-se, deste modo, seja ele, de todos os escritores famosos, o que mais tem sido honrado com a aposição do seu nome em ruas, praças e avenidas: duzentas e cinqüenta e duas, das quais duzentas e doze só em França. E talvez seja, dentre todos os comediógrafos, o que tem maior número de peças inteiras gravadas em discos. É que os pósteros nunca se enganam e possuem a certeza de haver sido Molière um dos raros a encarnar a consciência da espécie.

UMA ÉPOCA POLEMICA

Tendo sido a época de maior esplendor do Catolicismo, empunhando Papas, como Gregório VII e Inocêncio III, os dois gládios ao depor e entronizar reis e imperadores, é a Idade Média ainda hoje objeto de apaixonadas controvérsias, encontrando opositores intransigentes e apologistas exaltados. Os primeiros negam-lhes tudo e os segundos chegam a sustentar que a solução para os angustiantes problemas de nossos dias está em voltar até ela, como pretende um mujique fantasiado de filósofo — Berdiaef . . .

Com eles, entretanto, não concorda o Cardeal Cerejeira: "O fato, porém, de reconhecer que a Idade Média foi uma grande época da história da nossa civilização, não significa de modo algum que se deva regressar a ela, pois o passado . . . passou, mas somente que serviu notavelmente o progresso humano" Cardeal Cerejeira: *A Idade Média*, Coimbra, 1936, pg. 72).

Mais adiante escreve ainda: "Não vá, porém, se supor que a Idade Média tenha sido a **idade de ouro** das sociedades modernas. Certamente, o progresso não está em . . . recuar até ela. Abençoemo-la por ter acendido, no meio da barbaria germânica, os lumes da civilização, mas não esqueçamos, caindo no excesso oposto, os males do tempo: no terreno social, uma falta de disciplina, que mal se compreende vista através da nossa grandiosa ordem pública; no campo do espírito, uma imaginação facilmente desvairada pelo medo, uma candura de fé que era muitas vezes mais credulidade do que crença, uma inteligência não retemperada na severa disciplina dos métodos experimentais; nos costumes, uma grosseira e dureza que se traduzem pitorescamente nas leis penais e na literatura satírica (que não revelam, por exemplo, sobre a nossa Idade Média, os antigos **Livros de Linhagens?**") (*Ibidem*, pgs. 174 e 175).

E, realmente, se a Idade Média não foi, como apregoava Michelet, **uma noite de mil anos**, também esteve longe de ser um dia

perene, como querem os seus entusiastas. Mui procedente, a este respeito, é a ponderação de Burckhardt:

“Se os sonhadores que aspiram retornar à Idade Média — essa idade bem-aventurada! — fossem obrigados a viver nela somente uma hora, reclamariam, com grandes brados, o ar dos tempos modernos”.

Acodem-me estas considerações, porque, honrando-me sobremodo, o Senhor Cardeal Dom Vicente Sherer consagrou, em Porto Alegre, uma alocução inteira de seu programa radiofônico — **A Voz do Pastor**, em 20 de julho último, a fazer restrições à quarta edição de meu livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**.

Este livro resultou de um curso de oito conferências por mim iniciado, em 1938, no salão da Academia Brasileira de Letras em comemoração do oitavo centenário de Saladino. Quando eu ia começar a segunda conferência, um jovem, que havia sido pastor protestante em Lambari e depois fez brilhante carreira de católico profissional, sendo hoje deputado federal, tentou impedir a realização dessa conferência, em companhia de alguns integralistas, que gritavam: **Viva o Cristo Rei e o Dr. Getúlio Vargas**, pois estávamos no alvorecer do Estado Novo.

Compendiado o meu curso em volume, os que empreenderam obstar a sua realização, não surgiram para impugná-lo ao ser publicado, pela primeira vez, em 1939, pela segunda, em 1944, e, pela terceira vez, em 1958. Mais fácil pareceu-lhes abafá-lo em seu nascedouro do que servirem-se do raciocínio e da cultura histórica para refutá-lo, quando dado à publicidade.

Saiu, portanto, este ano a quarta edição do meu livro, quanto ao fundo, sem modificações essenciais à espera de contraditas que já tardam mais de seis lustros . . .

Quando, pois, soube que Sua Eminência o Senhor Cardeal Dom Vicente Sherer, em programa radiofônico, apresentara restrições ao meu livro, apressei-me em obter o texto de sua alocução, certo de afinal encontrar aí a indicação das inexactidões e errôneas interpretações dos fatos por mim apresentados sobre **a Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**.

Infelizmente Sua Eminência não apontou uma só, laborando em evidente equívoco, talvez por não ter diretamente lido o meu livro em sua totalidade, porque, sobre a contribuição da Idade Média ao aperfeiçoamento da espécie humana estamos ambos de pleno acordo. É o que provam vários passos do meu livro:

“São ainda muitos os que supõem haja sido a Idade Média uma época só de trevas e inauditas grosserias. E, enquanto se extasiam diante do radioso alvorecer do Renascimento, se esquecem de que este proveito daquela, encontrando-se, em germe, na civilização medieval, todos os elementos essenciais do humanismo e da Renascença.

“Há, na História, segundo faz ver Augusto Comte, períodos de atividade secreta e silenciosa. Tal, por exemplo, a primeira parte da Idade Média. Longe de haver permanecido ai imóvel e inativo, o espírito humano entregava-se, ao contrário, a um trabalho muito con-

siderável: criava as línguas modernas, isto é, o instrumento indispensável ao ulterior progresso do pensamento.

“Mesmo sob o aspecto filosófico, científico e literário, não deixou a Idade Média de apresentar contribuições importantes, não tendo algumas de suas produções, como a **Suma** de Santo Tomás, o **Opus Majus** de Rogerio Bacon, a **Divina Comédia** de Dante e a **Imitação de Cristo** de Tomás de Kempis, o cotejo com o que, de melhor, a literatura mundial produziu nas épocas de maior esplendor”. (Vide pg. 161 da 4ª edição).

E nas páginas 382 e seguinte lê-se ainda:

“Adoto a orientação filosófica de Augusto Comte e foi este quem reabilitou a Idade Média, como sabem quantos conhecem a historiografia moderna e foi proclamado pelo Cardeal Cerejeira numa obra em que os católicos do Brasil muito têm de aprender:

“Quem encarou o problema da Idade Média no seu aspecto mais geral, procurando definir-lhe o sentido da história da civilização, consoante o que, então, se chamava a filosofia da história, foi o pai da filosofia positiva, Augusto Comte, que tão decisiva influência exerceu na direção do espírito contemporâneo. Tendo dirigido de muito cedo o conjunto das suas meditações sociológicas para a apreciação da Idade Média “**como nó essencial**” de uma verdadeira filosofia da história, guiado pela sua lei da evolução espiritual, Augusto Comte reconheceu nela uma grande época histórica, a que não regateia palavras de admiração. Com a sua lei dos três estados, o Positivismo via na evolução humana um desenvolvimento orgânico; e, portanto, a Idade Média, que correspondia à última fase do período teológico, se integrava como uma grande época histórica, numa superior filosofia da história”. . . (Idem, *ibidem*, pgs. 18, 19, 35 e 36).

Há um ponto, na alocução do Senhor Cardeal Dom Vicente Sherer a propósito do qual peço me permita Sua Eminência breve ponderação. É quando diz que, publicado, pela primeira vez, em 1939, tem o meu livro a sua bibliografia envelhecida de 32 anos. Ora, se Sua Eminência houvesse lido a quarta edição de meu volume, verificaria que nela citei o que de melhor e mais recente se tem publicado sobre os assuntos versados e menciono obras estampadas bem depois da primeira edição.

Aliás, o importante no caso, não é a data das obras históricas por mim citadas, visto serem muito, mais antigas do que elas os acontecimentos narrados, mas indicar quais os fatos, referidos em meu livro, invalidados ou comprovados serem falsos por historiadores mais recentes. E isto não fez Sua Eminência.

Quanto a serem pouco numerosos os positivistas, como justamente alega Sua Eminência, esta circunstância nada tem que ver com a procedência histórica dos fatos arrolados em meu livro, como, também, a circunstância de serem os adeptos do Budismo imensamente mais numerosos do que os católicos, não significa que os autores budistas mereçam mais crédito do que os historiadores filiados à religião de São Paulo.

Mesmo sendo poucos, os positivistas têm atuado beneficentemente em nossa vida cultural e política. O Decreto de Separação da Igreja relativamente ao Estado, da lavra de Rui Barbosa, era fortemente regalista, mantendo a legislação dos bens de mão morta, como regalistas foram o artigo 72 e seus parágrafos do projeto de Constituição por ele submetido, em nome do Governo Provisório, à Constituinte Republicana, e no qual não só conservava aquela legislação, mas também proibia a fundação de novos conventos ou ordens monásticas, e, mais do que isto, excluía, do Brasil, a Companhia de Jesus. Foram as emendas do positivista Demétrio Ribeiro que, na Constituinte, derrubaram as medidas regalistas de Rui. Aliaram-se, na Constituinte, os positivistas com os católicos e a liberdade da Igreja somente passou pela insignificante maioria de seis votos, conforme registrou, em artigo em *O Jornal* de 8 de outubro de 1925, o líder católico Dr. Antônio Felício dos Santos.

Também foram os positivistas que, na Constituinte Republicana, livraram o Brasil do divórcio, por acharem deva a família ser uma instituição estável, célula que é da existência social, seriamente ameaçada se o lar deixar de ser a verdadeira escola de filhos. Foi o que, em conferência proferida, em 1958, em Horizonte, proclamou o Sr. Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota:

“No Brasil, ainda tivemos um exemplo que é digno de recordar, o exemplo dos positivistas que, em 1891, livraram o Brasil do perigo do divórcio: porque, então, na primeira Constituição da República, os católicos estavam completamente desarvorados e nós não tínhamos nenhuma organização para falar no parlamento. O que nos valeu, providencialmente, foi que os positivistas cerraram fileiras contra o divórcio”.

Declarei recentemente, na Academia Brasileira de Letras, que o Positivismo tem tido curiosa sorte no Brasil — ninguém se lembra do bem que praticou, nem se esquece do mal que não fez.

É o que, em sua primorosa alocução radiofônica da *Voz do Pastor* de 20 de julho do corrente ano, confirmou o Senhor Cardeal Dom Vicente Sherer ao se esquecer da minha apologia da Idade Média, como grande época histórica, e do Catolicismo, como “obra-prima política da sabedoria humana”.

MINHAS HERESIAS POSITIVISTAS

Foi Huxley quem disse ser o Positivismo religioso um Catolicismo sem Deus. É o que parecem confirmar certas atitudes dos que, no Brasil, adotam a Religião da Humanidade. Sempre preocupados com a fidelidade às palavras de Augusto Comte estas, para eles, apresentam o valor de versículos da **Bíblia**. Também está nos hábitos dos positivistas brasileiros, chamados ortodoxos, arvorarem-se em Bispos, senão em Papas, lançando excomunhão solene contra os seus correligionários que incidem em heresias, muito embora sem a menor filiação espiritual para com eles.

O vezo é antigo entre os que se agremiam na Igreja Positivista, fundada, no Rio, por Miguel Lemos. Conforme se conclui da sua correspondência com Pierre Laffitte, toda a sua dissensão com o chefe da ortodoxia em França decorreu do fato de não haver este último atendido aos seus insistentes apelos no sentido de excomungar o genro de Benjamin Constant, catedrático de Química da Escola Politécnica, Alvaro de Oliveira.

Pierre Laffitte, forrado de sólido bom senso gaulês, e que, por isto mesmo, tanta admiração inspirou a Anatole France, achava, com muito acerto, não dever tomar a atitude extemporânea de Papa de papelão. . . E, diante de sua resistência, Miguel Lemos, possuído sempre das reminiscências do Catolicismo medievo, tornou-se, nas palavras de Carlos de Laet, antipapa do Positivismo no Brasil, passando, ele próprio, a excomungar Pierre Laffitte. . .

Depois de laboriosa e útil carreira pública no Rio Grande do Sul, como Diretor de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas daquele Estado, o Dr. Carlos Torres Gonçalves aposentou-se e transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde participa das atividades da Igreja Positivista do Brasil, à qual se acha filiado há mais de meio século.

E, na glória dos seus rijos e invejáveis 93 anos, ainda possui o dom de indignar-se contra os desvios de seus correligionários, quer quando discrepam de Comte, quer quando ofendem, de qualquer modo, os apóstolos Miguel Lemos e Teixeira Mendes. E quase chega a investir-se da mitra e acender tochas para, contra eles, lançar a sua excomunhão, como um Gregório VII desgarrado em nossas plagas.

Foi mais ou menos o que ocorreu na reunião de 30 de novembro de 1966, da Delegação da Igreja Positivista do Brasil, em cuja ata registrou que, se dele dependesse, não seria aceito o donativo por mim feito, atendendo a um pedido-circular da mesma Igreja para uma subscrição destinada a reconstruir a sua cobertura ameaçada de ruir.

Como ilustração típica do espírito introduzido por Miguel Lemos em sua Igreja, vou enumerar e esclarecer as heresias em que, a juízo do venerando Dr. Carlos Tôrres Gonçalves, incorri:

1) **"Trato Miguel Lemos e Teixeira Mendes de místicos e fanáticos"**. Eis, realmente, o que, a respeito deles, escrevi em minha **História do Positivismo no Brasil**: "A propagação das doutrinas de Comte por Miguel Lemos e Teixeira Mendes caracterizou-se pela preocupação da mais extrema fidelidade aos ensinamentos do Mestre, não apenas no seu espírito, mas na sua letra, fazendo deles uma espécie de Bíblia.

"O 4º volume da **Política Positiva** — esclarecia Miguel Lemos em sua **Terceira Circular Anual** — "é o nosso Levítico, Levítico científico tão certo para nós quanto a geometria..."

"Aos aderentes de Pierre Laffitte que proclamavam ser a obra de Comte sujeita à revisão e até em certos pontos, revogável, retrucava Miguel Lemos em 1883:

"Quereis, por conseguinte, fazer uso da vossa razão para controlar e interpretar suas doutrinas. Não admitis a infabilidade de Augusto Comte, como não aceitais a de Aristóteles e a de Descartes. Exigis, enfim, o direito de corrigir os seus erros. Em verdade, fica-se estupefato ao ler tais excessos revolucionários na pena de pessoas que se dizem positivistas!"

"Como se vê, o exaltado entusiasmo de Miguel Lemos, com o qual comungava sem restrição Teixeira Mendes, era tão excessivo quanto o fanatismo do dominicano que acendia as fogueiras de Espanha e Portugal nos séculos do Santo Ofício, perdendo ambos por vezes um tempo precioso em nugas de interpretação e exegese de textos comtianos sobre questões de nenhuma importância".

2) **"Digo que os escritos de Teixeira Mendes e José Mariano de Oliveira, em falta de forma, estão, em sua quase totalidade, irremediavelmente mortos para a grande massa dos leitores"**.

Em conferência que, em 28 de junho de 1937, proferi, na Academia Brasileira de Letras, sobre **Um Aspecto Inédito da Vida e na Obra de Martins Fontes** — Seus últimos versos, escrevi, na verdade: "Teixeira Mendes, alma de santo e têmpera de filósofo, e todos

quantos o cercaram, como o próprio José Mariano de Oliveira (irmão de Alberto de Oliveira), só não conseguindo levar mais longe o Positivismo, entre nós, por haverem lamentavelmente descuidado da forma, estando, assim, em sua quase totalidade, irremediavelmente mortos, para a grande massa dos leitores, os seus escritos.

“E, de fato, as concepções essenciais, que neles se encontram, são de Comte e se não têm beleza de forma, quem irá buscar tais concepções neles de preferência a ir hauri-las nas obras do Mestre?

“Obras sem forma, mesmo que tenham fundo, estão fadadas a perecer rapidamente, sobretudo quando se trata de propaganda das idéias de outrem, ao passo que obras com forma, mesmo sem fundo, são capazes de subsistir, como o provam as de Bernardes.

“O grande Cabanis empreendeu traduzir a *Iliada* em versos, exclusivamente para adquirir o belo estilo em que são vasados os imortais “*Rapports sur le physique et le moral de l’homme*”.

“E, refletindo sobre o descuido da forma por parte de Turgot e sua escola, escrevia ele ao pai: “*c’est un article que Messieurs les économistes ont trop négligé. Je puis vous assurer que s’ils avaient un Jean-Jacques Rousseau pour secrétaire, leur système serait celui de toute l’Europe*”.

“Embora seja a **Filosofia Positiva** escrita num estilo delicioso pela simplicidade, clareza e precisão, é tal a importância da forma, que Augusto Comte diz, no 1º volume da **Política**, que se os lazeres lho permitissem, iria escrever de novo a Filosofia: “*Je sais combien les conceptions philosophiques peuvent gagner par le mérite de l’expression pour m’efforcer de procurer cette nouvelle efficacité à mon livre fondamental, si les loisirs de ma retraite me permettent un jour de le récrire paisiblement, mais en respectant son originalité*”.

(**Política**, t. I., pg. 7)

“E, no prefácio do 4º volume da **Política**, ele volta ao assunto, expondo as difíceis regras de composição a que se submeteu (pgs. VIII, IX, X) regras que ainda foram requintadas na **Síntese**.

“Mas, apesar disto, como as idéias novas que tinha a expor eram inúmeras, tendo ele medo de morrer sem poder apresentá-las todas (desgraça que, de fato, ocorreu, privando-nos do Tratado de Moral, do Tratado de Filosofia Primeira, do Tratado de Indústria, do Apelo aos Inacianos etc.), Augusto Comte, mesmo na **Política**, dada a extrema concisão com que se exprime e a complexidade dos assuntos, é pouco acessível ao grande público, carecendo ser primeiro mastigado (perdoem-me a expressão) pelos seus discípulos e por estes então transmitido, numa forma chã e atraente, à grande massa dos leitores.

“Ele próprio destina nitidamente esse papel aos seus discípulos, salientando a importantíssima função que, na propaganda do Positivismo, são chamados a desempenhar os literatos”.

3) Refiro que alguém vendo Teixeira Mendes em vestes apostólicas assumir a tribuna da Igreja, teve de conter uma gargalhada.

A respeito registro em minha **História do Positivismo no Brasil** o seguinte: "Lima Barreto não passou, entretanto, pelo positivismo com a **unção religiosa** de um Vicente de Carvalho ou de um Martins Fontes. Muito pelo contrário, jamais pôde adaptar-se às normas que regiam o templo de Miguel Lemos e Teixeira Mendes e em **Isaías Caminha** anota a sua própria reserva à liturgia positivista: "Quando via o vice-diretor (refere-se a Teixeira Mendes) sair rapidamente por detrás de um retábulo, na absida da capela, ao som de um tímpano rouco, arrepanhando a batina, com aquele laço verde no braço, dava-me vontade de rir às gargalhadas".

4) **Tentando ridicularizar os membros da Igreja, mortos e vivos, tenho-os visto e vejo-os metidos em catacumbas e isolados da sociedade".**

Em 1942, concedi, de fato, à Revista **Diretrizes**, uma entrevista onde dizia que os positivistas brasileiros precisavam de sair das catacumbas em que se enfunavam no Templo da Rua Benjamin Constant e procurar o público onde este se acha: escolas, salas de conferências, academias etc., em vez de esperarem que o público os procure.

E, em minha **História do Positivismo no Brasil**, escrevi: "Apresentando a ascética austeridade e a inflexível rigidez das ordens monásticas, os Estatutos da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil isolavam do mundo os seus sequazes e transformavam o seu grêmio num grande cenóbio, ao qual só faltaram as margens do Nilo para que nele fosse revivido, em sua plenitude, o ambiente dos primeiros séculos cristãos. Ei-los: "Todos os membros e aderentes do Apostolado Positivista tomam o compromisso solene de conduzir-se de acordo com suas opiniões e de consagrar toda a sua atividade e todo o seu devotamento à incorporação do proletariado na sociedade moderna, resumo de toda a ação positivista. De um modo mais explícito, comprometem-se: 1º) a não ocupar cargos políticos; 2º) a não exercer funções acadêmicas, quer no ensino de nossas faculdades e escolas superiores, Instituto Nacional e estabelecimentos congêneres, quer como membros de associações científicas ou literárias; 3º) a não colaborar no jornalismo, diário ou não, nem auferir lucros pecuniários de seus escritos". (Vide o opúsculo de Miguel Lemos e Teixeira Mendes: **Nossa Iniciação no Positivismo**, Rio, agosto de 1889, pág. 2)

"Os Estatutos da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil foram elaborados por Miguel Lemos de acordo com o que ele supunha decorrer dos ensinamentos e preceitos de Augusto Comte. A verdade, entretanto, é que, para ingressar na Sociedade Positivista, fundada em Paris por Augusto Comte, este não estabeleceu normas tão rigorosas. Tanto assim que o Dr. Segond, já sendo membro da Sociedade Positivista, fez, em 1853, concurso para professor adjunto da Faculdade de Medicina de Paris, sem que o filósofo lhe apresentasse qualquer reparo a esse respeito. Antes pelo contrário, chegou a escrever ao

Senador Vieillard no sentido de indiretamente recomendar *Second* a alguns dos que deviam julgá-lo, sendo ele nomeado alguns dias depois da carta de Augusto Comte, conforme registra este em sua correspondência com Blingnières.

“Também jamais increpou Augusto Comte as atividades políticas de Vieillard, apesar de aderente do Positivismo.

“Aliás, no escrito com que fundou a Sociedade Positivista de Paris, em 8 de março de 1848, tornou claro Augusto Comte que só “os filósofos positivos, que quisessem votar sua vida inteira ao sacerdócio da Humanidade, é que deviam sistematicamente renunciar a qualquer posição política propriamente dita, mesmo aquelas que lhes fossem propostas pela confiança direta de seus concidadãos. “É claro, entretanto — frisava Augusto Comte — que nenhuma renúncia semelhante poderia jamais ser imposta à maior parte dos membros da Sociedade Positivista, porquanto seria diretamente contrária ao objetivo geral dessa Associação — a universal preponderância da nova filosofia. Destinados, não a fundar uma doutrina que já existe, nem mesmo a desenvolvê-la e aperfeiçoá-la, mas somente a fazê-la prevalecer por uma aplicação contínua e especial ao curso natural dos acontecimentos, esses membros emanarão, indiferentemente, de todas as classes atuais”.

“Proibindo aos filiados à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil aceitar cargos políticos; exercer funções nos estabelecimentos oficiais de ensino superior e secundário; fazer parte de associações científicas, literárias, ou políticas; interferir no jornalismo, diário ou não, quer como redatores ou simples colaboradores, quer como proprietários ou associados, não os impedia Miguel Lemos de participar diretamente do movimento social brasileiro?

“Compreende-se que os sacerdotes ou apóstolos sistemáticos do Positivismo, isto é, os encarregados da direção espiritual da nova doutrina, devessem ficar sujeitos a tais limitações. Mas, todos os seus fiéis, não seria um excesso, segundo faz crer Augusto Comte no passo que acabo de citar a propósito da Sociedade Positivista por ele próprio fundada?

“Como, de fato, poderiam os adeptos do Positivismo concorrer para fazer adotar os seus princípios, contribuindo para o estabelecimento da nova ordem social com que sonhavam?

“As normas dos seus Estatutos ergueram, portanto, desde logo, como não podia deixar de ser, uma barreira quase intransponível entre o Apostolado e o meio social brasileiro, pois contêm cláusulas incompatíveis com os seus próprios objetivos e transformam o seu grêmio numa nova Tebaida, constituindo o que se poderia chamar **positivismo utópico**”.

O BISNETO DE ODORICO MENDES

Dom Pedro II grandemente estimava e admirava Odorico Mendes, que com ele apresentava a afinidade de profunda e sólida cultura clássica.

Muito conhecidas são as traduções de Homero e Virgílio feitas por Odorico Mendes. Foram duas façanhas literárias de grande arrojo, porque, preocupado em passar os poemas clássicos para o vernáculo, com quase tantas palavras quantas se encontram nos originais, teve de lançar mão de neologismo, helenismo e latinismo, sempre que as expressões portuguesas tinham de ser mais longas do que as dos poetas a serem vertidos. Às vezes, foi de grande felicidade, como, por exemplo, no passo da *Iliada* onde Juno é caracterizada por Homero como sendo “a deusa dos braços de neve”. Odorico, numa adaptação lingüística que Guimarães Rosa admiraria e aplaudiria, substituiu as várias palavras que a tradução literal exigiria por um só vocábulo — *braquiniveadea* — mas, só o leitor familiarizado com o grego e o latim é capaz de entender a elegante expressão criada pelo poeta maranhense.

No seu *Virgílio brasileiro*, em que o mantuano é traduzido em quase tantas palavras quanto as do texto latino, nacionalizou Odorico inúmeros vocábulos já não existentes quando o latim se fez português. Daí haver dito Carlos de Laet ser mais fácil compreender-se o latim-latim de Virgílio do que o português-latim de Odorico. Eis por que as suas traduções são hoje manuseadas apenas pelos raríssimos humanistas ainda existentes no País, sendo absolutamente inacessíveis ao comum dos leitores.

Mas se Odorico Mendes, como escritor, se transformou, no Brasil de nossos dias, em peça de museu, como homem prossegue a sua trajetória literária através de um brilhante bisneto — Maurice Druon, que, em dezembro último, foi recebido, com grandes aplausos, na Academia Francesa, onde sucedeu a Duhamel.

Como se fosse o avatar de seu ilustre bisavô, Maurice Druon é um apaixonado da Grécia antiga e a sua obra-prima é uma biografia de Alexandre Magno. Tão identificado se mostra com o seu biografado que parece ter vivido na corte de Filipe da Macedônia, ter visto a serpente sagrada no talamo do rei, entre ele e Olímpias, havendo estado na antecâmara real na gloriosa noite em que Olímpias deu à luz a Alexandre.

Para os especialistas em genética, Maurice Druon deve constituir objeto precioso de observação à vista de sua predileção pela velha Grécia, através da qual, evidentemente, se manifesta a influência hereditária de seu preclaro bisavô brasileiro.

Quem saudou Druon *sous la coupole* foi Louis Pasteur Valery-Radot, o qual conta, em seu discurso, haver recebido, na face, sendo muito criança, um beijo "cruel" de D. Pedro II, crueldade decorrente sem dúvida, da grande barba e bigode do monarca.

Se estivesse presente *sous la coupole* e tivesse ouvido os discursos de Druon e Louis Pasteur Valery-Radot, o Visconde de Vogué encontraria, nesses discursos, mais um argumento para sustentar que através dos vivos falam os mortos. . .

A obra de Maurice Druon é vasta e abrange todos os gêneros literários: romance, teatro, história e poesia, sendo ele o autor do famoso *Chant des partisans*, por ele escrito em Londres, em 1943, depois de ter conseguido sair da França em emocionante fuga através da Espanha e Portugal. O seu *Chant des partisans* tornou-se o hino dos maquis da resistência francesa contra o domínio nazista.

A letra de Maurice Druon foi musicada por Anna Marly e em todos os pontos da França os heróis da resistência os combatentes voluntários e até os prisioneiros nos campos de concentração passaram a entoar esses versos dolorosos e tristes:

**"Ami, entends-tu le vol noir des corbeaux sur nos plaines. . .
"Ami, entends-tu les cris sourds du pays qu'on enchaîne. . ."**

Era a alma poética de Odorico Mendes que se modernizara e se expandia através do estro de seu bisneto.

JOSÉ DE ALENCAR E GONÇALVES DE MAGALHÃES

Tive o prazer de ofertar há tempos à Academia Brasileira de Letras um exemplar da primeira edição das **Cartas sobre a Confederação dos Tamoios** publicadas no **Diário do Rio**, em julho e agosto de 1856, por José de Alencar, sob o pseudônimo de Ig, tirado das primeiras letras do nome **Iguaçu**.

Gonçalves de Magalhães, amigo pessoal de Dom Pedro II, que muito o estimava e custeou a primeira edição do poema **A Confederação dos Tamoios**, deteve o cetro de nossas letras, desde 1836, ao publicar os **Suspiros Poéticos**, até surgir Gonçalves Dias em 1846, com os seus **Primeiros Cantos**. A estes se seguitam, em 1848, **Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão**, e, em 1851, os **Últimos Cantos**, e, por fim, em 1957, **Os Timbiras**.

Em 1856, portanto, já o vate maranhense havia descoberto o ritmo brasileiro para cantar os homens e as coisas do Brasil. Se os índios do **Y-Juca Pirama** são falsos — nota Alcântara Machado — “os sentimentos que exprimem são nossos, e bem nossa, a língua que falam”.

Com maldade, o autor de **Vida e morte do bandeirante** frisava que “aqueles que fingem de brugres na epopéia carnavalesca de Magalhães revelam à primeira vista o que são na verdade: são todos eles portugueses de lei, desembargadores ou mesterais mais ou menos acarianos, enfeitados com penas de arara e tintos de jenipapo”.

Literariamente a crítica de José de Alencar, no próprio ano em que saiu a **Confederação dos Tamoios**, é procedente, e foi de balde que Araújo Porto Alegre, sob a máscara de “o amigo do poeta”, e até o Imperador, com o pseudônimo de “Outro amigo do poeta”, desceram à liça, através das colunas do **Correio da Tarde** e do **Jornal do Comércio**, em defesa do poema do fundador do nosso romantismo, que ainda teve, como advogados, Monte Alverne, Joa-

quim Manuel de Macedo, Soares de Azevedo e o Barão de Parana-
piacaba que constituíam, com o Imperador, o círculo literário do
Palácio de São Cristóvão.

Depois de dizer que “a sentença lavrada por Alencar foi con-
firmada pela posteridade”, Alcantara Machado acrescenta: “Não sei
se existe por aí quem tenha tido o heroísmo de ler os dez cantos da
Confederação”.

No meu exemplar do livro do nosso confrade paulista — **Gon-
çalves de Magalhães ou o romântico arrependido** — exemplar que
pertenceu a Ramiz Galvão, lêem-se à margem deste passo, escritas
pelo grande helenista, as palavras: “Tive eu. R”.

Também essa coragem eu a tive e pude verificar não haverem
sido justas várias das críticas de José de Alencar. Assim, tacha de
galicismo o emprego do verbo **gostar** no sentido de beber, como se
vê nos versos:

“O polido Europeu não desdenhara
Tais licores “gostar” em taças de ouro.

Ora, nada mais lididamente português do que o uso de **gostar** no
sentido censurado. No canto III, estrofe 44, dos *Lusíadas*, se lê:

Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já “gostaram”.

Vale dizer, segundo Lencastre: “Imitando” as damas que **gos-
taram** já o rio Termodonte (**beberam** as águas desse rio). E, em vá-
rios outros passos, como na estrofe 6ª, do canto V, se encontra, nos
Lusíadas, o verbo **gostar** por **beber de**, expressão corrente no portu-
guês clássico, esclarece Epifânio, apoiado em Moraes.

Além de improcedente a censura, não tinha Alencar autorida-
de para fazê-la, porquanto apenas duas páginas depois emprega o
desnecessário galicismo **detalhe** e até o pleonasma “**minúcia de
detalhes...**”

Entre as falhas de estilo do poema aponta Alencar a expressão
estanques lágrimas: “**Lágrimas estanques**” é, para mim, uma frase
incompreensível. Diz-se que uma coisa está estanque quando foi es-
gotada, quando já não verte água ou líquido; assim, diz-se que a
fonte, que a bica estancou, que as lágrimas estancaram nos olhos e
secaram: esta é a etimologia da palavra e a significação que lhe dão
os clássicos”.

Entretanto, longe de condenar as estanques lágrimas, como inad-
vertência, senão disparate, a mentalidade moderna não lhes regatea-
ria aplausos.

No debate em torno da poesia nova, travado em 1939 entre
Fernando Magalhães e Cassiano Ricardo, o prócer do modernismo

Paulista defendeu a expressão "um grito, silencioso", usada por Cecília Meireles, e citou, em seu abono, "La musica callada" de San Juan de La Cruz, que floresceu no século 16.

Acha-se, assim, Gonçalves de Magalhães, pelas suas estanques lágrimas, na boa companhia de um poeta passadista de quatrocentos anos, e de um modernista dos mais avançados...

E essa egrégia companhia pode ser acrescida com a de um contemporâneo ilustre de Alencar e Magalhães — Almeida Garrett, que, na inovação de seu poema *Camões*, publicado em 1825, emprega a expressão incriminada:

"Corações que estalaram, e gotejam,
Não já sangue de vida, mas delgado
Sôro de estanques lágrimas. Saudade!"

Seja como for contrapondo-se José de Alencar desabusadamente ao poeta bafejado pelo Imperador e seu círculo literário, projetou-se logo como uma expressão de valor em nossas letras, motivo pelo qual a primeira edição de suas Cartas sobre a *Confederação dos Tamoios*, saída em 1856, apresenta interesse permanente para a história de nossa literatura.

Na *Confederação dos Tamoios* o que mais prejudicou a Magalhães foi sua traiçoeira fecundidade métrica. A segunda edição do poema traz no frontispício, bem visível, o esclarecimento: "segunda edição, revista, correta e acrescentada pelo autor". As segundas edições dos pequenos volumes de Raimundo Correia eram, muito ao revés, diminuídas, pois, para ele, corrigir não era só emendar, mas suprimir, e, por isto, as suas poesias hoje vivem como se tivessem vindo à lume em nossos dias, enquanto as de Magalhães apenas encontram guarida em antologias, como peças de museu.

Geralmente ignorada, e do maior interesse para o debate crítico do poema de Magalhães, é a correspondência inédita entre Herculano e D. Pedro II, divulgada por Georges Raeders no *Bulletin des Etudes Portugaises*. Dela se conclui haver Alexandre Herculano concordado inteiramente com Alencar. Solicitado por D. Pedro II a manifestar-se, começou o autor do *Eurico* por uma confissão de incredulidade, duvidando fosse possível, em seus dias, um poeta épico. A seus olhos as epopéias realmente originais pertenciam às idades heróicas. Assim o provava o fato de nenhum dos grandes poetas modernos haver tentado o gênero, como Goethe, Byron, Manzoni, Lamartine, Garrett, etc. Se a epopéia já não fora do século 18, como o patenteara o fracasso de Voltaire, muito menos seria do século 19. Admitindo fosse bem concebido o plano da *Confederação*, parecia-lhe radical a ausência de inspiração: "a falta de crer e sentir que lhe envolve os membros como um sudário..." "Na parte narrativa, encontra-se o poeta, não impellido pelo terror; não arrebatado pelo ardor religioso; não deixando cair sobre as cordas da cítara lágrimas de dor, de desesperança ou de saudade; não errando pelos campos de

batalha e interrogando as ossadas dos guerreiros de Tupã, mas entregue ao seu mister de poeta no gabinete de estudo, como um honesto operário, calculando o efeito de cada período, de cada frase, supondo que o leitor lhe concede certos postulados, de que ele e o leitor sorriem; sem fé no assunto, sem fé nas simpatias do público e forçando por conquistá-lo à custa de meios artificiais que as escolas ensinam”.

Silenciando os defeitos de linguagem que só o eram para ouvidos portugueses, como a colocação viciosa dos pronomes “Não dou-te a Índia”, que o leitor brasileiro tem tanta razão para tolerar quanto o português para repelir, achava Herculano o poema de Magalhães inçado de prosaismos, incorreções gramaticais e defeitos de metro, não podendo perdoar deixasse um escritor de satisfazer ao primeiro e mais rudimentar de seus deveres — escrever corretamente: “O homem de mérito ou de gerarquia não deixa de o ser por se apresentar num concurso solene ou numa assembléia polida com trajes em desalinho e enodoados; mas ofende aos outros com tais mostras de desconsideração. As fórmulas materiais da poesia são o vestido literário do poeta; cumpre que ele se apresente ante o público com asseio e alinhamento”.

E assim termina: “A gratidão e a probidade literária forçaram-me à obediência e à franqueza. Resulta daqui um direito para mim: o de suplicar a V.I.M. que esta carta não chegue à notícia do autor dos *Tamoios*. Ele não me pediu o parecer e eu não tenho motivo para o incomodar. A crítica, ainda a mais moderada e leal, fere sempre quando a anterior publicação do livro a torna inútil. Na esperança de que a minha opinião nunca iria ferir a sensibilidade do autor, escrevi com o desafogo próprio de uma correspondência que não tem de afrontar os inconvenientes da publicidade”.

Não podia haver, para José de Alencar, então com 27 anos, maior glória, do que concordar Alexandre Herculano com a sua arrasadora crítica do poema de Gonçalves de Magalhães.

RECEPÇÃO DO SR. IVAN LINS

12 de novembro de 1958

DISCURSO DO SR. IVAN LINS

Longa e rude foi a escalada, mas, afinal, vejo-me entre vós, Srs. Acadêmicos, dois decênios após haver iniciado, em vosso salão nobre, a comemoração do oitavo centenário de Saladino.

Não posso dizer, como o pregador famoso, que seja tarde, muito tarde. . . A verdade é, porém, que vinte anos na exiguidade da vida humana, constituem quase uma existência. Pouco mais viviam os românticos da estirpe de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves.

Se já vão distantes, para mim, os dourados anos da juventude, nem por isto se me arrefeceu o propósito da elevação do nosso nível cultural, não só através de cursos, conferências, artigos e livros, mas das atitudes da própria vida. Hoje, como há vinte anos, continuo a nutrir aquele mesmo ideal de Léon Gautier, a que me referi na série de conferências que, diante da incompreensão de uns poucos, aqui interrompi em setembro de 1938, apesar de vossa desvanecedora autorização para concluí-las neste recinto de tão altas tradições: "Engrandecer as almas, subtraí-las ao mercantilismo, que as avilta e ao egoísmo que as mata, comunicando-lhes generosos entusiasmos pela Beleza ameaçada ou pela Verdade, que parece vencida. Há mais de uma espécie de Cavalaria e os grandes golpes de lança não são obrigatórios. Na falta da espada, temos a pena; na falta da pena, a palavra, e, na falta da palavra, a honra de nossa vida".

Ao me dardes acesso ao vosso convívio, devo, portanto, agradecer-vos, Srs. Acadêmicos, não só por mim, mas por muitos daqueles que representam o Brasil no que possui de mais puro e promissor — os moços, que ainda os há empolgados pelos mesmos ideais inspiradores dos meus primeiros empreendimentos literários e para os quais uma decisão como a vossa, no meu caso, há de constituir uma fonte do mais nobre incentivo.

E consenti que ao lado das de Laudelino Freire, Roquette Pinto, Afrânio Peixoto, Rodrigo Octávio e Miguel Osório de Almeida, que paraninfaram aqui alguns de meus cursos e conferências, eu evoque perante vós a figura austera e amada de meu Pai. Quando, em 1942, me inscrevi na vaga de Xavier Marques, a minha candidatura foi, por assim dizer, muito mais dele do que minha, tão grande era a sua aspiração de ver-me entre vós. Embora preso ao leito pela enfermidade que dois anos mais tarde o arrebataria à vida, foi ele quem, através de cartas e telegramas a quantos amigos tinha, animou a campanha a favor do filho que com ele aprendera a língua e a literatura de sua predileção, e com ele, já debruçado sobre a eternidade, esquadrinhava debalde os desvãos da filosofia em busca de uma solução para os torturantes problemas da origem e do fim do homem.

Em vossa ilustre Companhia apoiavam a ação de meu Pai quase todos os acadêmicos que citei e especialmente Roquette Pinto, que, além de amigo, era meu correligionário de credo científico e filosófico. Fora da Academia, batiam-se ainda por mim, entre outros, Edmundo Bittencourt, Francisco Mendes Pimentel e o General Cândido Mariano Rondon.

Se, pois, como diz Tácito, **“há um lugar para os manes dos homens virtuosos; se, como apraz aos sábios, não se extinguem com o corpo as grandes almas”** — **“si quis piorum Manibus locus, si, ut sapientibus placet, non cum corpore extinguuntur magnae animae”** — e se nesse **“etéreo assento”** **“memória desta vida se consente”**, acompanhando-se o que ocorre em nossa humilíssima esfera (consólo que, infelizmente, não me acalenta o espírito), meu Pai e os amigos que acabo de recordar, também hão de estar agradecendo-vos.

Quanto aos que comigo se solidarizaram na candidatura de que afinal resultou a minha eleição, foram eles tão numerosos que me vejo privado do prazer de mencioná-los para testemunhar-lhes de público o meu reconhecimento. Permito-me apenas destacar aquela que, prolongando, há mais de um quarto de século, os desvelos de minha inesquecível Mãe, é o anjo do meu lar e constitui, com os meus filhos, a alegria de minha vida.

A altitude desta tribuna não me faz esquecer a advertência de Pascal sobre a odiosidade do eu. Prometo-vos, pois, Srs. Acadêmicos, não mais falar em mim. Antes, porém, quero externar-vos a minha alegria por haverdes designado para receber-me o confrade que,

“Et par droit de conquête et par droit de naissance”, admiravelmente continua, entre vós, as tradições literárias do Ministro Rodrigues Octavio.

Por ter sabido conversar e engrandecer o patrimônio intelectual que herdou, repetiu Rodrigo Octavio Filho, pela primeira vez no Brasil, o que, no dealbar do século XVIII, conseguiu o Duque de Coislin ao suceder, na Academia Francesa, a seu próprio pai. Ao vê-lo entre vós sinto que ainda está presente nesta Casa o companheiro de Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Joaquim Nabuco,

Rui Barbosa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Magalhães de Azevedo e demais figuras primaciais de nossas letras que, com ele, fundaram a Academia.

ADELINO FONTOURA

Para Adelino Fontoura, patrono da cadeira que ora venho ocupar, a Academia tem sido, sem dúvida, o seguro de vida literária, função que aos grêmios da natureza do vosso atribuía Afrânio Peixoto.

É, na verdade. Não fosse ele patrono da cadeira número um, fundada por Luís Murat, e ninguém saberia nem mesmo da sua existência. Em vão se procurará o seu nome em várias das mais autorizadas histórias da nossa literatura.

Nem Sílvio Romero, nem José Veríssimo, nem Ronald de Carvalho, para só citar alguns dentre os mortos, referem-se ao patrono da cadeira número um da Academia. Ficaria, assim, evidenciada a inanidade da divisa *ad immortalitatem*, que deixaria de ter sido assegurada logo ao primeiro patrono desta Casa, confirmando-se melancolicamente o que observa Latino Coelho: "muitas vezes o mundo, ao depositar na última jazida os restos do homem, a quem cingiu com a auréola de efêmeros triunfos, diz com arrogância ao túmulo: "Tu não apagarás o nome que ilustrou um dia as cinzas que te confio. E o túmulo esconde no esquecimento as cinzas e mais o nome..."

Talvez haja sido por isto que, com aquele ar simples de quem parecia incapaz de uma ironia, Afonso de Taunay, ao suceder a Luís Murat, começou o seu discurso reportando-se à cadeira zero, ocupada, já na Academia Francesa, por "*ilustríssimos desconhecidíssimos*" acerca dos quais, nem à custa de fatigantes buscas em enciclopédias e dicionários literários e biográficos, nada se consegue saber. O fato é que, em sua longa peça oratória, o meu antecessor se restringiu a mencionar o nome de Adelino Fontoura sem tecer a seu respeito qualquer comentário. Mais feliz do que ele, posso cumprir, em relação ao nosso patrono, a praxe desta Casa. E faço-o graças ao crítico que, nas palavras de Nilo Bruzzi, desde a mocidade "se recolheu ao mundo do espírito e passou a criar o seu próprio universo através dos bons livros e do trabalho daciente de pesquisas intelectuais".

Aludo — vós o sabeis — a Múcio Leão, em cujos "*Autores & Livros*" e em "*Dispersos*" (publicação da Academia por ele organizada e anotada) encontrei não só os informes acerca de Adelino Fontoura, mas, o que é tão ou mais importante — quase toda a sua produção literária.

Adelino Fontoura nasceu no Maranhão, em 1859, no povoado, hoje vila de Axixá, à margem esquerda do Mearim.

Por esse tempo, no apogeu da glória, ainda vivia Gonçalves Dias, a quem, de modo especial, atraía esse rio. É que, beirando as suas águas, possuía uma propriedade o Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, ao calor de cuja amizade mais de uma vez recorreu o

cantor dos Timbiras a fim de refazer-se, nesse bucólico recanto, das desilusões que lhe deparara a vida.

Nessas deliciosas paragens.

“..... as aves decemente atitiam,

De ramo em ramo — docemente o bosque

A medo rumoreja, — a medo o rio

Escoa-se e murmura

e aí, mais de uma vez, em sonhos, almejaría o poeta que sua amada vestisse “as formas da neblina” e fosse

“..... nos raios trêmulos da lua

Cantar, viver e suspirar consigo...”

Os pais de Adelino foram Antônio da Fontoura Chaves e Dona Francisca Dias Fontoura. Depois de ter sido caixeiro em São Luís e ator em Recife, veio Adelino aos vinte anos, para o Rio, onde, segundo diz o seu amigo de infância Arthur de Azevedo, após trabalhar no comércio, se iniciou na imprensa, com Lopes Trovão, no jornal consagrado à propaganda republicana — **O Combate**. E, cessado este, “não por falta de combatentes, como o do Cid, mas pura e simplesmente por falta de leitores, Ferreira de Menezes, que apreciava imensamente o jovem poeta, ofereceu-lhe um lugar na redação da **Gazeta da Tarde**, que acabava de fundar. Foi aí que desabrochou plenamente o incontestável talento de Adelino”. As páginas da “**Gazeta da Tarde**” e as da “**Gazetinha**”, fundada e dirigida por Arthur de Azevedo, são “o repositório dos seus melhores escritos em prosa e verso”.

Em **O Combate** de 23 de abril de 1880 publicou Adelino o terceiro capítulo de **O Embróglio**, romance que seria feito por vinte autores, tendo sido o primeiro capítulo, escrito por Araripe Júnior, publicado em 14 de abril daquele ano, enquanto o segundo, da lavra de José do Patrocínio, saiu em 16 do mesmo mês.

João Ribeiro, que conheceu Adelino Fontoura na **Gazeta da Tarde**, dele traça um retrato pouco favorável: dava-lhe a impressão de “um sujeito de bom gosto nas letras, mas ignorante e talvez presumido”. Este feitio que, em Adelino, vislumbrou o grande crítico, possivelmente decorria do orgulho do poeta maranhense, assim caracterizado por Aluísio Azevedo na secção **Tipos e Tipões** de **A Gazetinha**, de 21 de fevereiro de 1882:

“Adelino Fontoura é o cabeçudo maior que eu conheço !Tem o coco duro e áspero dos provincianos teimosos e impertinentes A sua cabeça redonda, grande, e de cabelo curto, não se vergaria a uma imposição de qualquer gênero, partisse ela do governo, da igreja, da sociedade ou simplesmente, o que é mais sério, de uns labiozinhos femininos e rosados. Ele é refratário à ternura como ao elogio e às leis da etiquetas. Franco e orgulhoso. Diz abruptamente o que pensa sobre qualquer assunto ou sobre qualquer sujeito, e recusa oferecimentos de serviços, com escrúpulo de ser humilhado. Por isso algumas pessoas vêem nele um bicho; outras pretendem ver um grande espírito de contradição. Eu vou com os últimos. Fontoura é um imen-

so espírito de contradição. Ele deixa transparecer o seu talento, porque supõe que com isso desagrada. No dia em que se convencesse que o desejavam inteligente ele se fingiria estúpido. Tudo, menos concordar com a opinião pública !Entretanto, quer ele queira, quer não queira, há de ser fatalmente um talento de primeira mão. Mas o seu talento vê uma légua adiante da sua instrução. Fontoura o que possui não vem de fora, vem de dentro. Tirem-lhe o grande espírito original, que constitui a sua individualidade artística, e ele ficará reduzido a um tipo rabugento e vulgar. Com um pouco de trabalho, poderia ser um das rodas principais da geração antipática ao Sr. Sílvia Romero, mas Fontoura aborrece o trabalho de paciência e deixa que o talento vague a seu bel-prazer. Adora o Ramalho Ortigão e tem vinte e três anos incompletos. Sabe fazer versos, e, quando alguém o desagrada ele ataca seis adjetivos e oito advérbios explosivos, que atordoam o adversário. De resto, um caráter perfeito. Tem garras ferinas no estilo, mas penugens angélicas no coração. Uma mulher dificilmente o amaria, porém qualquer criança o adora”.

Adelino Fontoura, que morreu tuberculoso aos 25 anos, num hospital de Lisboa, é o único patrono da Academia que não deixou nenhum livro publicado, não se podendo, assim, a não ser pelo depoimento dos que com ele conviveram, ajuizar do seu valor.

Dele ficaram, contudo, alguns sonetos que consolidam a sua reputação literária, e, entre outros o que se intitula.

CELESTE

É tão divina a mágica aparência
E a graça que ilumina o rosto dela.
Que eu concebera a imagem da inocência
Nessa criança imaculada e bela.

Peregrina do céu, pálida estrela,
Exilada da etérea transparência,
Sua origem não pode ser aquela,
Da nossa triste e mísera existência.

Tem a celeste e ingênua formosura
E a luminosa auréola, sacrossanta
De uma visão do céu, cândida e pura.

E quando os olhos para o céu levanta.
Inundados de mística doçura,
Nem parece mulher — parece santa.

Foi Adelino um daqueles poetas do último quartel do século passado quase exclusivamente julgados através de suas qualidades pessoais, porquanto as suas obras, como frisava Miguel Couto, consistiram, sobretudo, em “ditos, repentos, centelhas espalhadas ao ven-

to"... A impressão deixada por Adelino na roda boêmia que frequentou, foi de tal ordem que muitos anos depois de sua morte os organizadores da Academia acharam perfeitamente cabível fazê-lo patrono da cadeira fundada pelo vate de **Ondas**.

LUIS MURAT

Parnasiano, ainda fortemente impregnado de romantismo, teve Luís Murat a pouca sorte de ser contemporâneo de quatro dos nossos maiores lapidários do verso — Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho.

Possuidor de grande cultura, não só literária e clássica, mas filosófica, sendo seus íntimos Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes: Platão, Hesíodo, Píndaro, Shakespeare, Dante, Vitor Hugo e Augusto Comte. não se contentava o cantor de Sara em ser poeta. Sua ambição era ser um **grande poeta**, como um daqueles gigantes em cujo convívio se comprazia.

Ao assinalar José Veríssimo afinidades entre o poeta de **Primaveras** e Murat, este ofendeu-se e declarou com altivez: "Não sou discípulo de Cassimiro de Abreu nem de ninguém: **"mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre!"**

Não se resignava Murat em escrever versos famosos: queria compor algo, como a **Iliada**, capaz de desafiar a ação dos séculos, e, por isto, desprezava o soneto, achando que extenuava, esterilizava e desvigorava o engenho. Para ele, esse gênero de composição é **"o pé atrofiado pelo sapato chinês"**, enquanto **"a poesia de largo fêlego afaz-nos às grandes idéias"**, tornando dúctil o pensamento, expurgando-lhe as demasias e obscuridades...

Depois de aplaudir a felicidade com que M. Pinto Filho caracterizou Luís Murat chamando-lhe **"escultor de fragmentos"**, comenta Humberto de Campos: "É assim é, realmente. O que produziu, reduz-se a um amontoado de pedras talhadas bruscamente, e cujo lugar na escultura ideada só ele compreendia. Ao atravessar a fronteira dos quarenta e cinco anos, compreendeu o poeta a inanidade da sua aspiração. A consciência do seu erro, aliada à certeza de que trabalhara mais do que os seus companheiros de geração, pois era mais culto que eles, tornara-o amargo, irritadiço, revoltado".

Está assim explicada a ansiedade em que Murat passou a vida e à qual alude Afonso de Taunay em seu exaustivo estudo ao sucedê-lo nesta Casa.

Diante da pequena ressonância encontrada pelos seus versos, era insopitável a mágoa de Murat, explodindo por vezes na imprensa e nos preâmbulos aos seus poemas.

Em vão, porém. Não tinham, na verdade, os seus prólogos o dom de infundir-lhe aos versos a receptividade que neles não encontrava o público, porquanto, como notava Bilac, "poemas não querem prefácios. Ninguém quer saber que teoria de arte guiou os poetas que os compuseram. Os melhores, os verdadeiros poemas são aqueles que, animados de um calor comunicativo, transmitem a todas as almas a

comoção que os criou: de modo que neles todos vão encontrar os seus próprios sentimentos, as suas próprias dores, os seus próprios sonhos”.

“Não penso assim” — redarguia Murat depois de transcrever o juízo de Olavo Bilac. É que — repito — supunha fossem os seus prefácios capazes de insuflar aos seus versos a vida e a palpitação que não possuíam, fazendo com que afinal viessem a ser apreciados.

Nada menos estranhável, porém que tal se desse com o cantor de Sara. Mais do que os outros homens vivem os poetas, escritores e artistas atormentados pela necessidade de aplauso. Racine, por exemplo, mesmo depois de plenamente reconhecido e proclamado o seu gênio, deixava-se abater pela mais insignificante restrição, como a de Chapelle à sua tragédia **Berenice**. Constituíra este ruidoso triunfo sobre o velho Corneille cuja glória começou, então, a ser decisivamente suplantada pela do impecável poeta de **Britânico** e **Fedra**. O sucesso não podia ser maior: platéias transbordantes, espectadores a se desfazerem em pranto, os mais resgados elogios da Côte, inclusive do grande Condé, que aplicava, à própria peça dois versos que nela ouvira:

“Depuis trois ans entiers chaque jour je la vois,
“Et crois toujours la voir la premiere fois”.

Apesar porém, de tamanha vitória, não se conformava Racine com o silêncio que, a respeito, mantinha Chapelle. Procurou-o, pois, a fim de que, como amigo, lhe dissesse o que pensava. Em resposta, improvisou Chapelle o dístico, que se tornou proverbial:

“Marion pleure, Marion crie,
“Marion veut qu'on la marie” . . .

Foi quanto bastou para que Racine caísse em tremenda depressão, esquecendo-se de todos os aplausos e dissuadindo os filhos da carreira literária, da qual ele mesmo se retiraria em plena maturidade do gênio, isto é, aos 37 anos. No calor da composição — dizia ele — às vezes agrada-nos o que escrevemos; mas, quando, no dia seguinte, revemos o nosso trabalho, espantamo-nos de achar detestável tudo quanto, na véspera, admirávamos; e quando consideramos que, por melhor que façamos, poderíamos ainda fazer muitíssimo melhor, ficando, entretanto, sempre longe da perfeição, desanimamos. Além disto embora os aplausos nos agradem imensamente, a menor crítica, por mais tola, sempre nos causa um pesar maior do que o prazer proporcionado por todos os louvores.

Esse estado dalma — a **nevrose do escritor** — é um dos múltiplos aspectos da dependência do indivíduo relativamente à sociedade. Quem escreve ou produz uma obra artística tem freqüentemente em mira o público, e, se este lhe não aprecia os trabalhos, está prejudicado um dos objetivos que também teve em vista, não podendo deixar de sentir haver despedido esforço, muitas vezes grande, em pura perda.

Dai a angústia que, em caráter quase permanente, aflige a generalidade dos escritores e artistas.

Ninguém melhor do que Descartes pode, ao lado de Racine, servir de exemplo da subordinação do escritor aos seus contemporâneos. Apesar de toda a força de gênio de que se sentia possuidor, deixa, por vezes, o filósofo transparecer, em sua correspondência, a ansiedade de quem, incompreendido, se sente abater e indaga se vale a pena prosseguir. . . Ao Padre Mersenne reiteradamente suplicava não deixasse de enviar-lhe tudo quanto a respeito dele e de seus escritos, vantajosa ou desfavoravelmente, se dissesse. Mesmo depois de retumbantemente acolhidos, em toda a Europa, os seus livros, declara, em 1646, a Chanut, não desejar estampar o **Tratado das Paixões**, e, embora ainda tivesse vontade de escrever outras obras, não o faria, porque o desgosto de ver quão poucas pessoas lhe liam os escritos, o tornava negligente. . .

Pode-se, assim, avaliar a maldade de Voltaire para com um autor que lhe solicitou o parecer sobre um livro em via de publicação. Depois de guardá-lo algum tempo, restituiu-o, dizendo: "Li-o e até lhe mudei alguma coisa". O autor percorreu, célere, o manuscrito, e, não encontrando nenhuma corrigenda, começou a desconfiar nem ao menos se tivesse dignado a passar-lhe os olhos o temível **Proteu do Talento**. Advertiu-lhe este então: "Vá até ao fim". Aí deparou, de fato, com uma modificação: o **n** da palavra **Fin** fora apagado e substituído por uma exclamação, transmutando-se em **fil**, que é como se dissessemos, em português, "arre". . .

Se, entretanto, é um consolo, para os escritores, como Luís Murat, saberem haver sido a angústia que os atormenta, participada por gênios da estatura de um Racine e de um Descartes, deve ser, para os que com eles tratam, um motivo de condescendência, pois fica, assim, evidenciado ser a susceptibilidade, que os aflige, superior às suas forças, fazendo parte da própria profissão, já a registrando Horácio há dois mil anos. . .

Luís Murat nascera nesse fecundo Estado do Rio, que tantos valores tem dado ao Brasil, não só na política, mas nas letras, sem ele não se podendo escrever a história de nossa literatura, pois conta entre os seus filhos, além do poeta de **Ondas**, Alberto de Oliveira, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Joaquim Manuel de Macedo, Euclides da Cunha, Pedro Luís, José do Patrocínio, Domício da Gama, Teixeira de Melo, Luís Pereira Barreto, B. Lopes, Silva Jardim, Lúcio e Salvador de Mendonça, Teixeira e Souza, Miguel Lemos, Raul Pompéia, Raul de Leôni, Alberto Tórres, Oliveira Viana, entre muitos outros, que formam uma verdadeira constelação de poetas, sociólogos e escritores capazes de fazer a glória de toda uma nação.

AFONSO DE TAUNAY

Em Nossa Senhora do Destêrro (que era como então se chamava a capital de Santa Catarina), nasceu, a 11 de julho de 1876,

Afonso d'Escragnolle Taunay. Aí exercia as funções de governador da Província seu pai, Alfredo d'Escragnolle Taunay, que já se tornara famoso como autor de **A Retirada da Laguna** e da **Inocência** e seria, além de senador do Império, agraciado com o título de Visconde.

Muito conhecida é a progênie paterna de Afonso de Taunay, bisneto de Nicolau Antônio Taunay, paisagista de mérito que veio com a Missão Artística de 1816, e do Conde d'Escragnolle, emigrado da Revolução, a serviço de Portugal e do Brasil.

O avô paterno de Afonso de Taunay, Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay, foi diretor da Imperial Academia de Belas-Artes e mestre de Dom Pedro II, que era seu amigo pessoal e dizia dever-lhe o culto que devotava às artes.

A mãe de Afonso de Taunay, Dona Cristina Teixeira Leite d'Escragnolle Taunay, era neta dos primeiros barões de Itambé e filha dos Barões de Vassouras, importantes fazendeiros na província do Rio de Janeiro e **Mineiros soturnos**, no dizer de Capistrano de Abreu.

Passou Afonso de Taunay a infância na capital do Império e em Petrópolis, onde estudou no famoso Colégio de Monsenhor Moreira, contando, entre seus condiscípulos, o príncipe Dom Luís de Orléans Bragança e o futuro catedrático de Otorrinolaringologia da Escola de Medicina da Universidade do Brasil — o saudoso Professor João Marinho de Azevedo.

De grande curiosidade intelectual, os tios lhe chamavam, conforme ele mesmo conta, **Dr. Pergunta**. Resolvendo seus pais, em 1889, que nesse ano ele prestaria exames de Geografia e História do Brasil, contrataram para lhe darem lições dessas matérias Alfredo Moreira Pinto, o nosso mais acatado professor de geografia na época, e Capistrano de Abreu que tão grande influência exerceria sobre a sua formação, tornando-se seu amigo e despertando-lhe o gosto pelas pesquisas referentes ao nosso passado.

Formou-se em 1900, em engenharia, pela Escola Politécnica do Rio, onde foi colega de Heitor da Silva Costa, engenheiro que ergueu, no Corcovado, o monumento a Cristo Redentor.

Transferindo-se para São Paulo pouco depois, aí se casou, em 1907, com Dona Sara de Souza Queiroz, filha de uma das mais ilustres famílias do Estado bandeirante.

Em 1904 fora nomeado professor substituto da cadeira de Física da Escola Politécnica de São Paulo, da qual só tornaria catedrático em 1911, regendo-a até fins de fevereiro de 1917, quando foi convidado pelo Presidente Altino Arantes para dirigir o Museu Paulista.

Observa Fontenelle haver indivíduos capazes das mais elevadas especulações teóricas, sem possuírem, todavia, a aptidão de conduzir até elas outros espíritos, custando-lhes mais descer a um nível inferior ao já por eles atingido, do que continuar a subir para novas conquistas da inteligência. Parece ter sido este o caso de Afonso de Taunay, segundo se deduz, entre outros, do seguinte episódio registrado pelo cronista, poeta e engenheiro Alexandre d'Alessandro, que

lhe cursou as aulas na Escola Politécnica: "Certo dia, tentando fazer o vácuo no tubo de Newtom, para comprovação das leis da gravidade, não houve meios de se chegar a um resultado apreciável. Depois de muito suar, virando e revirando peças e mais peças, já com os punhos postiços da camisa e escorregarem-lhe pelas mãos, o Dr. Taunay, triunfante, vira-se para a turma e diz: "esta torneira tem espírito de contradição!". Era, de fato, a torneira da máquina pneumática que estava com os orifícios invertidos. . . ."

Tais incidentes entravam logo para o anedotário escolar — pondera o Professor Luís Cintra do Prado, hoje catedrático de Física da mesma Escola, "e os alunos da Politécnica, sem prejuízo do grande acatamento que sempre tiveram por Taunay, faziam ilações entre o nome do professor de Física e o vocabulário da própria matéria: comentando os respectivos fatos escolares — reais ou imaginários — falavam em **toneladas**. . . . Em data posterior, quando Taunay já não militava mais no ensino das ciências físicas, Agripino Grieco usou da mesma expressão ao referir-se à massa, verdadeiramente notável, da produção literária do historiador constante de perto de uma centena e meia de volumes.

Esplêndidas aptidões de administrador revelou Taunay no Museu Paulista. Apresentava este, ao ser-lhe confiado, apenas a feição de um instituto de pesquisas zoológicas e etnográficas de acordo com os gostos do naturalista Von Ihering, que o organizou. Sob este aspecto em nada se distinguia dos estabelecimentos congêneres da Europa ou da América do Norte. Muito embora nele abundassem os espécimes originários do Brasil, de paulista só tinha o nome.

Ao empossar-se, como diretor, teve Taunay a sua atenção desde logo voltada para a circunsância de que, até etnã, apenas dois cômodos do Museu eram destinados a tudo quanto dizia respeito ao nosso passado, estando os objetos amontoados, sem catalogação e sem o menor cuidado de se despertar, para eles, a curiosidade dos visitantes. E, já no ano seguinte, colocava à disposição do público "as duas primeiras salas consagradas à tradição paulista", às quais se seguiram mais oito, com objetos, desenhos e quadros que recordavam episódios e vultos históricos, através dos quais preparou o Museu para a comemoração do Centenário da Independência.

Aqui, entretanto, impõe-se uma observação: católico praticante, certo da existência do Inferno, não admitiu Taunay a Marquesa de Santos entre as figuras do nosso passado apresentadas na galeria do Museu, conservando-lhe o retrato no chão, num canto do almoxarifado, que era o inferno acessível ao seu poder de diretor. Quando, muitos anos depois, ao ser atingido pela aposentadoria compulsória, Sérgio Buarque de Holanda o substituiu na direção do estabelecimento mandou expor o retrato da Marquesa ao lado dos demais. Ao visitar um dia o Museu e ao deparar o quadro condenado. Taunay não se conteve e exclamou: "Mas, então penduraram o retrato dessa "tipa"! Não ofenderão os melindres das famílias de São Paulo?"

Este episódio fornece, a meu ver, a chave para se decifrar a razão pela qual, podendo ter sido um dos nossos mais completos historiadores, digno de ombrear com Varnhagen, Capistrano e João Ribeiro, limitou-se Afonso de Taunay ao papel, muito inferior ao de seus reais méritos de ser quase mero descobridor e colecionador de documentos, sem deles se valer para realizar uma grande obra de síntese dos períodos e acontecimentos correspondentes.

Sabendo que a História varia com os que a escrevem, dependendo dos preconceitos e das convicções de cada historiador (pois ele mesmo era capaz de deixar indefinidamente no porão do Museu Paulista o retardo da Marquesa de Santos), achou Taunay mais prudente, de acordo com a sua profunda honestidade, transcrever textualmente em seus volumes, numa fiada árida, mas segura, os documentos. Seriam estes a seu ver, a única fonte da verdade e propiciariam ao próprio leitor corrigir qualquer injustiça ou falha de interpretação, porquanto, como adverte antigo prólogo, o historiador, para ser realmente imparcial, não deveria ter nem religião, nem pátria.

Não estava Afonso de Taunay distante da conclusão de Raimundo Magalhães Júnior, ao resumir as considerações do escritor francês Paul Guérande em sua bela conferência sobre **Historiadores Brasileiros no século XIX**: “não há História. Há apenas historiadores. Assim como não há crítica, mas críticos... Por mais que os historiadores adiram a regras preestabelecidas ou a métodos tidos como científicos, a História varia com o temperamento e a formação intelectual de cada um...”

Daí, as famosas revisões da História, que se sucedem conforme as idéias e os preconceitos de cada época, havendo tantas histórias quantos são os que interpretam os acontecimentos históricos do ponto de vista liberal, universitário, católico, protestante, positivista, reacionário, socialista, marxista etc.

Eis por que um escritor inglês chega a sustentar que o tempo da História passou, estando nós na época dos documentos, cuja leitura é mil vezes mais interessante e mais instrutiva do que a de todas as Histórias...

A propensão de Afonso de Taunay para os temas históricos manifestou-se desde o primeiro livro por ele publicado: **Crônica do Tempo dos Felipes**, impresso em França, em 1910, e a cuja segunda edição, feita em São Paulo, em 1926, deu o título **Leonor de Ávila** (romance histórico brasileiro).

Foi este livro que lhe abriu as portas do Instituto Histórico por proposta de 15 de julho de 1911, assinada, entre outros, por Afonso Celso, e assim relatada pelo Barão de Ramiz Galvão: “Sem ser uma obra histórica propriamente dita, traduz e revela cuidadosos estudos históricos na pintura dos costumes da época e em episódios notáveis. Sente-se em todo o livro o pulso de um investigador estudioso, que se não quis limitar a frase banais de intrigas galantes. Como estréia é auspiciosa. O tempo e o estudo acabarão por libertá-lo de alguns senões e de certas demasias”.

Convencido de que a ficção não seria o seu gênero, enveredou Taunay pela investigação histórica e publicou, em 1917, a **Missão Artística de 1816** obra premiada, com medalha de ouro, pelo Instituto Histórico em 20 de outubro de 1917.

Em 1915 Basílio de Magalhães — um dos nossos maiores valores culturais (que, por circunstâncias difíceis de explicar deixou de pertencer a esta Casa, sendo, entre, nós, um dos ocupantes da poltrona quadragésima primeira, preenchida, na Academia Francesa, por figuras do porte de Descartes, Pascal, Moliere, Diderot. Flaubert e Zola), em 1915, vinha eu dizendo, Basílio de Magalhães publicou a sua magistral síntese do bandeirismo — **Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII**", mais tarde consideravelmente aumentada e editada com o título de **Expansão geográfica do Brasil Colonial**.

Era um tema até então imperfeitamente conhecido, apesar das investidas de Capistrano de Abreu a partir de 1884 quando publicou o seu trabalho sobre **A bandeira de Francisco de Mello Palheta ao Madeira em 1722** — 23.

Sobre o assunto estava Afonso de Taunay trabalhando com afinco, havia vários anos. Pensara ele, em 1904, escrever uma história dos capitães-generais de São Paulo, mas Capistrano dissuadiu-o dizendo-lhe: "A sua idéia de escrever uma História dos capitães-generais de São Paulo é simplesmente infeliz. Que lembrança desastrada a de preferir um período desinteressante, quando a grande época dos paulistas é o século XVII. Deixe este encargo ao... ou ao... Isto lhes vai a calhar. Que encham as páginas da Revista com tão desenhado assunto. Reserve Você para si o melhor naco, deixe os miúdos para quem deles gostar".

E assim, como ele mesmo diria modestamente em seu discurso de recepção, dispôs-se "a uma empresa que apenas vale pela exigência árdua do labor, a fidelidade da consulta às fontes e o desejo de servir à verdade. Pois a narrativa da dilatação do Brasil pelos paulistas, avassaladores de milhões de quilômetros quadrados, que, por direito de bulas e tratados, deviam ser castelhanos, é tentamen cujas dimensões cada vez mais se alargam e exige, para a sua explanação, o concurso de muitos trabalhadores animosos e encarniçados no trabalho".

Muito embora hajam sido os bandeirantes impelidos por motivos econômicos — a **auri sacra fames** que, em todos os tempos e em todos os povos, inexoravelmente tem aguilhoado o homem, a verdade é que também os inspirava o espírito de aventura e nenhum capítulo de nossa história é tão sedutor quanto o dessa surpreendente integração da nacionalidade, na qual, a cada instante tinham de ser vencidos os mais variados perigos no fundo dessas florestas "**coisas de sua virgindade**", e nessas "**imensas solidões, onde a natureza acostuada ao mais profundo silêncio**", se espantava, como o Adamastor, de se ver pela primeira vez interrogar.

Nesses **vedados términos** quebrantados, de indefinidas regiões inteiramente selváticas e bravias, até então sem outro significado, no

conjunto do território americano, do que o de incógnitas geográficas, designadas pelos cartógrafos apenas através dos animais que nelas imaginavam existir: "**hic sunt leones: haec est psittacorum regio**", arrostaram os bandeirantes perigos tão grandes quanto os do próprio Mar Tenebroso, dos quais, no dizer do vate, "**o menor era a morte**". Esta muitas vezes os assaltava após caminhadas sem fim, ora sob aguaceiros diluvianos, ora sob os abrasamentos de um sol impiedoso, com as noites mal dormidas, quase sempre ao relento.

Depois de escapar dos animais ferozes e das ervadas flechas de índios ainda não desbaratados; depois de vencer as torrentes de rios caudalosos e encachoeirados e escalar ínvios sertões, curtindo, não raro, as torturas da fome e da sede, marchando por vezes incendiados de febre sob a ação de um acesso palustre, ausente todos os carinhos e confortos do lar, privados por anos e anos do convívio da família, que ficara léguas e léguas distante, frequentemente nesses êrmos exalavam os bandeirantes o último suspiro. Pagavam, assim, com a vida, o tributo da ousadia de se atreverem a uma empresa digna de Hércules. Mas no seu rastro, haviam deixado, em inúmeros recantos do sul e do norte, do leste e do oeste, núcleos de lavouras e criações, sementes de povoados, vilas e cidades, e, quando os súditos do Rei da Espanha se deram conta, estavam os paulistas, com Antônio Raposo Tavares e Luís Pedroso de Barros, a galgar os Andes, imprimindo ao Brasil a sua configuração geográfica, que demarcaram com suor, sangue e lágrimas.

Atraído por tão fascinante tema, que foi, anos a fio, a obsessão de sua vida, acabou Afonso de Taunay levando a cabo sozinho o imenso empreendimento que, a princípio, se lhe antolhava exigir nada menos de uma legião de resolutos pesquisadores para lhe devassarem os múltiplos e ensombrados escaninhos.

Convencido da ponderação, frequentemente repetida por Capistrano de que um só dos autos dos nossos inventários bandeirantes valia mais do que uma grande ruma de cartas régias, pôs-se Taunay no seu enalço para a minuciosa reconstituição do nosso passado, em toda a sua complexa estrutura. Visava focalizar-lhe não só o elemento dirigente mas as bases econômicas e sociais, e, daí, estudos, além da expansão territorial nos onze volumes de sua **História Geral das Bandeiras Paulistas**, o **Tráfico africano no Brasil**, pois foi o negro não só uma das vigas mestras do bandeirismo como a principal mão-de-obra em quase quatro séculos de nossa existência. E completou os seus estudos com os quinze volumes da **História do Café no Brasil**, já que este constituiu depois do pau-brasil, do açúcar e do ouro, a principal base de nossa economia.

Uma obra tão vasta, realizada por um só indivíduo, não podia deixar de apresentar imperfeições. Dentre as que mais frequentemente se lhe apontam está a que a muitas se afigura até uma qualidade: não condensar os documentos por ele descobertos, submetendo-os diretamente à crítica e apreciação do leitor.

É verdade que ao transcrevê-los, traído pela sua assombrosa memória, entrava por vezes em digressões literárias que provocavam a advertência de Capistrano: “Ouça-me! nada de alusões literárias! Nem mesmo as corriqueiras: o que uma geração conhece é muitas vezes ignorado pela seguinte. Quanto menos alusões depararem os pósteros tanto mais agradecidos ficarão ao trabalho poupado”.

Ao recebê-lo na Academia, Roquette Pinto deixou patente o pouco trato de Taunay com a antropologia, ponderando-lhe: “Não sei se fostes sempre bem inspirado consagrando no primeiro volume de vossa **História das Bandeiras**, um capítulo ao que chamastes **arianização progressiva dos paulistas**, porquanto a antropologia ensina que o **sangue ariano é uma utopia**”.

E Roquette acentuava:

“Em todo caso afirmais muito bem: **é com elementos quase unânimes euroamericanos que efetua a sua obra a “raça de gigantes de Saint-Hilaire”**.”

Por outro lado — força é convir com José Honório Rodrigues — não andou bem Afonso de Taunay ao infringir um dos princípios básicos da historiografia moderna que é o de se indicar sempre, com precisão, a fonte das afirmativas e documentos, falha em que já incidira Varnhagem, concorrendo para grande desperdício das atividades históricas de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, que quase passaram a vida a reconstituir-lhe e conferir-lhe as fontes, através de penosas e estafantes buscas.

Entre seus numerosos estudos do nosso passado, destacam-se os que Taunay dedicou à evolução de São Paulo e que o tornam o mais completo historiador da terra e da gente de Piratininga.

Notáveis são ainda os vários livros que consagrou ao Padre Voador — Bartolomeu de Gusmão, onde lhe reivindica os títulos de precursor dos inventos aerostáticos. Eram de suas obras, as que mais prezava, considerando-as superiores a tudo quanto realizara no domínio da História, talvez pela maior originalidade das pesquisas a que foi obrigado para a sua elaboração.

Forçando-o os seus estudos do bandeirismo “a permanecer um viajor infatigável, mas entre quatro paredes”, como ele mesmo disse nesta Casa, também preparou uma **Coletânea de mapas de cartografia antiga** e o **Ensino da Carta Geral das Bandeiras Paulistas**, volumes que complementam a sua **História da conquista do Brasil pelos brasileiros**, que tal é, na sua própria expressão a sua **História das Bandeiras**.

Incalculável é a massa de fatos ressuscitados pelas buscas de Taunay, dando feição inteiramente nova aos estudos e interpretação das bandeiras. Graça a ele podemos hoje acompanhar, passo a passo, minudentemente documentadas, as caminhadas épicas de Aleixo Garcia, Manuel Preto, Antônio Raposo Tavares, Bartolomeu Bueno — o Anhanguera, Afonso Sardinha, Fernão Dias Pais, Pascoal Moreira e tantos outros paulistas audazes, cujo espírito — nas palavras de Oli-

veira Martins — “foi a primeira alma da nacionalidade brasileira e fez de São Paulo — esse foco de lendas e tradições maravilhosas — o próprio coração do país”.

Apesar de seu imenso labor histórico ainda achava Afonso de Taunay tempo para prefaciocar comentar e anotar obras alheias e fazer traduções, como a da **Retirada da Laguna** e da **Segunda Viagem de Saint-Hilaire a São Paulo**, além de se entregar a estudos e escritos de outra natureza.

As preocupações filosóficas e gramaticais entraram em voga entre nós, transformando-se em verdadeira epidemia, sobretudo a partir da polêmica de Rui Barbosa com seu grande mestre Carneiro Ribeiro a propósito da redação do projeto do nosso Código Civil.

Desde então generalizou-se, entre os brasileiros cultos, a preocupação de conhecer e escrever a língua tão bem e até, se possível, melhor do que os portugueses, estudando e esmerilhando os clássicos.

E quase todos os jornais passaram a abrir secções para o ensino prático da língua, verdadeiros consultórios das diversas enfermidades de que, entre nós, padecia o idioma.

Entre os mais afamados donos de receituários linguísticos, figurou, no Brasil, no primeiro quartel do século, Cândido de Figueiredo, cuja autoridade fora reforçada pelo acatamento com que, na **Réplica**, a ele se referiu Rui Barbosa.

Dado a estudos linguísticos, tendo publicado, além de vários outros trabalhos do mesmo gênero, um **Léxico de termos técnicos e científicos**, um **Léxico de Lacunas** e um **Vocabulário de omissões**, abalançou-se Afonso de Taunay a oferecer uns **Reparos ao Novo Dicionário de Cândido de Figueiredo**, cuja terceira edição saíra em 1923, o que o levou a uma polêmica de muitos artigos com o famoso dicionarista.

Os que se dedicam ao estudo da língua são quase sempre irritadiços degenerando, entre eles, as discordâncias em acerbas e envenenadas lutas pessoais em que não guardam qualquer medida, o que levou Dante a segregar os gramáticos num dos mais detestáveis ciclos do inferno. Ainda no século de Erasmo, ao discordarem, abandonavam os gramáticos italianos o latim, em que usualmente se exprimiam, e passavam a mimosear-se, na língua materna com expressões como “**accidente alla tua madre!**”, “**figlio di porco!**”, “**figlio d’un cane!**” e outras que será prudente não repetir.

Homem da mais fina educação, jamais se deixou Taunay, mesmo quando provocado, arrastar a tais extremos. Sempre objetivo, mostrou não só as inúmeras falhas, mas os enormes dislates de muitas das definições do **Dicionário** de Cândido de Figueiredo, que Rui Barbosa considerava “**a maior das nossas competências em matéria de lexicografia portuguesa**”, e cujos livros, todavia, no dizer algo inquisitorial do meu amigo Gladstone Chaves de Mello, “**pelo grande mal que tem feito, devem ser queimados com solenidade, para exemplo às novas gerações**”.

Eis algumas das definições do **Novo Dicionário** criticadas por Taunay:

“**Hertziano**, adj. Diz-se de uma variedade de telégrafo, cf. **Jornal do Comércio** do Rio, de 13 de junho de 1901”.

“**Aeroplanos** aparelho aerostático, movido a vapor e sustentado sobre planos ou lâminas postas em ação por um motor da força de um cavalo. Inventado recentemente em 1896 por Langley”.

Depois de dizer que esta definição, em 1923, era um figurinha de carteira de cigarro, conclui Taunay ser a mesma de origem futurista, por não haver outra entrada para tão ampla saída...

“**Fluor** — Corpo simples ainda não insulado”, provoca o espanto de Taunay: “A química do Sr. Cândido de Figueiredo está atrasada de quase quarenta anos, porque desde 1886, realizando o ilustre Moissan a eletrólise do ácido fluorídrico, conseguiu isolar o misterioso e terrível “**phoro**”, causador da morte se não me engano de um dos seus tenazes e infelizes perseguidores, os irmãos Knox”.

A definição: “**ácido fórmico** — diz-se de um ácido que se extrai das formigas”, arranca de Taunay o seguinte comentário: “o processo dá certo, mas... continua a ser usado só pelos consulentes do Sr. Cândido de Figueiredo. Para que foi este idiota de Berthelot inventar o seu processo de desdobramento do ácido oxálico em ácido fórmico e gás carbônico? Matou assim um artigo de exportação notável que podia dar excelentes lucros ao Brasil: a exportação da saúva matéria-prima que temos em abundância...”

Ao transcrever as definições: “**Florianista**: sectário da escola literária do fabulista Florin”; “**Florianesco** — se diz no Brasil do estilo do fabulista Florin” e “**Siriema** — ave penalta notável pela guerra que faz a todos os animais”, declara Taunay que esta última definição lhe lembrava as de Bernardo de Melo Bacelar, o célebre dicionarista que definiu “**macaco**: animal de trejeitos delirantes”; “**abdomen**, parte do umbigo” e castiçal, o que dá fogo e luz”...

Desse Bacelar, as cujas definições, no dizer talvez apaixonado de Taunay, quase se equiparam algumas das de Cândido de Figueiredo, narra Manuel Pinheiro Chagas a seguinte história:

“Estava Bacelar compondo o seu dicionário e chegou ao termo **silogismo**. Ignorando o que fosse, tratou de procurar alguém que lho explicasse; deram-lhe a explicação e ele não a entendeu. Então, para tornarem o caso mais claro, disseram-lhe que silogismo era um raciocínio que provinha da fusão e combinação de duas premissas como, no coz de umas ceroulas, se fundem as pernas das ditas. O pobre ainda não percebeu, mas julgou que salvara a dificuldade, escrevendo: “**silogismo**, raciocínio sobre duas premissas. **Vide** ceroulas!”

Tenho encontrado quem estenda a Afonso de Taunay a crítica que em Portugal se fez a Inocêncio, isto é, “faltar-lhe a faculdade de animar um assunto, insuflando-lhe seu próprio espírito, fazendo-o respirar, mover-se, sorrir, chorar, interessando o leitor como uma personagem viva”.

Não me parece procedente o reparo, porquanto não se propôs Taunay a fazer obra de ficção, mas a exumar, através do maior número de documentos, o nosso passado. E, como salienta um grande mestre de estética, o escultor maneja diversamente a espátula e o esoppro, conforme afeiçoa ou esculpe a estátua de um mártir ou de um herói, ou cinzela uma taça ou uma espada. O mesmo ocorre no campo literário no que pertence à forma, isto é, à construção do período, porquanto o ritmo e o estilo estão ligados à substância, nela se integrando, sendo o corpo de que ela constitui a alma.

Dirigem-se os livros de Afonso de Taunay, mui de intento, apenas àquele pequeno escol de investigadores e estudiosos a que aludia Voltaire ao sustentar que o público está longe de ser o Universo, como ingenuamente supõem os que se iniciam nas letras. Tomando, como referência, a população de Paris do seu tempo, dizia o autor de **Zadig** que o público, em matéria de livros, é formado por quarenta ou cinquenta leitores, se se trata de assunto sério; quatrocentos ou quinhentos, quanto é divertido e cerca de mil e duzentos, no caso de uma peça de teatro, havendo, mesmo no Paris dos Enciclopedistas, mais de quinhentas mil almas que nunca ouviram, nem jamais ouviriam falar de tudo isso.

Quase sem o perceber, estabeleceu Taunay uma nova era em nossa historiografia e trabalhou para que outros, valendo-se dos tesouros por ele desencavados, possam fazer livros e mais livros em que somente terão de preocupar-se com a forma e a apresentação, interpretando e sintetizando os documentos que generosamente pôs ao alcance de todos.

Suspendo aqui a referência aos escritos de Taunay, que sobem, como já assinalei, a perto de uma centena e meia de volumes e passo a tratar do homem, pois não é possível num discurso, nem sumariamente analisar-lhe as obras. E muito menos posso referir-me à sua importante contribuição para os **Anais do Museu Paulista**, onde publicou tantos documentos preciosos. Nem também poderei deter-me em apreciar-lhe a assídua colaboração na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, no **Jornal do Comércio**, no **Correio Paulistano** e em várias publicações periódicas do país e do estrangeiro. Os inúmeros artigos que, no decorrer da vida, estampou foram por ele guardados e constituem sessenta alentados volumes a serem selecionados para futuras edições. O mesmo há de ocorrer com a sua copiosa correspondência que deve ser coligida e traduzida pelos que se especializaram em decifrar-lhe a letra, porquanto é inestimável repositório de indicações e ensinamentos sobre os mais variados temas.

Nunca se negou Taunay a ministrar lições a quantos recorriam às suas luzes. Mesmo pelo telefone era constantemente assediado, até por pessoas desconhecidas, a fim de responder a perguntas e consultas. Muitas vezes eram mães de ginásianos que a ele se dirigiam para auxiliar os filhos em seus estudos. E ele, pacientemente, quando não podia de pronto, par uma resposta, ia enfronhar-se no assunto, e, mais tarde, fornecia os esclarecimentos que lhe haviam sido solicitados.

Um traço que quantos o conheceram são unânimes em salientar é a sua bondade. Excelente esposo e chefe de família exemplar passou a frente de bataha. Fazendo sua a divisa de Apeles — “*nulla dies sine linea*”, escrevia de manhã, à tarde e à noite, como que impelido por imposição orgânica, segundo observa o seu filho Dr. Augusto de Taunay.

Para escrever, prescindia de ordem e silêncio em torno de si: enquanto redigia ou atendia à sua correspondência, era capaz de contar histórias para os netos ou auxiliá-los em seus deveres escolares, e isto doce e suavemente, sem perder o fio do assunto principal de sua atenção.

Sua mesa de trabalho, como a do Barão do Rio Branco, sempre transbordante de manuscritos e cartas, apresentava a maior desordem; sabia, entretanto, o lugar exato de cada papel e mantinha permanente vigilância para que aí ninguém tentasse fazer a menor arrumação.

Seus livros não eram catalogados, e, embora dispostos de maneira aparentemente anárquica, era Taunay, de olhos fechados, capaz de localizar cada um deles. Nos últimos tempos, impossibilitado de ir à sua biblioteca, indicava com precisão onde se encontrava tal ou qual volume, sem que nunca se enganasse.

Para poder estudar e escrever dia e noite, ano após ano, alheava-se completamente de todos os encargos domésticos e passava-lhes a gestão para a sua esposa, sem cuja colaboração, proporcionando-lhe a paz de espírito de que tanto carecia, não teria conseguido realizar a titânica obra que nos legou. Bênçãos recaiam, pois, sobre essa admirável Dona Sara Souza Queirós de Taunay, companheira que tanto lhe embelezou a existência, exemplo do que pode valer, para um escritor a abnegada e silenciosa dedicação de uma esposa no recesso do lar, preservando-lhe a vida interior para as criações do espírito.

Capaz de absorver-se, meses a fio, em leituras extremamente massantes, daquelas das quais dizia Eça que nem Robinson na sua ilha deserta, com todo o seu tédio, queria pôde-se aplicar a Afonso do Taunay, cercado de alfarrábios, translados de inventários, escrituras e testamentos setecentistas, o mesmo que Ramalho contava do juriconsulto luso Mártens Ferrão: quando tinha seus ímpetos mais ferozes de extravagância e de anarquia, saía a passear pelas viçosas campinas da filosofia do direito e fazia patuscadas orgíacas e escandalosas com as origens célticas do direito e as liberdades municipais do Império romano. No dia seguinte acordava cansado, pálido, abatido...

A capacidade de Taunay para reter nomes, datas e fatos era prodigiosa e conservou-a até os seus últimos dias, conforme um episódio de que posso dar testemunho.

Quando, em agosto de 1956, publiquei o meu livro sobre o Padre Antônio Vieira, remeti-lhe, pelo correio, um exemplar.

Passado um ano, como dele nada houvesse recebido, contra a sua praxe (pois de sua educação aristocrática, manteve, vida fora, a delicadeza de nada deixar sem resposta), supus tivesse havido algum

extravio, ou do meu livro, ou do seu agradecimento. Solicitei, então, para apurar o caso, a ajuda de um amigo de São Paulo — Hugo Maia, um desses homens raros, de grande inteligência e cultura, associadas a imensa bondade, e que só vivem para a família, os amigos e as belas coisas do espírito.

Hugo Maia fora, havia cinquenta anos, aluno de Taunay na Politécnica, onde era conhecido como Hugo de Campos Maia. Passando a partir de 1908, a exercer sua atividade no comércio de São Paulo, deixou o **Campos** e adotou apenas o nome Hugo Maia, que foi o que apresentou à Senhora de Taunay, a fim de transmiti-lo ao marido que não o via desde 1907. Ao descer a escada para recebê-lo, exclamou Taunay, como se como ele houvesse estado na véspera: “Hugo de **Campos** Maia, como vai você?”

Era, aliás, seu costume, na Politécnica, fazer de cor a chamada dos alunos, por mais numerosa que fosse a turma.

Quanto à sua integridade eis o que, a respeito, conta o meu querido amigo, Reverendíssimo Padre Murilo Moutinho, S. J.: lecionava Taunay, desde vários anos, a cadeira de História da quinta série do Ginásio de São Bento, quando o seu filho mais velho galgou aquela série. Julgou, então, dever afastar-se da cátedra durante todo esse período letivo, porquanto não se supunha com autoridade para atestar o aproveitamento de seu próprio filho.

Quando Diretor do Museu Paulista, recusou o carro que o Governo lhe oferecia, dizendo que a verba correspondente poderia ser melhor aproveitada em benfeitorias para o mesmo Museu, continuando ele a andar de bonde, como o fez até o fim da vida, trazendo sempre debaixo do braço velho guarda-chuva que se tornara parte integrante de sua pessoa.

Observava Cícero, a propósito de Varrão, que os homens, poços de ciência, quase nunca são de convivência agradável, porquanto, sempre preocupados com o passado e o futuro, jamais são verdadeiramente contemporâneos daqueles com que vivem.

Apesar de sua enorme e variada cultura, tal não se dava com Afonso de Taunay. Notam mesmo os que o conheceram mais de perto que certos termos clássicos, de que habitualmente se servia na conversação, como **mendacidade, veraz, fero, rábido** e tantos outros de sabor comoneano, com tamanha espontaneidade lhe brotavam dos lábios, que não destoavam, completando-lhe até a bela e heráldica figura.

Afora o trabalho, entregava-se apenas a três distrações: conversar, jogar, uma vez por semana, gamão e tocar piano, sendo de sua própria lavra algumas das sonatas que executava.

De trato ameníssimo, era um **causeur** encantador pela vastidão e profundidade de sua cultura. Palestrava horas a fio com qualquer pessoa, de qualquer nível intelectual, de um lado, para expandir a sua invulgar capacidade de narrar fatos e citar nomes e datas, e, de outro, por pensar, sem dúvida, de acordo com o provérbio castelhano, que “**não há tolo de quem o sábio não possa aprender alguma coisa**”.

Genealogista insigne, distraía-se em levantar a história de certas famílias de suas relações e até mesmo estranhas. Muita vez — ao lhe apresentarem alguém — citava, com espantosa riqueza de dados, fatos sobre a origem, os nomes, as datas e a cidade de onde provinham os ascendentes do apresentado, freqüentemente ignorados por ele próprio.

Não era grande amante da poesia: a seu filho Augusto, ao qual Capistrano de Abreu vaticinara pendores poéticos, prometeu valente surra se o apanhasse a fazer versos. . . Apreciava, todavia, alguns dos nossos poetas, particularmente Olegário Mariano, a quem endereçou o último bilhete que escreveu, e ele mesmo compunha quadrinhas jocosas, geralmente dirigidas a seus parceiros de gamão.

O Museu Paulista foi a grande paixão da vida de Afonso de Taunay, levando-o a abandonar, para não deixar a sua direção, a cátedra que ocupava na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, quando passou a vigorar a lei que proibia as acumulações. Com o seu amor pelo Museu Paulista só rivalizava o que consagrava ao Museu Histórico de Itu, por ele carinhosamente idealido e organizado.

Embora carregado de anos, pois ia completar oitenta e dois em julho último, não chegou a conhecer a velhice. Faleceu de um colapso, em pleno gozo de suas faculdades mentais, lendo uma comédia de Labiche, dez minutos após haver dado, a um de seus netos, uma lição de latim.

Graças à sua longevidade, pôde receber, em vida, as homenagens em geral somente prestadas à memória dos grandes homens, porquanto, como nota o Padre Antônio Vieira, “a inveja faz grande diferença dos mortos aos vivos, e dos presentes aos passados. Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quais diz o Texto sagrado que não podiam ver a luz do Templo, senão depois que se apagava: *Oculi ejus caligaverant, nec poterat videre lucernam Dei antequam extingueretur*. Enquanto as luzes são vivas, cada reflexo delas é um raio, que cega os olhos da inveja; porém depois que elas se apagam, e muito mais se se metem largos anos em meio, então abre a inveja, como ave noturna, os olhos; então vê o que não podia ver; então venera e celebra essas mesmas luzes, e levanta sobre as estrelas seus resplendores”.

Para honra nossa, era Afonso de Taunay, havia vários anos, unânimemente apontado, no Brasil, como o nosso maior historiador vivo, e desde 1944, ao ser eleito membro honorário da **American Historical Association**, por proposta de historiadores do valor de uma Bernadotte Schmitt, de um Waldo Leland e de um Guy Stanton Ford, pôde antecipadamente ouvir a voz consagradora da posteridade, que tal é, para os vivos, no dizer de Capistrano, a voz do estrangeiro.

Tornou, assim, uma realidade a divisa — *ad immortalitatem*, porquanto, ao longo de laboriosa e edificante vida, enriqueceu o patrimônio cultural da Pátria, conquistando aquela glória que “fica, eleva, honra e consola”.



Ivan Lins, ao lado do Acadêmico Rodrigo Octávio Filho, no dia da posse na Academia, em 12 de novembro de 1958.

II

RESPOSTA DO SR. RODRIGO OCTAVIO FILHO

Senhor Ivan Lins:

Creio que foi o malicioso Rivarol — com aquele jeito de se-gredar coisas inconvenientes, mas assustadoramente verdadeiras — quem disse que os homens aqui em baixo, não podendo receber suficientes provisões que lhes garantam legítima imortalidade, não passam de simples viajantes, cuja viagem termina onde termina a estrada. . .

Bem sabemos nem sempre ser assim. Do caminho percorrido fica, por vezes, a recordação de alguns passos dados, o eco de palavras ouvidas, a lembrança de muitos sofrimentos, de algumas alegrias. . .

Conheço-vos bastante, Senhor Ivan Lins, para não suspeitar ter sido a fria vaidade quem vos moveu, por duas vezes, a ambicionar as glórias acadêmicas. Por serdes vós quem sois, é que se vos abri-ram as portas desta Casa. Nela entrais galhardamente, armado ca-valeiro egresso de ferrenho embate com rival de alto coturno. **Ambo Arcades.**

E, apesar da escandalosa fantasia de vossa cabeleira branca, ides sentar-vos à mesa dos irmãos mais moços, que tendes sete anos menos que Belo Horizonte, jovem cidade onde nascestes. . .

Em aqui chegando não trazeis as mãos vazias. Ao contrário: ofereceis como credencial de alto teor, obra digna de vossa estirpe, produto exclusivo de vosso pensamento filosófico, de vossa cultura, de vossa vocação de escritor.

Ides aqui viver em ambiente propício, porque dedicado ao tra-balho ininterrupto de defesa da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Apesar de sexagenária, a Academia é ainda tentadora. . . Em seu louvor cantam conhecidos menestréis. . . E sem número são os

que se candidatam a viver em sua companhia. E isso lhe faz florir a vaidade, aumenta-lhe o prazer da vida, incentiva-lhe as atividades propulsoras das letras e da cultura de nossa terra. Sua já longa existência de trabalho é a prova de que só se atingem os encantos de uma maturidade respeitável e respeitada, pelo árduo e constante esforço de todas as horas, pelo sofrimento que fertiliza e ampara as boas intenções, pela solidariedade que equilibra as divergências, pelo consólo, pela alegria do dever cumprido.

Por assim agir, reconhece, irônica e superiormente, a malícia de certo membro da Academia Francesa, quando escreveu, em dois versos repetidos e célebres, duas verdades indiscutíveis: "**Quand nous sommes 40 on se moque de nous./Sommes nous 39? on est à nos genoux. . .**"

Não sei, Sr. Ivan Lins, se acreditais na glória literária. Realmente ela atinge a muito poucos. Estais vivendo, na noite de hoje, uma hora de consagração. Mas o vosso coração, bem sabemos não está de todo satisfeito: — nesta sala vos falta alguém, cuja saudade vos agrilhoa o coração; vosso pai, Ministro Edmundo Lins, homem de ótimas letras jurídicas e literárias, cidadão exemplar, varão inesquecível.

Fostes, sem favor, o seu melhor aluno, a começar pelo latim. Com ele traduzistes Eutrópio, Tito Lívio, Cícero, Suetônio, Virgílio, Horácio, Ovídio e os demais clássicos, nos quais alicerçais uma esplêndida cultura.

Existia entre vós dois — pai e filho — comovedora afinidade espiritual, afinidade que se acentuou depois de vossa maturidade filosófica. Pelas mãos paternas, despontastes no positivismo, que delas recebestes o contagiante **Esbôço Biográfico de Benjamim Constant**, desse apostolar Teixeira Mendes.

Já se tinham passado três ou quatro anos que havíeis renunciado às vossas crenças religiosas, deixando de ser o bom católico, sincero e praticante. Fostes, então, dominado pelo cepticismo dos agnósticos, cepticismo que não raro mata as esperanças, nega a luz do dia, neutraliza atividades, e que, não se coadunando com vosso temperamento, enchia de inquietude o vosso espírito. Encontrastes enfim no pensamento comteano o que as culturas de horizontes largos buscavam: sistematização dos conhecimentos científicos e filosóficos coordenadores dos demais estudos históricos e sociais, e base para o estabelecimento de uma moral científica.

O positivismo, porém, não ficou sendo para vós um sistema fechado ou impermeável. Pregastes que tudo quanto já se fez, ou se vier a fazer, com critério científico, em qualquer setor do conhecimento humano, deve ser a ele incorporado, enriquecendo-o e modificando-o naquilo que estiver em desacordo com as novas aquisições da ciência. Predestinado para os ofícios da sabedoria, encontrastes assim nova razão para compreender a vida e interpretar-lhe os mistérios.

Podemos discordar de muitas das vossas idéias e princípios filosóficos, que aceitais como definitivos. Uma coisa, porém, é preciso

reconhecer e afirmar: a sinceridade, a honestidade intelectual, a coerência. Sois daqueles que, cultuando, acrescentam, e o maior serviço que prestastes à cultura brasileira, frisou há pouco tempo com sua autoridade, Castilhos Goycochêa, foi humanizar o positivismo, tirando-lhe o caráter intolerante e até agressivo com que foi instituído e mantido até faz pouco, entre nós, tornando-o “uma doutrina como as escolas fictícias e as escolas abstratas”.

Uma recepção acadêmica não é apenas festa do espírito, revestida de ademanos mundanos, onde os dourados dos nossos uniformes enfrentam a elegância dos trajes femininos, e onde dois discursos, mais ou menos longos, e mais ou menos aplaudidos, são lidos com certa ênfase. . . É mais do que isso. É uma hora de compreensão, é uma hora em que se dizem verdades, é uma hora de confissões mútuas. De outra forma não homenagearíamos, como é nosso dever, o nosso companheiro.

Por isso vou revelar, mesmo contra a vossa vontade, Senhor Ivan Lins, um gesto de tanta altitude moral e de tanta significação humana, que, só ele, bastaria para iluminar uma biografia e justificar o respeito que vos tributamos. Está ele narrado em uma das mais belas páginas que escrevestes: carta que dirigistes a um amigo: o ilustre Dr. Sobral Pinto. O que nela se lê é uma comovedora história que vou contar aos que me ouvem:

— Verificando não ter vocação para padre, Edmundo Lins, que havia sido posto no Seminário de Diamantina, por seu padrasto, para que seguisse a carreira eclesiástica, depois de ter chegado a tomar ordens menores, abandonou os companheiros de batina e, com o pouco dinheiro que emprestaram alguns colegas, transferiu-se para Ouro Preto, de onde, aprovado em exames preparatórios, rumou para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito.

Embora tivesse deixado de seguir a carreira eclesiástica, manteve-se católico, até que um dia, com o correr do tempo, perdeu a fé. Aconteceu que nos primeiros dias de setembro de 1943, estando Ivan Lins fora do Rio, onde deixara o pai convalescente de grave enfermidade, foi por ele chamado com a maior urgência. O susto dissipou-se, quando Edmundo Lins, foi convalescido. Lhe segredou a razão do encontro: — “Mandei chamá-lo, porque não quero que você faça de mim um mau juízo, pensando que eu seja um homem sem caráter. Tive, há dias, um sonho que muito me comoveu. Sonhei que me achava no Seminário de Diamantina exatamente no momento em que o Superior, Padre Bartolomeu Francisco Xavier Sípólis (a quem sempre consagrei grande admiração e amizade, pois era, como todos os seus companheiros Lazaristas, um verdadeiro santo), estava dando a comunhão a meus colegas de Seminário, e que se tornaram, depois, grandes e respeitáveis sacerdotes. Quando chegou a vez de ministrar-me a comunhão, o Padre Sípólis chamou-me em latim, como era praxe de se fazer a chamada dos alunos no Seminário: “Edmunde! Edmunde!” Mantive-me calado e não respondi, mas o Padre Sípólis insistiu: “Edmunde! Edmunde!” Afinal não pude resistir e respondi: “Adsum! Adsum!”. E ao aproximar-me do padre

Sípolis, este, muito emocionado, me abraçou com grande carinho, dizendo-me: "Edmundo, por onde andou você tanto tempo que nunca mais o vimos na mesa da comunhão? Temos sentido imensamente a sua falta. Então você não se lembra mais do Sagrado Viático de sua mocidade, o PANIS ANGELORUM, FACTUS CIBUS VIATORUM", de que fala o Hino ao Santíssimo Sacramento o "LAUDA, SION, SALVATOREM"? Ao ouvir estas palavras do Padre Sípolis, entrei em convulso pranto e acordei. Desde então tenho tido grande vontade de comungar, mas não quis fazê-lo sem primeiro ouvir você, por ser, de todos os meus filhos e amigos, aquele com quem mais detida e freqüentemente me tenho externado sobre assuntos de religião e filosofia. Se você achar que este meu desejo de comungar resulta apenas de uma deliquescência de meu cérebro senil, atingido pela esclerose, não o farei, pois, como você sabe, em dezembro próximo, completo oitenta anos".

Emocionado, com o que ouvira, o positivista Ivan Lins consolou o velho pai, dizendo-lhe que a comunhão só lhe podia fazer imenso bem. E que ela iria integrá-lo, novamente, em suas convicções e práticas religiosas da mocidade! O sonho que tivera constituía prova tangível. E ele mesmo, o nosso positivista Ivan Lins, foi imediatamente buscar, na Paróquia, Frei Félix, que confessou e ministrou a comunhão ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, o seminarista reiluminado por um tão belo e milagroso sonho.

Como vós, Senhor Ivan Lins, também eu sinto aqui a imensa falta do meu pai, que, se vivo fosse, seria quem nesta hora e nesta tribuna vos estaria louvando e recebendo em nome da Academia, brindando-vos com toda a profunda admiração que vos devotava.

Nada disso, porém diminui a glória, nem as galas desta festa em que vossa obra e vossa personalidade recolhem os louros de uma vida ininterrupta de estudos e trabalhos intelectuais. Nem este é o momento para evocação de tristeza e de saudades. Se assim não fosse, poderíamos, nós ambos, rezar juntos, aqui; um longo rosário delas. Felizmente sentimo-nos protegidos pelo ensinamento do Padre Manoel Bernardes: — das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas.

Acabais de pronunciar um discurso no mais clássico modelo acadêmico.

A sobriedade da linguagem, maleável instrumento de expressão, ganhou realce na sonoridade da voz serena e firme. Manejais o vernáculo como artista penetrante, que houvesse aprendido com Mário Pilo que a estética não poderá ser uma ciência objetiva, uma ciência autônoma, mas um ramo, um grande e nobre ramo da psicologia. Realmente, nos três retratos que acabais de traçar, de Adelino Fontoura, Luiz Murat e Afonso de Taunay, não vos revelastes apenas historiador e crítico, mas também, e acentuadamente, um psicólogo.

E, desde que aqui chegastes, permiti-me uma advertência: Se não encontrardes, como queria Tácito, um lugar entre os homens virtuosos. . . vivereis entre homens de boa-vontade, que trabalham por um ideal constante, desde que esta Casa foi fundada. Posso repetir-

vos que tereis aqui, em amável companhia, tarefas que vos reclamam os primores do ofício e tereis as bênçãos de grandes tradições e o estímulo das glórias que laurearam esta Casa, que hoje vos ouviu, da tribuna que foi de Machado de Assis e Rui Barbosa.

Machado, modesto, retraído, sem eloquência, dono da palavra adequada, única e indispensável, da frase que não hesita, da frase redonda que diz tudo que tem a dizer. Escrevia como quem fala, em surdina, num confessionário, parecendo pedir desculpas por tanto saber e por escrever tão bem. E Rui, falando alto, com ênfase, insuperada eloquência e dono de um cérebro que era o prodigioso laboratório de onde projetou no quadro da inteligência brasileira, através do estilo que o ombreia e irmana aos grandes clássicos, um monumento culminante da cultura jurídica, social, política e literária.

Senhor Ivan Lins, na tribuna acadêmica, vosso discurso honrou-lhe as tradições. Se não fosse essa espécie de ministério público literário, que Múcio Leão devotadamente exerce, curador que é dos escritores esquecidos ou ausentes, Adelino Fontoura, Patrono da cadeira em que vos sentais, continuaria ignorado, amparando-lhe o nome, o seguro de vida literária, que, no dizer de Afrânio Peixoto, devem emitir os grêmios da natureza da nossa Academia. Realmente, não fosse o trabalho devido ao sacerdócio pesquisador de nosso ilustre confrade e o vigoroso retrato que dele acabais de fazer, Adelino Fontoura continuaria patrono sem que lhe conhecessemos prosas e versos.

Luiz Murat, vós o evocastes autêntico, perfeito. Estou a vê-lo nos primórdios da minha vida profissional, sentado diante de sua mesa de escrivão da Provedoria, assinando termos e ofícios, folheando autos, atendendo às partes com aquela fisionomia de olhar severo e marcada pelos bastos bigodes grisalhos, mas cujos versos, apesar das insistências de meu pai, me eram naquela época totalmente proibidos pela minha prosápia de poeta penumbrista.

Vosso precioso elogio de Afonso Taunay comoveu-me o coração. Companheiro quase sempre ausente, era de todos o íntimo amigo, o amigo epistolar. Sentado aqui, afidalgado, enobrecia o ambiente. De longe, com suas cartas assíduas, conceituosas, talhadas em letras pequeninas e difíceis, vivia em íntimo colóquio com seus irmãos de confraria. Fui a São Paulo para vê-lo, dez dias antes da sua morte. Enfraquecido fisicamente, era ainda o mesmo espírito, a memória e a lucidez de sempre, tal, qual o retratastes.

Percebestes, por certo, Senhor Ivan Lins, que até agora andei fugindo a um encontro direto com a vossa obra literária. Se pela extensão e profundidade, não me assusta encará-la, pelo respeito que a ela devoto, receio não poder comentá-la e louvá-la na escala merecida.

Muitos de vossos temas eu os toco em oitavas diferentes e não raro vos surpreendo em tais virtuosidades que me é mais deleitante deixar-vos no palco com vossos instrumentos requintados, para apenas aplaudir-vos como ouvinte respeitoso.

Ensinava o patrono desta Casa que “nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum”.

No trato de vossa obra, esta idéia me ocorre, e eu próprio, ao percorrê-la agora e sentindo-a em seu conjunto, acrescentei tanto ao meu velho acervo que vos coloco, nesta geração, entre os mais dardivosos provedores.

Nem tudo, porém, incorporei: Sois positivista; positivamente o não sou, mas, nas sombras do vosso harmonioso humanismo, há, a cada passo, um banco para conversarmos, para dizerdes vós da tranqüila segurança que desfrutais no sistema de idéias que adotastes, e fale eu de dúvidas metafísicas, dos meus velhos colóquios com Schopenhauer, meus entretimentos com William James, no caminho de Bergson, a quem ainda volto com o mesmo sentimento que identifiquei em José Maria Belo — “O retôrno a Bergson, ao seu límpido e tantas vezes imaginoso estilo, era uma pousada de repouso na cansativa excursão através de filosofias áridas ou confusas a exigirem, no labirinto das idéias, um fio condutor que nenhuma Ariadne nos dava. . .”

A conselho paterno, nos meus verdes anos, andei também, a bordejar vossas plagas, e fiz-me ouvinte, no Templo da rua Benjamin Constant, da comteana pregação, mas, devo recordar, o demônio da poesia se desmandava tanto em meu cérebro inflamado que me é mais fácil hoje repetir-vos versos que compus naquelas horas, do que sabatar-me sobre o quanto se disse da Lei dos Três Estados.

Louvo em vós, ilustre companheiro, essa gula das leituras intermináveis, de que fala Augusto Méier.

Sois de grande saber e sois médico e não jurista, como tantos pensam, mas me confessastes a renúncia à clínica, obediente ao preceito latino “*Medice, cura, te ipsum!*” . . .

No magistério, do Latim e da História, no ginásio padrão, passastes pela Higiene Industrial, como bom escolápio. . . e acabastes na História da Filosofia, nos cursos de Direito da Universidade do Brasil.

Sois jornalista militante, e, na rica moldura do vosso caráter da vossa probidade e da vossa vocação de homem público, está hoje, de corpo inteiro, o retrato do cidadão exemplar — o Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura do Distrito Federal.

Sois aqui, porém, acima de tudo, o escritor e, ao entrardes, teremos de esmiuçar vossa rica bagagem.

A leitura do conjunto de qualquer obra de real valor, como a vossa, é das que impressionam pela substância e firmeza de afirmações, pela aceitação e defesa de princípios literários ou filosóficos, pelo espírito polêmico, que domina todo pensamento que se opõe a outro pensamento, leva-nos a conjecturar com Paul Valery: *Personne ne peut dire ce qui demain sera mort ou vivant en littérature, en philosophie, en esthétique*. Maior consôlo encontramos no que escreveu Mestre Fidelino Figueiredo: “Ainda que obra de inspiração individual dos artistas, a literatura é um fenômeno social pelo idioma de

criação coletiva e pelos problemas e inquietações que expressa, pelas reações do autor ante uma coletividade e pelo eco da criação individual sobre a consciência nacional. Público e autores colaboram; e essa colaboração transforma ou amplia, através dos tempos, o sentido e a influência da obra individual”.

Os livros que publicastes, Sr. Ivan Lins, têm um só sentido, uma só direção, animados por pensamento uniforme, são pregações escrupulosas de superior elevação moral. Trazem todos a marca de Montaigne: livros de boa-fé! E deixam a impressão de que deles fostes o severo crítico, obediente à máxima de Camilo: a crítica que principia por nós, é a melhor crítica.

Desde 1933, quando estreastes com a tese sobre **O Crime, o criminoso e a Responsabilidade Penal** — publicastes nada menos de vinte e um volumes, e tendes prontos mais dez! E numerosos foram os cursos que proferistes, merecendo destaque os realizados em Montevideu, a convite da Divisão de Cooperação Internacional do Itamarati, sobre — **Lope de Vega e o Significado de sua obra, A epopéia de Rondon nas selvas Brasileiras e A cavalaria Medieval; seus fundamentos e sublimidade de seus ideais.**

Contemplando-vos agora na imortalidade acadêmica, eu evoco o amigo de sempre e me volto para a vossa obra, pelas reminiscências pessoais: — críticas impressionistas, leituras que se me gravaram no espírito, à medida que vinham a lume vossos substanciosos trabalhos. O primeiro que li foi a **Introdução ao Estudo da Filosofia** que reúne as conferências proferidas por solicitação do proletário Antônio Pires, para figurarem numa **Cartilha Operária**. Fizeste belo esforço para vencer a difícil empreitada de síntese.

O Humanismo e o plano nacional de educação traz prefácio de Edmundo Lins, em que o notável cultor das letras clássicas, confessa, textualmente, ter encontrado ali, pela primeira vez claramente definido e precisado, o que seja o humanismo, comentando corajosamente que, se ele foi utilíssimo no Renascimento e continua a sê-lo, hoje, para um pequeno número de amadores e especialistas, é inteiramente descabida a pretensão de ressuscitá-lo com o caráter de cultura preponderante que apresentou nos séculos XV e XVI.

No pórtico do vosso livro sobre Benjamim Constant, deixou Afrânio Peixoto palavras que vos resumem o próprio pensamento: “A lição de Benjamim Constant ao Brasil foi esta, simples, bela, confortadora: sem sair da doutrinação, apenas com os meios suasórios da educação, podem-se mudar instituições. . . Ele não foi outra coisa. A própria farda que vestiu foi apenas indumentária ao mestre. Se soldados o ouviram eram apenas alunos. E a convicção se fez. As palavras se tornaram atos. Venceu sem violência, como devem vencer as idéias. Por isso é benemérito e glorificado, enquanto se esquecem os violentos e possessos. . .”

Em **Tomás Morus e a Utopia**, doutrinais sobre quem foi, além de Chanceler de Henrique VIII, humanista, homem de letras e canonizado pela Igreja Católica. Miguel Osório de Almeida, apresen-

tando-o, aplaudiu-lhe, sem reservas, o autor, “por seus alevantados ideais, por suas qualidades de pesquisador, apaixonado pelas grandes idéias, por seu otimismo e sua confiança no advento de tempos melhores, em uma humanidade mais razoável e mais sensata, menos dominada por preconceitos ou idéias falsas e impostas à força, e em nome das quais são cometidas as maiores crueldades. . .”

Roquete Pinto, no elogio do vosso Descartes, não resiste à confissão sobre o autor: “a gente pode, às vezes, não concordar com ele, mas encontra sempre o que aprender, quando ele fala”. E acrescenta: “O surto do escritor, é um prêmio do humanismo sistematizado e renovado pela influência de Augusto Comte”.

Para o exame de qualquer obra literária, uma vez que se ponham de lado os excessos de objetividade da crítica moderna, que chegou a reclamar pesquisas científicas de laboratório — basta, acima de tudo, honesta capacidade de apreciar. Ficamos assim com este douto paulista, Antônio Cândido, para quem criticar é apreciar; ter gosto e ser dotado de intuição literária.

Na intuição literária é que se encontra a capacidade, maior ou menor, de cada um colocar a obra criticada dentro do espírito universal, do ambiente e do momento em que foi criada, fazendo-a, se necessário, atravessar séculos, e ressuscitá-la, depois, na emoção e na compreensão dos contemporâneos.

Recomendo aos que me dão a honra de ouvir, o exercício deste gênero de crítica ao lerem os estudos do Senhor Ivan Lins sobre a velha e nobre literatura espanhola, nos quais interpreta e julga, com olhos de ver, com sentidos de sentir, a grandeza sábia, misteriosa e filosófica da alma inquieta e emocionante da terra de Cervantes. Dois destes estudos são dedicados a Lope de Vega, de quem assinala que, se o século era de gigantes, havia de ser um deles o portentoso gênio, que faria do teatro espanhol um dos mais ricos e originais do mundo inteiro.

Tal, efetivamente, a grandiosidade da obra de Lope de Vega, que, no vosso juízo “seria, por muitos, considerado um mito, como Homero, caso não tivesse vivido tão próximo de nós”.

Nos dramas de Lope de Vega e de sua escola, como em Shakespeare, bem sublinhais, evocando Latino Coelho, sente-se — que o belo e sublime se manifestaram, sob um aspecto novo e diverso das regradas formas de Racine e do estilo elegante, mas artificial, do teatro clássico francês e italiano. E concluis: “É que, se a luneta clássica é um instrumento precioso para apreciar os ornamentos de bom ou de mau gosto, as minúcias perfeitas ou imperfeitas, é também, como fez com Chateaubriand, um microscópio inaplicável à observação do conjunto”.

Estudos de profundidade literária, vossos ensaios integram o pensamento dramático e poético espanhol no pensamento universal, e nos trazem à sensibilidade e aos olhos, costumes ibéricos de séculos idos, penetrando, com segurança no ambiente social e político da Espanha barrôca e renascentista, através dos motivos literários da grande obra de Lope de Vega.

Sobre Ruiz de Alarcon, a quem se diz precursor de Corneille e Molière lembrais, com acerto, Sr. Ivan Lins, que, sem Lope de Vega, fasmoso gênio, cognominado, por Cervantes, **Monstruo de la Naturaleza**, e por seus demais contemporâneos, **Fenix de lo Ingênios**, não teria Alarcon escrito as suas vinte e seis encantadoras peças.

Estudos a um só tempo de história, crítica, e filosofia, trabalhos como os que esboçastes sobre Calderón de la Barca e Tirso de Molina, são preciosos e trouxeram aos nossos meios culturais, através de antenas de rara sensibilidade, temas empolgantes, quase inexplorados.

Se me fosse possível abusar, não deixaria esta tribuna, sem antes me alongar no louvor da vossa opulenta obra de esteta, humanista e filósofo, historiador e sociólogo.

Eu vos enalteci pela unidade exemplar do pensamento que vos norteia e domina. A linguagem sóbria e ao estilo vigoroso já cantei minhas loas. Num largo salto, lembrarei agora três livros que mais de perto me encantam: Martins Fontes, espelho de vossa amizade pelo deslumbrante poeta santista: *Idade Média*, a *Cavalaria* e as *Cruzadas*, após cuja leitura afirmou Afrânio Peixoto que escrever sobre tar assunto com a erudição de um humanista, com a piedade de um religioso, com a bravura de um cavaleiro cruzado é obra por todos os títulos meritória, que fez do vosso talento e de vossa sabedoria, divulgação educativa para as massas, e, por fim *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, por todos os títulos, livro consagrador e realmente já consagrado.

Vossa amizade intelectual com Martins Fontes nasceu, vós revelais, da simples cortesia da oferta de um livro. Desde então, surgiu, como afirmação de pensamentos irmãos, essa corrente epistolar das mais interessantes. Lendo em vosso livro as cartas do amigo de Bilac, ficamos melhor conhecendo a indormida preocupação filosófica de um poeta de ilimitada emoção e permanente entusiasmo.

Conheci pessoalmente Martins Fontes, de quem se disse que lê-lo era um encanto, mas ouvi-lo uma felicidade: — e cujo perfil nos traçou Bastos Tigre: “Neste Poeta — Coração, enaltecer e glorificar é um prazer delirante. Não conheço, em mais ninguém no mundo, um culto mais fetichista da Amizade, que chega à vesânia!

“Creio que ao nascer extirparam-lhe d'alma a vesícula biliar da inveja e do ciúme. Esfuma-se, dilui-se, apaga-se para fazer sobressair os amigos”.

Com a apreciação da trepidante vida e da obra fantasmagórica de Martins Fontes, vós o revivestes sob um aspecto novo e ignorado até por alguns dos seus íntimos amigos: o de ter introduzido, na divulgação positivista, o que lhe estava faltando, a pregação poética. De fato, nada mais intuitivo e convincente do que os sonetos que se lêem. Nos *Jardins de Augusto Comte* e no *Calendário Positivista*.

Em vosso preito a Martins Fontes se evidencia o poder das afinidades e da atração intelectual, mesmo entre homens que nunca se avistaram, como é o vosso caso em relação ao poeta que, no fim da existência, trocou os motivos centrais da sua poesia, o amor, a ale-

gria, o encanto da vida e da natureza, pela disciplina do pensamento na filosofia de Augusto Comte.

Eu não tenho culpa, Sr. Ivan Lins, de ter maior a sensibilidade do que outros predicados. Não maldigo, porém, essa excessiva ternura à flor da pele que se, por vezes, me fez sofrer mais do que a justa conta, em outras, deu-me o consôlo desejado. Não sei se a tenho espelhada na fisionomia, no olhar, para que todos me vejam como eu me retrato. Nasci assim e assim vivo, repetindo, para melhor compreender-me, o célebre verso de Musset: **Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre. . .**

Senhor Ivan Lins, emocionou-me a leitura na primeira página de **Idade Média**, da dedicatória que evoca "a humilde memória de Constantina", antiga e simples criada da casa de vossos pais, para cujo serviço entrou antes do vosso nascimento, e que considerais como pessoa das mais queridas da família. E Constantina, santa criatura que vos proporcionou alguns momentos mais venturosos, vive ainda na vossa memória e na vossa gratidão, como aquela árvore dadivosa, de que fala Rui, "cujos benefícios sobrevivem no reconhecimento que não murcha".

Meu nobre amigo, não poderíamos deixar de trazer Constantina à vossa festa.

A **Idade Média** destacando-se entre vossa obras capitais, é a evocação de uma época em termos de gratidão e justiça, numa aguda revisão de julgamentos.

Ao escrever História, sois discípulo de Camilo, que contava os fatos como eles tiveram a imprudência de acontecer. . .

Não deixais de enfrentar nenhum dos pontos difíceis ou obscuros daqueles caluniados dez séculos. Sedutora e cheia de atrativos, bem demonstra, é esta fase da História, onde, "em paradoxal milagre, surgem, da barbárie e do entrechoque das armas, as virtudes mesmas que constituem hoje o mais precioso apanágio do cavalheirismo". Com vossos eruditos estudos, tão ricos de ensinamentos, tínheis a certeza de ir ao encontro de quantos buscam, no Passado, incentivos e forças contra os amargores do Presente e as apreensões do Futuro.

Noite de mil anos, no azedume de Michelet, a **Idade Média** não pode ser responsabilizada pelo retardamento do progresso humano.

A pecha da estagnação, já sobejamente respondida, como, em **Lumière du Moyen Age**, por Regine Pernoud, e, entre nós por Delgado de Carvalho, em seu valioso estudo inédito, bem como todos os pontos controvertidos, encontraram em vossa obra a crítica serena e, por isso, constitui ela, em nosso idioma, pedra básica para os estudiosos.

Alegastes muito bem, Sr. Ivan Lins, nas razões de defesa, que se compararmos esse período com os séculos que se lhe seguiram, e, principalmente com os dias de hoje, devemos aceitar a lição de Burckhardt: — "Se os sonhadores que aspiram retornar à **Idade Média** — essa idade bem-aventurada! fossem obrigados a viver nela somente uma hora, reclamariam, com grandes brados, o ar dos tem-

pos modernos. Se, porém, compararmos a Idade Média com os séculos que, precederam, então a resposta não poderá deixar de ser negativa. Desse paralelo, a não ser em caso de alucinação, não se pode efetivamente concluir que, se não foi a Idade Média um dia perene, também esteve longe de constituir uma noite de mil anos”.

Existem estradas que se não podem percorrer por inteiro, pois os encantos da natureza levam à contemplação que retarda os passos. Não chegaria ao fim deste roteiro literário, através da vossa obra, se dela pudesse ocupar-me na escala merecida. O que acabamos de fazer, foi apreciar alguns dos aspectos que nos parecem mais característicos, fixadores do vosso pensamento e das vossas preferências. Deixamos de nos referir a uma parte importante do conjunto de vosso patrimônio de autor, onde merecem atenção: os Três Abolicionistas Esquecidos (Benjamim Constant, Miguel Lemos e Teireira Mendes), a concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva e A Cultura e o Momento Internacional.

Para ponto final desta saudação, reservei-me um grande tema: — Aspectos do Padre Antônio Vieira.

No prefácio, M. Paulo Filho adverte-nos de que vosso estudo completa os de João Lúcio de Azevedo, Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, devendo, por isso mesmo, interessar aos eruditos e estudiosos do vieirismo, ao mesmo tempo que todos os que lêem no Brasil e em Portugal.

Antônio Vieira, Padre da Companhia de Jesus, que ao tomismo preferia a liberdade de pensar por conta própria, “tinha horror às verdades impostas *ex-cátedra*, ao racismo e aos preconceitos sociais de que a Europa e a América de então enfermavam. Disso resultou que ele, um inaciano, educado nos Exercícios Espirituais, “fosse o mais corajoso advogado dos judeus e o mais abnegado defensor dos índios escravizados”. Homem extraordinário, Vieira externava seus sentimentos, fossem quais fossem as conseqüências, com a mais corajosa e transparente sinceridade. Por assim agir, caro pagou. Não foi entendido nem pela Rainha D. Luísa de Gusmão, nem mais tarde pelo Santo Ofício.

Que outro espírito, senão o vosso, poderia melhor defini-lo, e situá-lo em nossa História e em nossas letras? E quantos escritores, no Brasil, vos terão superado. Sr. Ivan Lins — no gosto dos estudos especializados e na ojeriza às improvisões passageiras? Vossa produção intelectual é toda documentada, revelando sempre estudo crítico sobre pesquisa paciente e séria. Conheceis profundamente a obra do grande Padre, em cujo julgamento sois severo e imparcial. Concordo com o juízo do prefaciador: por serdes filósofo e sociólogo positivista, tivestes crescida a responsabilidade ao vos pronunciar sobre um grande sacerdote da Igreja Católica. O que fizestes foi mostrar e provar que o Padre Antônio Vieira é muito mais do que o consagrado orador sacro.

Ressaltastes em Vieira, não só o pensador, o político, o diplomata, o missionário, o filósofo, o moralista, o reformador social e até o estrategista militar, mas também um Vieira ignorado, que surge

vivo, completo, eloqüente, sábio e santo, no livro erudito e persuasivo que lhe dedicastes.

O Padre Antônio Vieira, sob alguns aspectos, foi por vós tirado da escuridão em que se encontrava, para a claridade do convívio humano. Homem de altíssima estrutura moral, capaz de ação e reação sem superstições inúteis ou beatitudes insensatas.

O que realmente impressiona na egrégia figura humana de Vieira, não é a altura da voz, do pensamento religioso e filosófico, da beleza literária das gregações, da atuação e contato rude com a vida cotidiana, da santidade e da fé: é a coragem com que agiu física e pessoalmente, na perigosa época em que viveu, defendendo judeus, enfrentando e acusando a Inquisição, que o perseguiu, prendeu, maltratou e quase o fez morrer, como tantos outros, na praça pública, devorado pelas chamas de uma fogueira.

Colocastes o Padre Antônio Vieira no lugar que lhe cabe na literatura e na História de Portugal e do Brasil. Concedestes, com isso, a todos nós a graça de melhor apreciarmos sua clássica oratória, sem os inconvenientes de uma procura paciente e pessoal, para encontrar as preciosidades literárias, a língua purificada, o pensamento mais elevado. Tudo isso está em vosso grande livro. Livro de exaltação e antológico. Lendo-o, temos ao nosso alcance e para maior glória do nosso amor à língua portuguesa, o que Vieira produziu de mais clássico, de mais belo e de mais puro.

A Academia Brasileira de Letras, Sr. Ivan Lins, no dinamismo de suas nobres atividades, é incentivo para o trabalho. Ela conhece, e por isso vos escolheu, a extensão e o valor da obra que já realizastes. O que talvez vós não sabeis, é o que ela ainda de vós deseja e espera.

As palavras que, por designação de nosso ilustre Presidente, acabo de vos dirigir, são sinceras, e vos falam da admiração que todos vos votamos. Que me pese a suspeição de velho amigo, elas são justas e vasadas no prolóquio: — amo Platão, porém, amo ainda mais a verdade.

DISCURSO DE ADEUS A IVAN LINS

Proferido no ato do seu sepultamento,
pelo Presidente Austregésilo de Athayde

17 de junho de 1975

Ivan Lins, como de teu próprio Pai disseste, homem egrégio que ele foi, naquele piedoso discurso de amor fiel, repetindo as palavras de Paulo, também tu "**bonum certamen certavisti**" e porque na dura lavragem da vida não perdeste o ideal do livre, do justo e do fraterno, aqui te acompanham, nesta última reverência, antes da partida, teus amigos e admiradores que são quantos provaram a fineza dos teus merecimentos, conheceram a amplitude e profundidade de tua obra de filósofo, de sociólogo, de intérprete do mundo.

Foste um pesquisador das causas primeiras, seduzido pela transcendência do pensamento, leal apóstolo do Positivismo, que incessantemente pregavas onde quer que coubesse uma palavra esclarecedora.

Fazias, sem respeito humano, na altaneria e dignidade de tuas convicções, pois nenhuma outra luz te iluminou e em tua alma tamanha fidelidade punha o toque mais puro da têmpera e do lustre de teu vigoroso caráter.

E não seria pertinente, nesta hora suprema fazer aquela pergunta de Bossuet: "**Quid enim doctor, nisi testis veritatis?**"

Que é pois o sábio senão uma testemunha da verdade?

Eis o sentido de tua obra literária e científica, de ensaísta, historiador, crítico social, trabalhada nas letras clássicas, cujos primorosos arcanos eram o preferido ambiente da tua inteligência, manancial para sua sede, tesouro onde haurias o renovado saber de humanista moderno, com o labor de mão diuturna, atento às realidades do nosso tempo, tudo amando e querendo pela compreensão mais larga de que não há outro caminho para ascender-se às culminâncias, onde moram a beleza e a justiça, para dali irradiar o esplendor

da verdade. Foi essa a paixão inspiradora e não houve nos séculos, corrente que refletisse os seus lampejos, desde as eras primárias e longínquas da Escola de Eléa, até as de hoje, tão variadas quanto inseguras, que não tivesse despertado a tua curiosidade, objeto de pesquisa, estudo e análise, através de tantos livros, numa carreira de mais de quarenta anos, durante os quais acumulaste como poucos, conhecimentos superiores que ao teu nome garantem permanente lugar de respeito e estima na consideração da posteridade.

Não havia em teu espírito vislumbre de fanatismo e intolerância filosófica ou sectária, pois a doutrina positiva foi em tua mente só um método de sistematização, dos estudos históricos e sociais, a fornecer bases mais sólidas para o estabelecimento de uma moral científica.

Tu mesmo deste essa definição, que bem explica o magistério de tuas lições, sem eiva de intransigência, na afirmação de valores que pareceriam antagônicos com as teses fundamentais da filosofia positiva, como são tantos valores da Igreja Católica, o papel histórico dos Jesuítas, a exaltação do Padre Antônio Vieira, o preconício da santidade de Anchieta e aquele estudo magnífico de **Thomas Morus e a Utopia**, o exame percuciente da Idade Média, da Cavalaria e das Cruzadas, em que se mostram tantas vistas originais, eliminadoras de preconceitos antigos, e nas quais é possível perceber a presença mais ativa da inteligência brasileira na interpretação de muitos problemas sociais e políticos que antes eram aqui considerados e aceitos sob a fé da palavra dos mestres europeus.

Erasmus, a Renascença e o Humanismo, os claros raciocínios do método cartesiano entendido na época, na vida e na obra do seu autor incomparável, a cultura e o momento internacional, tantas interrogações suscitadas na variedade dos problemas e fenômenos que compõem a rude imagem do homem contemporâneo. Eis a matéria constante proposta ao exame de tua cultura, forro de uma sabedoria tão admirada quanto oportuna e singelamente exposta num ininterrupto labor, que vai da adolescência até esta hora em que os teus companheiros, tomados pela surpresa do teu desaparecimento, ainda numa robusta maturidade espiritual, celebram a dextreza da tua inteligência, a graciosa simplicidade do teu estilo expositivo, tudo assegurando-te nos anais desta Academia a permanente presença de um companheiro digno de nossa perpétua recordação.

Toda a tua carreira, exemplo de correção moral nos cargos que ocupaste com luzimento, estrita probidade e esclarecido patriotismo, há de ser lembrada pela retidão de um magistério exercido com altivez, serenidade e desinteresse. Assim foste testemunha da verdade, primeiro cunho da sabedoria e lastro dos mais puros sentimentos humanos.

Eis a mensagem de tua vida e os companheiros que, encantados a receberem, no convívio desta Academia, comprometem-se aqui a transmiti-la, para que as gerações guardem e consagrem a glória do teu renome.

**SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA A
IVAN LINS**

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA A IVAN LINS

19 de junho de 1975

— O Sr. Josué Montello — Sr. Presidente, ontem pela manhã, recebi um telefonema de Paris, do nosso companheiro Paulo Carneiro que me pedia, desvanecidamente para mim, fosse eu em seu nome o intérprete dos agradecimentos da família do nosso companheiro Ivan Lins.

Em primeiro lugar, pela assistência que lhe foi dada durante a enfermidade; em segundo lugar, pelo discurso que V. Ex^a, Sr. Presidente, proferiu por ocasião do saimento do corpo aqui da nossa Instituição e em terceiro lugar, pelo ritual de caráter positivista que se processou no Mausoléu da Academia, expressando uma vontade do nosso saudoso companheiro e, também dele, Paulo Carneiro, pelos mesmos princípios de ordem filosófica.

Paulo Carneiro disse-me, ainda, que ele aqui na Academia, na ordem da afeição pessoal, tinha dois intérpretes: um era Ivan Lins, seu cunhado, que o recebera na Instituição, outro, eu, pelo fato de ter sido a pessoa que o estimulara a candidatar-se, seu amigo de longos anos. Daí o seu desejo de ser eu o intérprete dos sentimentos da família.

Se V. Ex^a me permite, como estou com a palavra, na linha da mesma emoção pessoal, queria recordar aqui o nosso companheiro, com a sua cabeça toda branca, sempre com um livro junto ao peito, entrando nesta sala e indo sentar-se ao fundo, onde foi sempre a sua cadeira, entretendo os companheiros com uma página que trazia, invariavelmente, um toque dos seus pensamentos filosóficos, daquilo que constituía para o seu espírito o lado religioso.

O positivismo para Ivan Lins não lhe deu aquela deformação do meu conterrâneo Teixeira Mendes. Ele foi, no meu entender, menos um religioso da religião da humanidade que um político do po-

sitivismo, no sentido de ter aquela cosmo-visão que fazia com que Augusto Comte imaginasse que os espíritos de elite, no século XIX, deviam ter a mesma função daqueles espíritos fortes do século XVIII, no sentido de se congregar para dar uma diretriz ao mundo ocidental. Essa foi a preocupação de Ivan Lins. Toda sua obra tem este sentido. Nunca falou nesta Casa que em suas palavras não houvesse uma referência a Augusto Comte, por vezes até nos parecia um pouco forçada, como por ocasião da sua conferência sobre Martins Fontes. Mas, a certa altura, à medida que desenvolvia sua explanação, nós nos identificávamos com ele, achando que havia naquele pendor natural uma perfeita concordância dos seus sentimentos e da sua cultura.

Este companheiro, que passa a ser para nós uma saudade permanente, é um dos que justificam a imortalidade da Academia, porque sua obra é indestrutível. Ninguém poderá falar no plano das idéias filosóficas, na evolução do pensamento positivista no Brasil, sem uma referência indispensável à obra de Ivan Lins.

É este o sentido da imortalidade do nosso companheiro e, ao mesmo tempo que lamentamos o seu desaparecimento, temos aquela convicção serena que ele atravessará os tempos no bojo da sua grande obra como uma das figuras patrimoniais da Academia Brasileira.

— **O Sr. Alceu Amoroso Lima** — Sr. Presidente, nós tínhamos todos por Ivan Lins e manifestávamos a ele, ao mesmo tempo, um sentimento de extraordinária admiração, ligado sempre a um sentimento, também excepcional, de amizade, de querer bem. Posso dizer que esse sentimento de amizade começou muito antes de conhecê-lo pessoalmente. Por volta de 1930, como V. Ex^a talvez se lembre, eu mesmo voltei à Igreja. Por essa época, o Ministro Edmundo Lins, aquela figura extraordinária, cujas virtudes Ivan, seus irmãos e descendentes conservaram, me enviou, já católico praticante, um cristal de rocha com um cartão de uma grande benevolência que até hoje conservo em minha mesa. Muitos anos mais tarde, Ivan Lins me contou o seguinte fato: Edmundo Lins, como toda a mocidade do seu tempo, não só perdeu a fé como se tornou totalmente cético. Ao contrário do filho, que também tinha tido uma educação religiosa e evoluiu no sentido filosófico, tornando-se, como Josué Montello acentuou, não só um fundamento do positivismo no Brasil, como uma das grandes cabeças filosóficas da História da evolução intelectual do Brasil. E me contou que algum tempo depois da morte da mãe dele portanto esposa de Edmundo Lins, o pai, já o filho positivista ortodoxo, disse-lhe que havia tido um sonho muito vivo em que a esposa lhe fazia um apelo especial para que ele se convertesse ao cristianismo. E pedia a opinião do filho. Este o aconselhou que atendesse ao apelo da esposa.

Achei uma coisa extraordinária mostrando que esse rapaz que tinha sido educado em princípios opostos e se tornou realmente de uma convicção inabalável, não era, de modo algum, um espírito avesso ao que está para lá das coisas positivas, vendo nesse apelo de sua mãe alguma coisa efetiva e aconselhou o pai que atendesse ao apelo misterioso.

Vi nisso um traço extraordinário do que era o sentido do positivismo de Ivan Lins, que longe de ser um positivismo fechado a tudo aquilo que está além da pura experiência positiva, era um espírito de alta abertura. Por isso, quando o conheci pessoalmente, eu já tivera até ligeiras dissensões com ele, a exemplo daquele famoso apelo que Augusto Comte fizera aos jovens jesuítas e ele fazia a um soldado raso que era eu, fato que ele recordou naquela sessão dos meus 80 anos e publicou depois num jornal de S. Paulo, mostrando aquela absoluta sinceridade que fez com que nos sentássemos ao lado um do outro. Longe de repetirmos Carlos de Laet e Medeiros de Albuquerque, encontramos aquilo que nos unia, aquelas raízes que ele defendia com tanto ardor e que eu, com menos ardor, defendia, também, do meu lado. E a minha admiração cresceu de dia por dia.

Era um homem de uma retidão de caráter, de uma limpeza de espírito e de uma polidez extraordinária.

Aquilo que às vezes nos inquieta da parte dos pensadores puros ou de convicções inabaláveis, a agressividade, em Ivan Lins era doçura feminina, num espírito de alta virilidade. Basta ver a sensibilidade que ele tinha pelos poetas. Incontestavelmente os positivistas não são muito sensíveis à poesia, a não ser um caso como Martins Fontes ou outro. Mas este sentido místico da vida, este sentido poético da literatura fazia com a minha velha amizade por Edmundo Lins, seu pai, se transformasse na admiração pelo filho.

Agora, sentando-me nesta cadeira com o coração confrangido, sinto que não perdemos Ivan Lins. Com a sua morte adquirimos a visão do que ele valia, mais até do que parecia na vida corrente. Recebemos o exemplo do que é um homem de caráter, de convicções, de fraternidade autêntica, modelo e exemplo para todos nós.

— **O Sr. Peregrino Júnior** — Sr. Presidente, eu sou aqui o único Acadêmico que pode falar de Ivan Lins como de um colega duas vezes. Ele foi meu colega da turma da Escola de Medicina, turma de 1929, das mais ilustres, e um estudante que nunca vi na Faculdade. A frequência não era obrigatória, de modo que ele frequentava pouco e eu não muito menos. Mas ele acreditava na medicina, embora acreditasse sobretudo nas suas próprias idéias.

Esse homem admirável soube ser um bom colega dessa turma que sempre o acompanhou com orgulho, tanto que, por ocasião da sua candidatura à Academia a turma me procurou, incorporada, fazendo uma imposição perfeitamente válida ao meu espírito, para que eu votasse no companheiro de turma. Ainda agora, no seu enterro, o ex-Governador do Maranhão, Neiva Santana, esteve presente para homenageá-lo, em nome daquela turma admirável.

Ivan Lins era alta figura da turma médica de 29 como era alta figura do Brasil e da Academia Brasileira de Letras. Era um grande colega, que Alceu descreveu de maneira tão feliz, que se distinguia pela polidez, pela firmeza de caráter, pela limpidez das idéias, pela fidelidade aos seus princípios dos quais nunca se afastou.

Sr. Presidente, quero que conste da Ata o meu voto de saudade comovida por esse grande companheiro da Academia e colega da turma de 29.

— **O Sr. Elmano Cardim** — Os que envelhecem na Academia, ganhando em anos o que perdem em labor eficiente, não podem deixar de sentir, com amargura e tristeza, senão com uma ponta de remorso, o desaparecimento dos mais moços, em condições ainda de contribuírem para o lustre dessa casa e o engrandecimento das letras brasileiras. Estava nesse caso Ivan Lins — Ivan Monteiro de Barros Lins — que morre aos 71 anos em plena pujança intelectual, com planos de obras em andamento, entre as quais as suas **Memórias**, que ficaram inacabadas. Esperemos que a parte concluída não demore a ser editada, para incorporar-se à sua bibliografia, que é das mais ricas da cultura nacional. Não se deteve o eminente ensaísta e pensador em assuntos de pouca valia ou fugaz repercussão. A sua obra ele a construiu em torno de vultos e problemas dos quais se ocuparam inúmeros e os maiores pesquisadores da nossa e de todas as literaturas: **Erasmus, Lope de Vega, Tomas Morus e a Utopia, Ruiz de Alarcon, A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas, Descartes, Gonçalves de Magalhães, o Padre Antônio Vieira, A História do Positivismo no Brasil, Dante, Augusto Comte**, o fascínio maior do seu espírito.

Sobre todos esses temas de alta indagação, e ainda outros que seria longo enumerar, compôs Ivan Lins sínteses admiráveis de observação e interpretação, vivendo-os e revivendo-os com a profundidade de sua erudição, com o brilho de sua inteligência, com a perfeição do seu estilo. Os seus estudos são notáveis, porque servem à vulgarização dos assuntos e atraem mesmo as inteligências mais cultivadas. Mas não quero, nem posso, demorar na análise e na crítica de obra de tanto valor na história do pensamento brasileiro.

Trago apenas a minha palavra de saudade ao companheiro querido que se foi e deixa um imenso vazio nesta sala e na nossa instituição. A sua vida e a sua obra merecem acurada preocupação dos que à altura do seu mérito, busquem fazer justiça ao seu autor e quieriam concorrer para a perpetuação de sua memória.

Sua vida foi o paradigma da filosofia que adotou e com a qual e pela qual se impôs entre as grandes expressões da cultura brasileira. Não o sacrificou o fanatismo que cega e obumbra o espírito. Sua consciência crítica o armava de serenidade para a certeza que o orientava na sua obra de humanista e pensador. O positivismo norteava o seu pensamento e disciplinava a sua conduta na vida pública e particular. Era um modelo de bom cidadão, probo, reto e cortês. Era uma sólida cultura, construída pelo estudo, inspirava pelas idéias, iluminada pela sabedoria.

Do escritor, de tantas obras de valor, disse Afrânio Peixoto, a propósito de **A Idade Média**, que Ivan Lins a escrevera com a erudição de um humanista, com a piedade de um religioso, com a bravura de um Cavaleiro ou cruzado. E Roquette Pinto confessou não saber “de outro escritor de sua geração que maiores serviços tenha prestado

à elevação espiritual de sua gente". E acrescentou: "nem sei de outro — latinista e filósofo — de alma tão aberta às vozes do progresso, às inspirações sadias da época".

A essas duas opiniões prestigiosas do passado acadêmico, é preciso acrescentar o belo julgamento e o admirável louvor crítico que sobre ele conduziu a magnífica eloquência do nosso presidente, Austregésilo de Athayde, no sentido adeus de despedida proferido à saída do seu féretro.

Em todos os campos da sua múltipla atividade intelectual, Ivan Lins se destacava de forma superior e expressiva. Médico, tendo ido buscar na Medicina o que Descartes nela via, como meio de fazer os homens bons e inteligentes, Ivan Lins acabou, na vida pública, por exercer uma função em que o Direito prima sobre todos os outros conhecimentos. E vemo-lo hoje, no elogio da sua pessoa, louvado também como jurista. E de fato, nos seus pareceres de membro do Tribunal de Contas da Guanabara e na defesa ali dos seus pontos-de-vista, Ivan Lins revelava um saber jurídico digno dos maiores especialistas.

Isso porque tudo o que fez com seriedade, com convicção e com amor. Justos, pois, com as lágrimas de saudade que lhe dedicamos, os louvores que ouvimos aqui à obra opulenta que construiu e à vida exemplar que viveu.

— **O Sr. R. Magalhães Júnior** — Sr. Presidente, quero também deixar na Ata a expressão da minha saudade por essa figura exemplar que foi o nosso companheiro Ivan Lins. O que disseram aqui Josué Montelo, Alceu Amoroso Lima, Peregrino Júnior e Elmano Cardim realmente representa um preito de homenagem e de justiça a esse espírito extraordinário, a esse homem polido, a esse excelente companheiro que foi Ivan Lins.

Subscribo as palavras de cada um deles e queria que fosse incorporado a estas minhas palavras o artigo que escrevi sobre o desaparecimento de Ivan Lins, na **Manchete** desta semana, apenas corrigindo dois erros de revisão que deturparam um pouco o meu pensamento. Um deles é quando se refere a Agripino Grieco "que viera perdendo os alvos de suas sátiras" está "vivera" e outro "arma sensibilíssima" que o leitor inteligente facilmente corrigirá, mas que eu quero retificar, neste momento, porque a intenção que eu tive foi realmente de exprimir a minha admiração por aquela sensibilidade superaguda de Ivan Lins que chegava a converter num agravo pessoal sério aquilo que muitos de nós teriam desculpado como uma sátira que apenas tocava a flor da pele, sem deixar nenhum traço profundo. Mas a um homem como ele aquilo feria profundamente e temos que reconhecer que ele era diferente de todos nós, até por isso.

— **O Sr. Hermes Lima** — Sr. Presidente, Ivan Lins foi um exemplar humano em que as qualidades cívicas e domésticas brilharam de maneira extraordinária. Ele foi um pai-de-família exemplar, foi um cidadão exemplar, o que estava bem na linha do pensamento filosófico que seguia.

O que caracteriza a obra de Ivan Lins é que ele teve a paciência, a virtude de ir a esse mundo prodigioso que é a obra de Augusto Comte e de lá revelar o que ainda hoje nela se contém de profundo, de antecipador e de permanente na evolução dos aspectos políticos e sociais da humanidade. Sob sua influência o meu conhecimento da obra de Augusto Comte ganhou uma nova dimensão e a ela tenho voltado muitas vezes para verificar, desde os opúsculos escritos aos 24 anos de idade, o que aquele filósofo representou na linha do pensamento do seu século, a mim me parecendo que um dos aspectos fundamentais dessa linha foi a antecipação que ele verificou entre a sociedade feudal que ia desaparecendo e a sociedade industrial que ia surgindo, as ligações que essas duas sociedades mantinham entre si, cada uma delas representando um passo da História, um passo do iluminismo racionalista na humanidade.

A obra de Ivan Lins causa admiração exatamente pelo que ele encontrava de moderno no pensamento de Augusto Comte. Isso era uma vantagem extraordinária da sua mentalidade, porque se nós não tivermos um fio condutor filosófico para nos guarmos na selva das teorias, das interpretações, das antecipações no mundo em que vivemos, a nossa cabeça é como uma folha que o vento leva para onde estiver soprando. Uma das firmezas de Ivan Lins é que ele teve essa qualidade: o que dava fundamento ao seu pensamento era realmente esse fio condutor. Não importa que se diga que o fio condutor está ultrapassado, porque no caso de Augusto Comte não estava, mas mesmo que seja ultrapassado, a influência que ele tem na manifestação lógica do pensamento é na utilidade da pessoa não se perder e não fazer do seu conhecimento um eruditismo de gaveta de sapateiro. E daí é que esse homem admirável nos deu um exemplo extraordinário de como neste nosso tempo tão tumultuado, de coisas tão incertas e tão perigosas, pode um homem, realmente ao contacto de todas elas, oferecer uma saída para o seu pensamento e também para o seu coração.

Tive a honra de ser recebido por ele. Eu o escolhi exatamente pela admiração que votava a esse pensamento, a essa obra, a esse homem que sabia pensar, que tinha um caminho, que tinha uma direção, que tinha pontos de referência para suas interpretações, para suas considerações. Eu me solidarizo, Sr. Presidente, com toda a Academia no preito de saudade e de admiração que está rendendo à memória de Ivan Lins.

— **O Sr. Osvaldo Orico** — Sr. Presidente, a Academia tem justos motivos para honrar nesta sessão a memória do nosso saudoso, e poderia acrescentar, glorioso companheiro Ivan Lins. Ele foi não somente na sua vida pública, em sua trajetória literária, mas também, em sua existência íntima um cidadão exemplar. A natureza por parte da biologia e da honra da espécie humana já o premiou dando-nos uma galeria de filhos tão exemplares como ele, modelados pelo seu exemplo e formados no preito e no respeito à sua admiração.

Três motivos fundamentais levam-nos a caracterizar Ivan Lins como exemplo às nossas gerações e um padrão de orgulho de nossa Instituição. O primeiro eu atribuiria à sua rigorosa formação universitária mercê do estudo apurado e constante nos velhos colégios sacramentais de sua terra natal, de onde ele trouxe o tesouro precioso que viria constituir-lo um dos mestres de nossa atualidade. Depois a perfeita compreensão do seu dever público afastado em muitos anos de tirocínio nos cargos que exerceu, sobretudo, na ascensão, na permanência e na saída do Tribunal de Contas da Guanabara, onde tive ocasião de assistir a uma das manifestações mais expressivas que se podem expressar a um homem que deixa a sua toga de juiz para entrar na serenidade da sua vida íntima. O discurso que ele pronunciou, ao contrário das longas orações em que ele se aprazia, é um discurso de magistrado, mas também de um ser humano que soube fundamentar o seu tirocínio naquela alta Corte com uma compreensão tão rigorosa e perfeita do seu dever público que o Tribunal, desde o Presidente, até o mais recente de seus colegas, se levantou em manifestação pública sem precedente naquele Tribunal. Saía um dos juízes que, malgrado o seu caráter polêmico, fundamentava pelo exemplo a admiração que de todos se cercou.

O outro motivo era a pontualidade, a exação do colega, na sua missão acadêmica, contribuindo poderosamente, através de suas constantes manifestações, para o culto de admiração que todos lhe tributávamos.

O terceiro motivo era essa qualidade de erudito, a quem se podia perguntar, pessoalmente ou pelo telefone, uma informação de ordem cultural, recebendo-a imediatamente, graças à permanente atualidade de seu estudo que fazia dele um luminar desta Instituição.

A mais grata recordação que posso ter do seu convívio, de sua presença, de minha participação em sua vida literária, foi quando num pleito disputadíssimo em que ele não tinha certeza de ser eleito, eu lhe dei o escrutínio que constituiu a vitória no pleito acadêmico, trazendo para nossa Instituição, a presença serena, equilibrada e amiga do mestre que se foi.

Guardo, ainda, o telegrama recebido a bordo do vapor em que eu viajava no qual Ivan Lins me comunica: "Eleito, graças ao seu voto". Realmente, tendo de repartir entre alguns concorrente os votos para sua eleição e embarcar na véspera do pleito, esse telegrama me trouxe grande conforto certificando-me da elevação moral de Ivan Lins, porque sabendo da minha fraternal amizade com seu cunhado Paulo Carneiro e que uma palavra deste poderia ter influência decisiva na minha escolha jamais dela se valeu. Quem transmitiu a mensagem da eleição de Ivan Lins a seu cunhado, na UNESCO, foi o seu assessor naquela organização. Isto prova a superioridade moral de que era dotado Ivan Lins a tal ponto que aqui se tornou um companheiro atento a todos os problemas do espírito, tendo se tornado, não obstante o seu temperamento um tanto arrebatado, amigo de todos.

Nas manifestações que a Academia lhe prestou no momento de sua despedida do Tribunal de Contas, alguém afirmou que Ivan Lins se tornara o exemplar da qualidade de constituir amigos. E eu, então, acrescentei, que não só isso, o que caracterizava, também, Ivan Lins era a sua capacidade humana de ser amigo, tanto que das coroas com que se despediram dele, havia três de uma só família reverenciando a sua memória.

Mas para resumir as impressões do alto respeito que eu tinha, tenho e continuarei a ter pela figura de Ivan Lins basta mencionar que o tornei muitas vezes meu consultor em aspectos da História e da Filosofia e posso me garantir a mim mesmo que Ivan Lins, pela sua obra e pela devoção que tinha aos estudos de especulações da filosofia e da pesquisa, dando-nos obras como a interpretação da oratória do padre Antonio Vieira, Tomás Morus e a Utopia, esses elementos unidos a uma permanente ação literária e filosófica em defesa de doutrinas que puderam escapar à maioria dos psicólogos e dos filósofos contemporâneos, tudo isso torna a figura do nosso saudoso companheiro um instante da inteligência e do saber humano.

— **O Sr. Luís Viana Filho** — Sr. Presidente, quero transmitir à Academia a notícia das homenagens que ontem, no Senado Federal, foram prestadas à memória de Ivan Lins. Era minha intenção dizer algumas palavras, mas dentro do Regimento da Casa deveria falar apenas um orador e o Presidente, muito justamente, achou que deveria falar um mineiro e sobretudo um mineiro da eminência de Gustavo Capanema que proferiu um pequeno, mas modelar discurso, sobre a personalidade de Ivan Lins.

Nessa oportunidade, entre outros apartes que lhe foram dados, eu me associei àquelas homenagens, assinalando, não apenas a figura realmente excepcional de Ivan Lins, mas o seu traço de grande humanista que seguia a trajetória paterna, pois que era filho do Ministro Edmundo Lins, figura rara do nosso tempo. pertencendo ao quadro de uma geração mineira, aquela geração do Serro, tão justamente orgulhosa dos seus títulos, da sua cultura, da sua devoção às boas letras latinas.

Foi significativa a homenagem que ontem o Senado Federal prestou à memória de Ivan Lins, com a qual me solidarizei, como hoje, também, estou aqui solidário no pesar de todos nós pelo desaparecimento daquela grande figura e daquele bom amigo.

— **O Sr. José Honório Rodrigues** — Na sessão de 18 de abril de 1974 comemoramos os 70 anos de Ivan Lins e tivemos a oportunidade de saudar-lhe a vida de exemplar correção moral e de inteiro culto aos estudos históricos, filosóficos e humanistas. Desde sua conversão ao positivismo, Ivan Lins seguiu as leituras recomendadas por Augusto Comte e se já era um conhecedor dos clássicos latinos, tornou-se, com os intensos estudos, um humanista de estirpe. Dedicou-se sobretudo aos clássicos franceses e espanhóis dos séculos dezessete e dezoito.

Lembro-me que quando o Professor Charles Boxer, do King's College da Universidade de Londres, veio visitar o Brasil, pediu-me para conhecer os especialistas brasileiros setecentistas. Nosso saudoso companheiro Afonso Pena Jr., estudioso da **Arte de Furtar** e de sua autoria, foi um dos procurados. Tal seria o caso de Ivan Lins, embora este conhecesse melhor os clássicos franceses e espanhóis setecentistas e oitocentistas que o Brasil desse século. Mas não esqueçamos que o maior escritor luso-brasileiro do século dezessete mereceu-lhe um estudo multilateral e de excelente elaboração. **Aspectos de Antonio Vieira** é uma obra que antologicamente mostra a multiplicidade do pensamento de Vieira, embora sem lhe reconhecer o papel de doutrinador retardatário do imperialismo português. Um doutrinador que lutou e pregou no século dezessete quanto a glória legendaria de Portugal, fugaz como um meteoro, se extinguiu no século anterior. E nenhuma força seria capaz de restaurá-la, porque a História não volta atrás.

A formação positivista de Ivan Lins não o impediu de manter aberta sua compreensão a outras crenças e filosofias. E assim como escreveu com toda simpatia sobre Antônio Vieira, reconstituiu n'**A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas** uma fase dominantemente católica do Ocidente, sem preconceitos rígidos e com um acolhimento de rara sensibilidade. Não é um livro erudito, uma nova visão compreensiva e original, como foi o de Johan Huizinga, **O Outono da Idade Média**, que surpreendera a Europa intelectual e fora logo traduzido em várias línguas. Ivan Lins não pretendia tanto, e sua obra refazia, com suas mãos positivistas, o conceito de uma época católica, que vinha sendo denegrida como de trevas.

Neste sentido se deve reconhecer que ele sabia ou procurava dar aos temas antigos uma atualidade renovadora. Disse-me Cassiano Ricardo em conversa nesta Casa, que Ivan Lins era o homem mais velho que ele conhecia. Aquela imensa capacidade renovadora de Cassiano Ricardo não lhe permitia ver na antiguidade dos estudos de Ivan, menos na Idade Média e mais nos séculos setecentista e oitocentista, o caráter moderno que poderiam apresentar.

Vejamos, por exemplo, seu estudo **Tomás Morus e a Utopia**, outra manifestação de sua capacidade de mostrar-se isento no apreço às grandes figuras católicas. Entre as várias contradições do pensamento contemporâneo está a coexistência da corrente maquiavélica e da utópica. Uma justifica os regimes totalitários, e outra alimenta a esperança da convivência democrática, pacífica, solidariamente humana. Na primeira se contém a possibilidade do fim da História, pelo desmando autoritário e o abuso de instrumentos de perdição total; na segunda se revela a possibilidade natural e real de que encontremos o nosso **topos**, e possamos, assim, ter ao mesmo tempo o fim da Utopia e começo de nova História, uma diferença qualitativa que permitiria considerar, como Marx considerou, toda a nossa história atual com a pré-história da humanidade.

Essa posição lúcida de Ivan Lins a favor da utopia, de Thomas Morus, a sua compreensão de que a natureza humana esta condicionada pela História e se desenvolve na História, mostram a atualidade de sua posição, apesar da velhice formal que a escondia.

Em **Descartes: Época, Vida e Obra**, e sobretudo em **Erasmus, A Renascença e o Humanismo** se revela o conhecedor dos séculos dezesseis e dezessete, em duas figuras primordiais. Agora mesmo está se publicando na Holanda **Opera Omnia** de Erasmus, em 30 volumes. Os vários estudos sobre Erasmo procuram compreender sua obra e revelar sua atualidade. E foi isto o que procurou fazer Ivan Lins, divulgando o pensamento do grande humanista do século dezessete.

Sua obra principal foi a **História do Positivismo no Brasil**, a melhor que se escreveu sobre a matéria, superando as anteriores de João Camilo de Oliveira e de Cruz Costa. Um livro rico de informações, produto de anos de estudos e pesquisas, revelador e crítico ao mesmo tempo. Evaristo de Moraes Filho, em artigos no **Correio da Manhã**, procurou mostrar a importância desta obra num país de tão apoucada herança filosófica. Ivan Lins evidenciou que ao contrário do que afirmara Sérgio Buarque de Holanda em **Raízes do Brasil**, os positivistas não andavam no mundo da lua e participaram ativamente de todas as questões econômicas, sociais, políticas e religiosas de sua época, enquanto tiveram liderança e unidade. Tive oportunidade de dizer-lhe, depois de publicado o livro, que foi Martim Francisco o primeiro brasileiro a falar em Comte e positivismo na Câmara dos Deputados, na década de 1830. Não posso precisar, porque dei-lhe a informação colhida depois da publicação do seu livro. A notícia faz anteceder a primeira informação que obtive de um professor do Visconde de Taunay, em 1855, e mostra os anos de germinação do positivismo no Brasil até sua meia vitória com a República.

Ivan Lins era um bom amigo e companheiro de caráter afável, solícito e prestativo. Era um trabalhador intelectual incomparável e um erudito raro no conhecimento dos séculos dezessete e dezoito. Quem conhecer sua biblioteca verá sua força concentrada nos autores desses séculos, especialmente os Iluministas.

Tinha uma aparência tranquila e serena, que seus cabelos brancos reforçavam. Mas por dentro um coração vermelho de paixão e exaltava-se facilmente na defesa de suas convicções e na oposição e crítica a idéias que o contrariassem fundamente. Assim era e assim viveu seus 71 anos. Sentiremos sua ausência e sempre recordaremos sua paixão, sua fé, sua convicção, sua obra. Ele viverá sempre no nosso coração e no nosso espírito.

— O Sr. Aurélio de Lyra Tavares — Todos nós, os trinta e nove membros da Academia, e ela própria, pela infatigabilidade e o devotamento com que cumpre o nosso Presidente os deveres difíceis e penosos de representar a Instituição, já prestamos — e ainda é este o sentido especial desta **Sessão de Adeus** — as homenagens devidas à memória de Ivan Lins, nosso querido e ilustre confrade.

Ele muito fez para bem merecê-las, sobretudo por ter dignificado, com a sua obra erudita, voltada para a Filosofia e o Humanismo, como pela sua fecunda atividade intelectual, a Cadeira número 1 da Academia. E foi exemplo de extraordinário dinamismo, como escritor, o que se vê pelo número e pelo valor dos excelentes estudos que publicou, sem contar os que ficaram inéditos, inclusive as suas memórias, a cuja elaboração consagrava, ultimamente, todo o seu tempo, que já lhe parecia curto quando lhe baquearam as últimas energias físicas, não chegando a completar o que era, como eu próprio pude ver, o grande objetivo a que se consagrava com verdadeira obstinação.

Sempre foi nobre e respeitável a intransigência de Ivan Lins na sua linha de pensamento. É o que se verifica de tudo quanto escreveu, principalmente sobre temas de filosofia ligados aos problemas da sociedade.

Exemplo de persistência e devotamento na defesa das suas idéias, nunca deixou de ser, porém, como companheiro e como amigo, uma alma aberta, franca e leal, sempre disposto ao diálogo.

Sua presença na Academia foi tão constante e tão afirmativa que não será fácil, nem mesmo ao tempo, que tudo faz esquecer, apagá-la na lembrança dos que continuamos a viver, uns com os outros, nesta mesma Casa a que ele serviu, com amor e com brilho, durante cerca de vinte anos.

Coerente e inabalável nas suas convicções doutrinárias, Ivan Lins as sustentava com saber e infatigavelmente, nos livros e nos debates, como bem o sabe a Academia, esta grande Família dentro da qual, na fidelidade às suas origens e aos seus objetivos, nós todos nos estimamos e nos respeitamos pelo fato mesmo de discutirmos idéias, teses e pontos de vista, cada qual fiel ao seu pensamento, mas sempre ouvindo os outros com interesse e, muitas vezes, aprendendo, no diálogo franco e permanente, como é, sem qualquer dúvida, a única maneira certa e admissível de servir à cultura ou, pelo menos, de não desservi-la.

Recordo, a propósito, um comentário de eminente brasileiro que vinha, pela primeira vez, à Academia, no dia da minha recepção, aludindo a uma defrontação de argumentos com que o inesquecível confrade contestou, de forma categórica e frontal, no primoroso discurso com que aqui me recebeu, certas afirmações do meu próprio discurso, por ele já lido, a respeito da influência negativa do Positivismo, no espírito do nosso Exército, durante os primórdios da República.

A sessão solene da sua posse — foi este, em outras palavras, o comentário — me trouxe, a certa altura, a impressão de uma espécie de arena, toda iluminada, em noite de gala, repleta de espectadores, adornada pelas toaletes multicores de damas elegantes, de cavalheiros em casaca ou em uniformes dourados e reluzentes, formando um cenário em que se destacavam dois gladiadores, ricamente fardados que, de espada à cinta, pareciam em campos opostos, mas se defrontavam

apenas com palavras cordiais. E, ao que se viu, foram ambos aplaudidos, por gregos e troianos, um ao deixar a tribuna e o outro, ao terminar, na mesa, o seu discurso, mantendo-se, cada qual, com as suas idéias, sendo evidente o apreço recíproco entre os dois. E tudo terminou no meio de abraços e outras manifestações de regozijo.

E nunca deixou de ser assim, Senhor Presidente, que divergimos um do outro, como sempre ocorre nas sessões da Academia.

Depois daquela noite, para mim grande e memorável, eu mantive mais de cinco anos de convivência com Ivan Lins, mesmo quando morei longe do Brasil, através da mais assídua das correspondências. Discordamos, ou concordamos, nos nossos diálogos, não raro muito acesos, mas sempre extremamente cordiais.

As discordância de idéias até me parece que concorreram para nos aproximar cada vez mais, fazendo crescer a admiração que me inspiravam as suas convicções, a sua grande cultura e erudição.

Recordo, por tudo isso, com grande saudade e profunda tristeza, a figura de Ivan Lins, a do espírito e a moral, agora que o destino me cortou, tão de repente, e em definitivo, uma convivência que eu desejava prolongar por muitos anos, mas que ficou limitada, para grande pesar meu, ao período entre o momento feliz em que ele me recebeu na Academia e este último, terrivelmente desolador, em que eu lhe levei o meu adeus, na terça-feira passada.

O conforto que me fica é o de tê-lo sempre, em espírito, no recolhimento da minha biblioteca, pela releitura da sua grande obra, já por mim reunida, peça por peça. Porque está nisso, para os homens de estudo, o sentido verdadeiro e único da chamada imortalidade, mantida pelo que se escreve e se publica.

Foi o que eu disse, aliás, no meu discurso de posse: “Em cada estante, enfileirados em prateleiras sucessivas, ao passo que nós mesmos vamos passando, os livros permanecem vivos e de pé, varando os anos e os séculos, quando a mensagem e os ensinamentos que eles contém são dotados do poder de superar a transitoriedade dos tempos, continuando presentes às gerações que se sucedem.”

Sejam estas, Senhor Presidente, as minhas palavras de adeus ao ilustre amigo e inesquecível confrade que a morte nos levou.

— **O Sr. Abgar Renault** — Sr. Presidente ao pensar em dizer algumas palavras nesta sessão ocorreu-me um aforismo de Montaigne que é este: tanto erra quem não alcança como quem ultrapassa o alvo. Em face dessa advertência deliberei anotar, pelo menos rapidamente, o que pretendo dizer.

Penso que a Academia não perdeu apenas um escritor que conhecia a fundo os seus instrumentos de trabalho, a começar pela sua língua nativa a qual cultuava amorosamente, não apenas quando compunha uma página literária, como quando escrevia uma carta, um cartão, um simples bilhete. Era daqueles raros que conheciam e obedeciam rigorosamente a este preceito de Joseph Joubert que contém

a essencialidade do ofício de escrever: **“pour écrire bien deux choses nécessaires, une facilité naturelle et une difficulté acquise.”**

A Academia não perdeu apenas um pensador de linha comteana, firme, corajoso, batalhador, nem apenas um notável estudioso de coisas literárias de várias natureza e de grandes figuras como Vieira e Morus, cujas vidas examinou em sínteses de alta qualidade. Tão pouco perdeu esta Casa exclusivamente um grande vulgarizador de idéias. Perdeu, por igual, um gentil-homem, cuja amarga doçura também inesquecível, não excluía a tenacidade, a pugnacidade, a bravura pessoal. Não foi apenas a área das letras que perdeu um gentil-homem, um bravo batalhador. Foi também a nossa vida pública de que, há cerca de um ano, se afastara por motivo de aposentadoria, embora pleno e capaz. Quero dizer, nesse humanista, nesse escritor, nesse homem afável, nesse gentil-homem o Brasil perdeu alguém.

— **O Sr. Adylo Costa, filho** — Sr. Presidente, a tônica das orações aqui pronunciadas sobre Ivan Lins foi a da fidelidade. Ela me parece muito justa. Ivan Lins era um homem extremamente fiel, fiel ao humanismo mineiro, humanismo que vai do Caraça ao Serro, fiel às tradições latinas que herdara de seu pai. Ele tinha o cuidado de entremear suas orações com citações latinas, que revelavam grande convívio com os clássicos.

Fiel à família, na realização daquele ideal de amor monogâmico que é, a meu ver, uma das grandes conquistas do Ocidente, por oposição ao amor poligâmico do Oriente, aquela fixação numa mulher, numa casa, num lar e numa biblioteca porque a biblioteca fazia parte da sua vida, Ivan Lins levava os amigos a quem abria aquela casa da Almirante Guilhem a ver a biblioteca, toda ela cuidada, e fiel, também ao ideal filosófico de Augusto Comte. Acredito que aquela idéia de Augusto Comte de que o amor se prolonga além da morte, aquela proibição de casar pela segunda vez, ele realizaria, de tal maneira se concentrava em Sofia. Havia nele uma atenção constante para aquela delicada e admirável companheira.

Dentro dessa filosofia comtista, Magalhães Júnior observou que havia uma certa falta de **sense of humour**. Não era tanto assim. V. Ex.^a s lembra, Sr. Presidente, que esse **sense of humour** às vezes existia e roçava pelo sarcasmo, quando ele numa das suas reeleições, felicitou-o por ter se convertido do ideal constitucionalista de 32 à teoria da ditadura republicana da continuidade através do tempo, do ditador republicano. As teses que José Honório citou eram teses do comtismo. A interpretação de Tomás Morus era do catecismo positivista e creio que, quando ele pronunciou uma longa oração sobre Moliere não é que ele tivesse sido como Moliere, mas ele era um dos santos do calendário positivista.

Eu senti isso na carne quando ele publicou a sua monumental **História do Positivismo no Brasil**. Escrevia eu crônicas para a Rádio Ministério da Educação e não tinha maneira de falar daquele livro

de tais proporções em tom grave e fiz uma crônica procurando exaltar Clotilde de Vaux, em tom gracioso, Augusto Comte sentado diante do retrato de Clotilde de Vaux e a idéia de fazerem os positivistas brasileiros um Ave, Clotilde com a música da Ave, Maria de Gounod. Era um aspecto gracioso, era a única maneira de falar do livro.

Mas Ivan Lins me fez uma carta admirável, exprobrando a ligeireza com que eu falara de coisa tão séria, defendendo com aquele ardor que todos lhe conhecíamos, a figura de Augusto Comte que eu não atacara, apenas procurara sorrir, mas no sorriso ele divisara um riso e reagiu ao louvor com uma carta de combate porque ele não admitia que se brincasse com essas coisas.

Sua fidelidade ao positivismo era integral. Era esse o companheiro que nós perdemos e, como se acentuou aqui, ele levava a sua investidura de Acadêmico a tal extremo que quando se falava da Academia ele se sentia particularmente ofendido. A sua discordância com Agrippino Grieco, traduzida numa agressão que se prolongava, ao contrário do nosso temperamento de brasileiros, além da morte, quase diante do cadáver, não era porque ele tivesse sido atingido, era uma lembrança dos companheiros de casa que tinham sido atingidos.

É este o ser moral que eu quero recordar, porque o homem para mim tem mais importância que o escritor, pois a vida é fundada sobre o homem na sua plenitude.

— **O Sr. Cyro dos Anjos** — Sr. Presidente, ouvi aqui belas palavras, carregadas de sentimento, em que foram analisados todos os aspectos dessa personalidade rica que foi Ivan Lins. Nada me resta senão acrescentar, como seu amigo pessoal, seu leitor, seu admirador, seu colega de Academia e como mineiro a expressão do meu grande pesar. Abgar Renault, como mineiro, também, já traduziu o sentimento de nós mineiros. Assim peço seja consignada a minha extrema consternação pelo desaparecimento dessa grande figura.

— **O Sr. Carlos Chagas Filho** — Sr. Presidente, eu creio que seria bisar o que pudessem as minhas palavras traduzir de emoção, de saudade, de crítica, sobre Ivan Lins, face aos discursos já pronunciados.

Evidentemente, em Ivan Lins encontramos o intelectual da mais perfeita qualidade, diria mesmo da mais exata cristalização em que as facetas de clivagem estão bem delimitadas, ainda que dirigidas para um eixo principal que foi a sua convicção positivista. Guardamos todos dele a impressão de um Acadêmico perfeito, assíduo, cortês, de convivência enriquecedora. De modo que nada poderia acrescentar ao que já foi dito.

Direi apenas, que lamento o pouco tempo de convivência que tive aqui com ele, tempo que embora pequeno foi do maior proveito para mim e me dá, hoje, a emoção de uma grande saudade. Em Ivan Lins encontrei todas as qualidades que, em parte, já foram aqui assinaladas por Odylo Costa, filho, de um grupo positivista com quem tive a felicidade de conviver na minha mocidade. A pureza — que eu diria, se me permite a Academia usar um anglicismo quaquareano — do

grupo que rodeava meu tio Otávio Carneiro, seu irmão Mário Barbosa Carneiro, era de tal ordem que marcou indelevelmente a minha formação.

Muitas vezes eu me encontro revivendo aqueles tempos de meninice, no convívio com meus primos, os primos dos meus primos, na austeridade simples, familiar, supremamente sadia que hoje, com o tempo vai se desvanecendo. Há pouco festejou a família o centenário de Octávio Barbosa Carneiro. Só quem conviveu com homens que constituíram esse grupo que se formou sob os ensinamentos de Teixeira Mendes é que pode compreender, realmente, certos valores fundamentais do homem. Esses valores fundamentais Ivan Lins os conservou e, passados quarenta anos da época em que na Gávea me misturava com o grupo positivista eu os vim reencontrar na Academia nesta personalidade que todos hoje lamentamos e choramos com saudade.

— **O Sr. Genolino Amado** — Sr. Presidente, depois de manifestações tão significativas sobre a figura do nosso grande companheiro perdido, eu só tomo a palavra porque se me impõem certas impressões inapagáveis no meu espírito.

Primeiro, a espontaneidade com que esse homem de pensamento filosófico tão diferente do meu espírito de observador dos aspectos fugidios da vida, ele homem de convicções profundas, se tomou de generoso entusiasmo pela minha candidatura, quando ousei pleitear a honra de pertencer a esta Casa. Foi tão espontâneo, tão generoso e, de acordo com o seu temperamento, tão combativamente solidário, que só isto, se tão altas provas de admiração já não me prendessem, o tornaria uma figura sagrada na minha lembrança.

Esse homem que era de extrema polidês, uma flor de delicadeza humana, parecia um cardo quando se tratava de suas convicções. O que mais admirava nele é que era, ao mesmo tempo, uno e numeroso, múltiplo de aspectos, o filósofo, o pensador, o combativo, sempre fiel a si mesmo. As suas intransigências se integravam com a sua extrema generosidade. O seu caráter combativo, ao mesmo tempo, se harmonizava com a sua delicadeza perfeita. Ele realmente, me parece, não tinha o senso de humor. Mas não era isso uma deficiência, mas o resultado de outra qualidade, o profundo amor às suas idéias.

Aliás, os crentes não podem ter o senso de humor. Creio que o único foi Jesus Cristo quando mandou que se atirasse a primeira pedra à adúltera e quando se referiu a S. Pedro já prevendo a sua fraqueza; mas Jesus não era um crente era um homem para se crer nele, era um Deus.

A fidelidade de Ivan Lins às suas idéias não admitia condescendência com outros sentimentos. Ele era um nobre espírito brasileiro e não precisava que eu tivesse o motivo de profunda gratidão a que já aludi para dizer que o Brasil diminuiu de valor com o desaparecimento de Ivan Lins.

— **O Sr. Vianna Moog** — Sr. Presidente, creio que nestas homenagens estava faltando cobrir um espaço geográfico, é o Rio Gran-

de do Sul que deve estar presente, porque Ivan Lins tinha profundas relações com os positivistas gaúchos, com os quais se correspondia largamente. Um deles me fala com entusiasmo de Ivan Lins. Foi uma grande amizade que se prolongou através dos anos, foi Protásio Vargas.

Além de países como o Paraguai, a Venezuela, dificilmente o positivismo chegou a tal ponto como no Rio Grande do Sul. A única constituição positivista conhecida no mundo foi a constituição riograndense, elaborada por Júlio de Castilhos. Daí o entusiasmo de Ivan Lins pela nossa terra.

Conheci Ivan Lins sob esse aspecto. Foi na sala de espera do Dr. Guido que ele frequentava e as horas de espera eram horas em que discutíamos, ele com proficiência, eu com a paixão de ser lecionado sobre o positivismo. Mas ele nunca deixava que o aluno avançasse muito. E quando notava qualquer dúvida tinha aquele ar, não professoral, mas de ajuda, indicando onde estava o erro cometido. Conversávamos muito e às vezes quando a discussão começava a esquentar ele se tornava veemente porque ele tinha a paixão das idéias.

Mas, Sr. Presidente, a hora já vai adiantada e eu me limito a dizer que o Rio Grande do Sul está aqui presente nas homenagens a Ivan Lins, meu companheiro aqui do lado, que vinha sempre carregado de papéis, de comunicações, depois foi um trabalhador de me causar inveja. A ele eu quero reverenciar no seio da sua família que me parecia perfeita com aquela atitude de contraste entre a sua veemência e a suavidade de D. Sofia, para aplacar-lhe as demasias.

— O Sr. Aurélio Buarque de Holanda — Sr. Presidente, é difícil ser breve e eu terei de ser, embora com o pensamento voltado para uma frase que li uma vez, atribuída ao Padre Vieira: perdoem-me ter sido extenso, não tive tempo para ser breve. E isto vai prender-se exatamente a Ivan Lins, neste momento, em que, muito sofrido com a sua morte, pois que era seu amigo pessoal, quero evocá-lo em traços rápidos.

Levei isto a Ivan Lins e ele, cuja erudição foi lembrada, entre outros, por Genolino Amado, José Honório e Abgar Renault, levou o caso para casa, estudou e me deu uma resposta. No momento não me lembro quem ele ditou como autor certo, mas é um traço que me agrada lembrar agora porque faz vez o gosto do estudo, da investigação e ao mesmo tempo vem lembrar que Ivan Lins era de tal modo conhecedor dos assuntos que estudava que não tardou em dizer: "Isto não é do Padre Vieira, é um engano".

Por outro lado, como esta sessão é chamada "sessão de saudade", eu quero dizer coisas que me dão saudade. Uma delas é aquela sua saudação ritual — não sei se a tinha para outros colegas — "Como vai, meu bom Aurélio?" Sempre assim me tratou. Não esqueço também, que na campanha para minha candidatura, pela segunda vez, a esta Casa, ouvi dele, ao despedir-se estas palavras: "Dr. Aurélio, vá tranquilo, vá aos infiéis, porque o meu voto é seu."

Isto me fazia retornar aos 13 anos de idade, a Camões, aos meus estudos de análise sintática:

A matutina luz serena e fria,
As estrelas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava,
Ele, adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado, assim gritava:
"Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mim, que creio o que podeis!"

Eram palavras camoneanas e estavam presas à minha memória desde os 13 anos, porque decorei os versos. Elas me faziam voltar aos meus 13 anos e hoje me fazem voltar ao meu encontro com Ivan Lins, constituindo mais um motivo para admirá-lo. Ele pode não ter sido um irônico, porque lendo-se o provincianismo português de Fernando Pessoa se verá que o primeiro traço da ironia é a capacidade de propor o maior absurdo tão a sério que não possa, de modo algum, ser tomado por outra coisa senão pela impossibilidade de aquilo ser verdade no outro plano, no plano real da verdade.

De modo que Ivan Lins era incapaz de dizer alguma coisa que envolvesse ironia a sério, porque ele era um homem grave, nunca foi um irônico, e com tantos contrastes, com todas as suas tendências para extremos, como assinalou Genolino Amado, era um homem que tinha duas paixões: a paixão da cultura e a paixão da amizade.

— **O Sr. Francisco de Assis Barosa** — Sr. Presidente, o episódio aqui recordado por Alceu Amoroso Lima, quando da volta de Edmundo Lins ao catolicismo é uma das páginas mais características do temperamento de Ivan Lins, da sua natureza humana, direi mesmo até, da sua grandeza de alma. Ele relatou esse episódio num discurso comovente por ocasião da comemoração do centenário do nascimento de seu pai. É realmente uma página muito bonita.

Comentei com Ivan Lins esta página e ele me acrescentou outros pormenores: o pai consultara-o a respeito desse seu desejo de voltar ao catolicismo. E como estava velho supunha que era uma fraqueza da velhice. O filho, positivista ortodoxo, animou o pai e declarou: "De modo nenhum, meu pai, você está na plenitude da sua inteligência." E foi o filho que levou Edmundo Lins a se confessar, ele mesmo foi procurar o padre.

Nesse dia, por um desses arroubos de vaidade, eu dissera a ele que havia recomendado à minha gente que na velhice, quando eu pedisse confissão é porque não estava no uso e gozo pleno das minhas faculdades mentais. Ivan Lins redarguiu prontamente: "De modo nenhum, meu filho, se você um dia sentir vontade de confissão procure a mim que eu arranarei o padre para você."

Mal sabia eu que, na morte de Ivan Lins, num momento irresistível de minha vida, eu venho bater humildemente à porta da Igreja Católica, da qual me achava afastado há tantos anos.

É esta a homenagem que quero prestar a esse grande batalhador, a esse homem de idéias firmes, sempre sincero, que tinha uma alma

generosa, uma alma pura, uma alma de menino, o nosso inesquecível Ivan Lins.

— **O Sr. Américo Jacobina Lacombe** — Sr. Presidente, um pequeno incidente após o enterramento de Ivan Lins dará idéia de quanto é errado o conceito da Academia perante grande parte do povo. Quando eu me retirava do mausoléu acadêmico, encontro um jornalista que me interpela: “Por que o senhor está aqui?” “Porque sou colega de Ivan Lins em duas instituições, na Academia e no Instituto Histórico. No impedimento eventual de Pedro Calmon, represento o Instituto.” Diz ele: “E são das mesmas idéias?” “Absolutamente, ele era positivista e eu sou católico.” “E brigavam muito?” Respondi-lhe: “Como o senhor está errado! Nós estamos na época do diálogo, nunca brigamos, ao contrário, sempre nos demos muito bem, cada um sabendo respeitar as idéias do outro.”

Os homens se dividem, realmente, em duas classes: os homens de boa fé e os homens de má fé. Os de boa fé se entendem sempre. Em 62, quando ainda não tinha convivência com Ivan Lins, ele me escreveu uma carta pedindo a minha colaboração para uma segunda edição sobre Antônio Vieira. Queria acrescentar uns trechos sobre a influência de Vieira em Rui Barbosa e pedia que eu mandasse elementos para um capítulo que ele queria acrescentar.

Mais recentemente, eu não pensava ainda em Academia, ele me escreve outra carta, agradecendo a minha lembrança de que ele procurasse no livro de Maritain uma referência respeitosa a Augusto Comte.

Estas duas provas de convivência e de colaboração entre homens de idéias diferentes é a resposta aquele ingênuo jornalista que pensava que numa Academia os homens de idéias diferentes viviam se digladiando. É a homenagem que quero prestar ao alto espírito do companheiro que se foi.

— **O Sr. José Cândido de Carvalho** — Sr. Presidente, eu guardo de Ivan Lins uma lembrança muito amável. Ele foi um amigo muito bom para mim, mas eu sempre vi em Ivan Lins uma figura, um cavaleiro, um gentil-homem quase da Idade Média. Nos últimos tempos encontrei Ivan sempre de espada em punho, mesmo de sapatos de cadarço e paletó saco. Recordo Ivan Lins como uma espécie de D’Artagnan sem medo e sem mácula.

LEITURA FEITA POR HERMES LIMA POR OCASIÃO DO ENTERRO DE IVAN LINS

Achamo-nos aqui, em torno dos seus despojos, católicos, protestantes, livres-pensadores, positivistas, crentes e incrédulos. Embora divididos acerca de muitos pontos, reunimo-nos todos num pensamento comum: o de testemunhar-lhe o nosso apreço e a nossa imensa saudade. Encontramo-nos, realmente, à beira deste túmulo, com o objetivo de externar o nosso pesar, a nossa estima e a nossa afeição por aquele que aqui vai repousar.

Atendendo ao que ele desejaria fosse feito neste amargo instante da despedida final, passo a der o **adeus** do ritual do Positivismo, que foi a crença de toda sua vida.

“O Amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim!”

Ora entregamos à Terra mais um ente, cujo concurso objetivo a Família, a Pátria e a Humanidade acabam de perder, quando ainda era capaz de amar, pensar e agir! . . .

Ocorrendo tão dolorosa fatalidade, não é, entretanto, o desespero que deve apoderar-se de nossos corações. Tudo não finda na morte! Se o concurso, decorrente de uma digna vida, desaparece com esta, a colaboração indireta, resultante da ação exercida por uma lembrança querida sobre aqueles que a cultivam, perdura para sempre.

Todo ser amado recorda de modo incessante aos que o conheceram, e sobretudo aos íntimos, a sua vida — doméstica, cívica e religiosa e o seu próprio passamento não pode desfazer a gratidão que a sua memória suscita, nem os estímulos que desperta.

As alegrias que cada indivíduo derrama no lar; as simpatias que nos inspira; os propósitos de amor que sugere aos que o cercam; todo esse mundo de emoções indescritíveis nos faz saborear os pra-

zeres da dedicação e nos leva a concluir consistirem a felicidade e o dever em **Viver para outrem.**

Não podendo reparar a perda ocasionada pela morte, podemos, todavia, contribuir a fim de manter e desenvolver essencialmente a influência moral e social dos mortos. De fato: nós os imaginávamos cada vez mais consagrados ao serviço da Família, da Pátria e da Humanidade, tornando, por toda parte, a sua presença motivo de expansões altruístas. Para esse ideal convergiam os esforços que os tornavam queridos. E a morte só fará perder inteiramente essa aptidão a cooperar para a vitória do amor sobre a Terra se não souberem ser gratos ao bem que deles recebemos. Para que continuem a missão de paz e amor que desempenhavam em vida, basta que as suas imagens nos sejam incentivo para realizar subjetivamente o bem que nos ufanávamos de os ver raticar e de que a morte acaba de privá-los. E se vivos estávamos decididos a correr em seu amparo, a fim de ajudá-los, quanto pudéssemos, no desempenho da missão que realizavam; por que havemos de recusar-lhes o nosso concurso agora que a sua ação benéfica somente pode continuar em outrem e por outrem? . . .

Não! querido amigo! Não estais morto para nós! Estais redi-vivo em nossos corações. Fostes uma fonte de emoções benéficas, enquanto vivestes; nós não profanaremos a vossa imagem, fazendo surgir em torno dela o cortejo das emoções desalentadores do egoísmo. O nosso pranto serão as lágrimas da gratidão, da resignação e da saudade, que nos purificarão, cada vez mais, das propensões pessoais e aviventarão incessantemente os encantos do altruísmo.

Em vez de perdermo-nos em recriminações inúteis ou injustas, abençoaremos as horas da vossa existência, que só emoções e pensamentos generosos nos despertou; e agora, que já não podeis, com a vossa presença, avivar a imagem com que dáveis alento a tantos atos nobres, procuraremos cultivar a vossa memória em nossos corações. E assim, cheios da vossa lembrança, esforça-nos-emos para que a nossa vida, inseparável da vossa, faça com que continuamente ouçamos em torno de vós:

Bendita a hora em que surgistes, porque assinalou mais uma semente do bem lançada pela Humanidade, em sua inexaurível distribuição de virtude e bemaventurança e que, caída em corações propícios, vicejou, floriu e frutificou!". (17-6-75).

A LIÇÃO DE IVAN LINS

Josué Montello

Por uma fotografia que tenho à minha frente, no momento de escrever este artigo, e na qual aparecem, de fisionomia radiante, os acadêmicos Múcio Leão, Clementino Fraga, Luís Edmundo e Viriato Corrêa, vejo este último ao telefone, na tarde de 7 de agosto de 1958, ao dar a Ivan Lins a notícia de sua eleição para a Academia Brasileira, como sucessor de Afonso Taunay.

Nesse tempo eu morava na Espanha. Embora de longe, num pleito renhido que outro amigo disputara, dera a Ivan o meu voto no escrutínio que o elegera, e com esta circunstância: não ter sido o que ele me pedira. Podia, assim, associar-me à alegria de seu triunfo.

Meses depois, ao regressar ao Brasil, finda a minha missão em Madri, estreitaram-se nossas relações. O convívio afetuoso, iniciado com a correspondência postal, ligar-nos-ia, andando o tempo, numa amizade quase fraterna, com a frequência da Academia.

Pertencendo a gerações diferentes, e sendo diferente também a orientação de nossos espíritos, quer na ordem filosófica, quer na ordem do pensamento religioso, a verdade é que harmoniosamente nos entendíamos, sobretudo na comunhão dos valores clássicos, que constituíam os fundamentos de sua cultura admirável.

No correr dos últimos 15 anos, sempre que compareci a este canto de jornal, com o retângulo de minha prosa literária, eu sabia de antemão que não me faltaria, por volta das dez e meia da manhã, numa chamada telefônica, o aplauso generoso de Ivan Lins.

Há pouco menos de um mês, ainda foi assim.

Por sinal que, nessa derradeira conversa, como eu aludisse à **Antologia Geral da Academia Brasileira**, para a qual Ivan deveria dar-me a seleção de suas páginas preferidas, com o acréscimo de

uma notícia biográfica, ouvi-lhe estas palavras pressagas, num tom conformado de melancolia jovial:

— Já preparei a minha parte. Como estou para abrir vaga, tratei de me apressar, para não dar esse trabalho ao meu sucessor.

A essa altura, já o sabíamos doente; mas não supúnhamos que fosse grave o seu estado. Simples indisposição passageira, no quadro normal da vida, visto que a saúde, no dizer de um velho sábio francês, é um estado transitório que não augura nada de bom.

Semana passada, sentindo que com ele perdíamos um dos mais altos valores da cultura brasileira, deixamos o querido Ivan Lins no Mausoléu da Academia. À hora de seu sepultamento, obedeceu-se ao ritual positivista, fecho natural de uma existência que se pautou pelas idéias fundamentais de Augusto Comte.

Vem a propósito lembrar aqui esta reflexão comteana, que Ivan Lins, há tempos, me transmitiu: "Toda prece, tanto pública quanto particular, torna-se, no Positivismo, uma verdadeira obra de arte, dada a circunstância de que a oração exprime nossos melhores sentimentos."

Na verdade, embora não fosse propriamente um ortodoxo da Religião da Humanidade, Ivan Lins era, em essência, um espírito religioso, como se os ritos participassem da sua natureza. Talvez que um certo fundo místico teimasse na sua consciência, levando-o a derivar esse imanente misticismo para certas formas de comportamento ético, que lhe traçavam a rígida linha de conduta. Sem ter chegado ao sacerdócio, tinha algo de sacerdote, notadamente na firmeza com que proclamava os seus princípios e as suas convicções, a um passo do espírito de catequese.

Não sei se seria mais acertado dizer que Ivan Lins foi antes um político do Positivismo, com a mesma aspiração confessada por Augusto Comte: a de unir, hoje, todas as almas de escol, assim como foram ligados os espíritos fortes do Século XVIII, na obra superior, e ainda em curso, da reorganização ocidental.

Mais de uma vez assisti às exaltações irreprimíveis de Ivan Lins, na veemência de um debate. Parecia arder Tróia. Depois, passada a refrega, o homem bom, suave, afetuoso, tomava o lugar do lutador. Digo isto, e aqui, tanto para não omitir um dos traços característicos de seu perfil, quanto para tocar num ponto delicado que já foi referido em quase todos os seus necrológios: refiro-me à maneira por que ele aludiu, na Academia, a um grande crítico literário, pouco antes desaparecido.

Aqui fora, somente se recolheu o eco dessa represália. Hoje, cumpre-me dar aqui um depoimento, que certamente a modifica. Assim que Ivan Lins se calou, pedi a palavra, pediu a palavra Francisco de Assis Barbosa, e também Raimundo Magalhães Júnior, para fazer o louvor do crítico e ensaísta, como uma das mais altas figuras da cultura literária de língua portuguesa. Ivan, que se encontrava perto de mim, bateu-nos palmas. Contradição? Mudança de opinião? De modo algum. Para ele, na linha de sua firmeza pessoal, tanto era

necessário, no seu caso o desforço da palavra contra o morto, quanto o aplauso às palavras dos companheiros.

Assim era Ivan, o querido Ivan Lins, que sempre hei de ver, com a sua bela cabeleira branca, o rosto rosado, sobraçando livros e papéis, no plenário da Academia. Com antecedência, inscrevia-se para falar. Assim, logo depois da leitura da ata, era a ele que ouvíamos, sempre trazendo na ponta da língua um texto latino ou uma lição de Augusto Comte, que vinha bem a propósito.

Certa vez, já não me lembro mais por que motivo, fui alvo de sua estocada escrita. Na origem desse impulso, havia certamente um equívoco. Como desfazê-lo? Apanhado pela surpresa do ataque, reagi. Antes de chegar à minha casa, de volta da Academia, já um amigo comum, Rodrigo Otávio Filho, por solicitação de Ivan Lins, estava à minha procura. E ele próprio, Ivan, veio ao meu encontro. Depois, na outra sessão da Academia, voltou ao assunto — de braços abertos para o companheiro.

De outra feita, eu lhe tinha mandado um novo romance, **Os Degraus do Paraíso**, em cujo entrecho se destaca a figura de um médico, o Dr. Luna, síntese da bondade humana dos médicos que encontrei no meu caminho. Tarde da noite, Ivan me telefona:

— Você não diz no seu romance, mas o Dr. Luna, pelo jeito, só pode ser positivista.

Que me custava fazer-lhe a vontade? Os bons não se conhecem — se reconhecem. Mais do que um personagem, o meu Dr. Luna tinha sido para Ivan Lins um espelho em que se mirara.

Na Academia, sempre que um companheiro desaparece, pergunto-me se o legado de arte que nos deixou terá força bastante para assegurar-lhe a imortalidade da instituição. No caso de Ivan Lins, a resposta é tranquila. Ninguém poderá escrever sobre o Positivismo no Brasil sem recorrer aos livros que ele publicou. Enquanto vivermos, sua memória viverá conosco; quando desaparecer essa memória, os livros de Ivan Lins viverão por ele, dando aos que vierem depois de nós a notícia de sua grandeza.

(Jornal do Brasil, de 24-6-75)

O HISTORIADOR DO POSITIVISMO

Barbosa Lima Sobrinho

Na obra numerosa que Ivan Lins nos deixou, há que destacar a sua excelente **História do Positivismo no Brasil**. Um livro realmente notável, pela pesquisa exaustiva de que resultou, com a preocupação de não omitir nenhum nome, que houvesse concorrido para o estudo e a difusão da doutrina de Augusto Comte em nosso país. E nenhum trabalho poderá deixar impressão mais profunda e mais segura da influência do Positivismo, do que esse amplo levantamento dos que o adotaram ou o seguiram no Brasil. A começar pela rapidez de sua importação. Dois anos depois de publicado, em Paris, o último volume da obra fundamental de Augusto Comte, o **Cours de Philosophie Positive**, um estudante baiano, Justiniano da Silva Gomes, já o citava numa tese de formatura, como o demonstra Ivan Lins.

Daí por diante, a presença de Augusto Comte se faz permanente, no processo da cultura brasileira, embora atravessando fases de maior ou menor influência, como se pode ver no livro de Ivan Lins ou no estudo admirável de seu grande amigo, o Professor Cruz Costa, quando elabora a **Contribuição à História das Idéias no Brasil**.

Ivan Lins não foi apenas o historiador do Positivismo. Foi, também, ele próprio, um positivista sincero e autêntico, capaz de trilhar aquele "caminho de abnegação e de sacrifícios", a que uma vez se reportara Miguel Lemos, que não deixava de reconhecer que tudo passaria a depender do que ele classificava como a "força altruística de cada um". Em Ivan Lins, não haveria limites para esse devotamento, que seria total e absorvente. Quem o contemplasse na sua atividade incessante, não custaria a observar que ali estava um servidor da Humanidade, consciente de seus deveres, que sabia cumprir com o entusiasmo e a alegria das paixões dominadoras.

O Positivismo teve, no Brasil, momentos favoráveis, mas também atravessou fases difíceis, sobretudo quando quis passar de Filo-

sofia a Religião. De começo talvez tenha sido, tão-somente, uma inspiração científica, quando muito um método de trabalho, benéfico como todas as disciplinas, que possam concorrer para a luta contra a improvisação e, sobretudo, contra o diletantismo. Mas quando Miguel Lemos e Teixeira Mendes procuraram transformar o Positivismo em Religião, por força de absoluta fidelidade aos ensinamentos de Augusto Comte, seria de supor que então se multiplicassem os seus adversários, que se esforçariam para destruí-lo com as armas do ridículo. Oliveira Viana, que não simpatizava com o Positivismo, via “nos seus dogmas, nos seus preceitos, nas suas regras, duras como tomentos de linho bravo”, em que “havia qualquer cousa que recordava os ásperos cilícios monacais. Os seus discípulos pareciam antes severos batistas, vestidos de pele, de cajado profético, macerados pelas rudes abstinências do deserto”.

Ivan Lins desprezou as caricaturas, para ir ao fundo do Positivismo. E não encontrou nada mais edificante do que lhe fazer a História, para que se verificasse como fora útil e profunda sua influência. A fase da Religião assinalara um momento de sua existência, consubstanciado na igreja monumental da Rua Benjamin Constant, que alguns fiéis conservam com mais devotamento do que repercussão, não obstante a sinceridade do ideal que os anima. Mas o Positivismo como Filosofia marcou de tal forma a sua presença na História da cultura universal, que já se pode ter a certeza de que não há forças que o possam arrancar dos pedestais conquistados. E não há como deixar de reconhecer que Miguel Reale tinha razão, quando via nele o “eixo em torno do qual girou o estado de espírito de toda uma geração”. Quem o duvidar, leia a **História** de Ivan Lins, baseada numa documentação abundante e convincente.

Se as Matemáticas valeram para abrir caminho ao Positivismo, sobretudo através da Geometria Analítica, de que se valeu Benjamin Constant, no seu professorado atuante, de tanta importância para os destinos do Brasil, há que apontar também a Política, que não correu menos para a sua expansão, através dos quatro volumes do **Système de Politique Positive**, terminados em 1854. Através do ensinamento de Comte, teve-se a inspiração de que a Política poderia ser orientada cientificamente, reagindo contra o empirismo, que era a matriz única de todas as soluções. Mesmo os intelectuais, que não aceitavam a Filosofia Positiva, valiam-se da Sociologia de Comte para o estudo de realidades, que servissem de base a programas objetivos, que iam buscar nos fatos sua própria eficácia. Alberto Torres me pareceu uma das melhores demonstrações dessa presença do Comtismo num pensador, que nunca se filiara à Igreja de Miguel Lemos, mas convencido de que não era possível separar a Política de suas bases científicas, fixadas nas tradições e nos sucessos da vida real. O que não deixava de ser uma homenagem ao pensamento criador do grande filósofo francês. Esse o mérito e a significação da imensa pesquisa, que Ivan Lins realizou, numa obra essencial ao conhecimento do Brasil.

Nem se pode restringir à **História do Positivismo** a contribuição de Ivan Lins para a exaltação da obra de Augusto Comte. Tudo o que ele escreveu, com raras exceções, pode ser incluído nesse imenso trabalho de proselitismo. Será difícil encontrar algum estudo seu, que não se ajuste ao calendário do Positivismo, como os livros que escreveu a respeito de Descartes, Hume, Hobbes, Erasmo, Lope de Vega e até mesmo de Santo Tomás de Aquino. O ensaio a respeito da Idade Média reflete uma tese do próprio Comte. Não sei se era ortodoxo, mas fez mais do que os mais fiéis cumpridores das regras da Religião da Humanidade.

E o fez com um sentimento íntimo e profundo de tolerância e de respeito pelas convicções alheias, como deu demonstração cabalmente, ele próprio, buscar o sacerdote, com que o Pai, o eminente Edmundo Lins, desejava confessar-se, em artigo de morte. Ou quando convidou seu grande amigo, o Cônego Olímpio de Melo, para o ingresso, no catolicismo, de uma netinha, atendendo ao apelo de sua filha e comparecendo, ele e a esposa, D. Sofia, tão fervorosa quanto ele, nas suas convicções positivistas, que eram, nela, uma tradição de família, à cerimônia do batizado, com alguns amigos, que o próprio Ivan Lins havia convidado, como que para testemunharem a sua concordância. A divergência de crença nunca o impedira de exaltar a obra dos Jesuítas, na catequese dos índios, ou no trabalho missionário do Padre Antônio Vieira, seu ídolo de todos os tempos, como revelava num de seus melhores livros.

Para mim, Ivan Lins era mais do que um Positivista. Era uma extraordinária figura humana, um amigo queridíssimo, desses que a morte não consegue fazer esquecer. Afetuoso até à ternura, com aqueles "meu bom Barbosa" de seu tratamento habitual, não faltava nunca com os seus aplausos aos artigos de que havia gostado. E estou mais do que certo de que, daqui por diante, ao escrevê-los, terei sempre a impressão de que estará presente, para uma aprovação, que eu próprio já não saberia dispensar.

(Jornal do Brasil, de 22-6-75)

IVAN LINS

Austregésilo de Athayde

Falando de Ivan Lins, que acaba de desaparecer, com tanto pesar dos seus companheiros, amigos e admiradores, não se pode esquecer a definição que Bossuet deu do sábio: é uma testemunha da verdade. Não foi outro o sentido de sua obra de filósofo, humanista e homem de ciência, pois ninguém procurou com maior afincamento, no Brasil, o puro conhecimento das letras clássicas, aliado ao método de sistematização dos estudos históricos e sociais, ensinado por Augusto Comte.

Devo dizer que não havia em sua obra, que chega a cinquenta volumes, o mínimo vislumbre de fanatismo, sectarismo ou intransigência. Era do seu natural tolerante e compassivo, e aceitava que o contestassem desde que fosse de boa fé e dentro do respeito que os homens de inteligência devem uns aos outros. Não acalentava ressentimentos contra os que discordavam, ou tinham pontos de vista diferentes, cuidando sempre que o debate elevado é apenas uma forma de manifestação do espírito livre.

Toda a sua carreira de homem público é um exemplo de correção moral, estrita probidade e esclarecido patriotismo. O seu magistério foi exercido sempre com altivez, serenidade, espírito de justiça e desinteresse. A Academia Brasileira de Letras sentiu profundamente a sua morte, ainda em plena e fecunda maturidade. Cumprenos a todos honrar a sua memória, guardando a nobreza dos altos padrões de sua inteligência e de sua dignidade pessoal.

(Jornal do Commercio, de 18-6-75)

IVAN LINS, GRANDE HUMANISTA

Elmano Cardim

Os que envelhecem na Academia, ganhando em anos o que perdem em labor eficiente, não podem deixar de sentir, com amargura e tristeza, senão com uma ponta de remorso, o desaparecimento dos mais moços, em condições ainda de contribuírem para o lustre desta casa e o engrandecimento das letras brasileiras. Estava nesse caso Ivan Lins — Ivan Monteiro de Barros Lins — que morre aos 71 anos em plena pujança intelectual, com planos de obras em andamento, entre as quais as suas *Memórias*, que ficaram inacabadas. Esperemos que a parte concluída não demore à ser editada, por incorporar-se à sua bibliografia, que é das mais ricas da cultura nacional. Não se deteve o eminente ensaísta e pensador em assuntos de pouca valia ou fugaz repercussão. A sua obra ele a construiu em torno de vultos e problemas dos quais se ocuparam inúmeros e os maiores pesquisadores da nossa e de todas as literaturas: *Erasmus*, *Lope de Vega*, *Tomas Morus* e a *Utopia*, *Ruiz de Alarcon*, *A Idade Média*, *a Cavalaria* e *as Cruzadas*, *Descartes*, *Gonçalves de Magalhães*, *o Padre Antônio Vieira*, *A História do Positivismo no Brasil*, *Dante*, *Augusto Comte*, o fascínio maior do seu espírito.

Sobre todos esses temas de alta indagação, e ainda outros que seria longo enumerar, compôs Ivan Lins, sínteses admiráveis de observação e interpretação, vivendo-os e revivendo-os com a profundidade de sua erudição, com o brilho de sua inteligência, com a perfeição do seu estilo. O seus estudos são notáveis, porque servem à vulgarização dos assuntos e atraem mesmo as inteligências mais cultivadas. Mas não quero, nem posso, demorar na análise e na crítica de obra de tanto valor na história do pensamento brasileiro.

Trago apenas a minha palavra de saudade ao companheiro querido que se foi e deixa um imenso vazio nesta sala e na nossa instituição. A sua vida e a sua obra merecem acurada, preocupação dos

que, à altura do seu mérito, busquem fazer justiça ao seu autor e queiram concorrer para a perpetuação de sua memória.

Sua vida foi o paradigma da filosofia que adotou e com a qual e pela qual se impôs entre as grandes expressões da cultura brasileira. Não o sacrificou o fanatismo que cega e obumbra o espírito. Sua consciência crítica o armava de serenidade para a certeza que o orientava na sua obra de humanista e pensador. O positivismo norteava o seu pensamento e disciplinava a sua conduta na vida pública e particular. Era um modelo de bom cidadão probo, reto e cortês. Era uma sólida cultura, construída pelo estudo, inspirada pelas idéias, iluminada pela sabedoria.

Do escritor, de tantas obras de valor, disse Afrânio Peixoto, a propósito da **A Idade Média**, que Ivan Lins a escrevera com a erudição de um humanista, com a piedade de um religioso, com a bravura de um Cavaleiro ou cruzado. E Roquete Pinto confessou não saber “de outro escritor de sua geração que maiores serviços tenha prestado à elevação espiritual de sua gente”. E acrescentou: “nem sei de outro — latinista e filósofo — de alma tão aberta às vozes do progresso, às inspirações sadias da época”.

A essas duas opiniões prestigiosas do passado acadêmico, é preciso acrescentar o belo julgamento e o admirável louvor crítico que sobre ele conduziu a magnífica eloquência do nosso presidente Austregésilo de Athayde, no sentido adeus de despedida proferido à saída do seu féretro.

Em todos os campos da sua múltipla atividade intelectual, Ivan Lins se destacava de forma superior e expressiva. Médico, tendo ido buscar na Medicina o que Descartes nela via como meio de fazer os homens bons e inteligentes, Ivan Lins acabou, na vida pública, por exercer uma função em que o direito prima sobre todos os outros conhecimentos. E vemo-lo hoje, no elogio da sua pessoa, louvado também como jurista. E de fato, nos seus pareceres de membro do Tribunal de Contas da Guanabara e na defesa ali dos seus pontos de vista, Ivan Lins revelava um saber jurídico digno dos maiores especialistas.

Isso porque tudo o que fez o fez com seriedade, com convicção e com amor. Justos, pois, com as lágrimas de saudade que lhe dedicamos, os louvores que ouvimos aqui à obra opulenta que construiu e à vida exemplar que viveu.

(Jornal do Commercio, de 4-7-75)

IVAN LINS

Mauro Mota

Com Ivan Lins, acabou-se — perdoem o lugar comum — um dos poucos e derradeiros representantes de uma geração. Jamais pelos 70 anos (vivacíssimos) mas pelo tempo que transportavam inacessível a mudanças: o tempo mais do que do simples positivismo, de todas as normas de conduta pelo positivismo indicadas; de apego sem abertura, para usar uma palavra de hoje, à filosofia de Augusto Comte; de amor sem transigência aos clássicos nas preferências de leituras e influências literárias; até na sua bela figura física Ivan Lins parecia um remanescente do classicismo.

Lembro a primeira visita, que lhe fiz, em sua casa do Leblon, em companhia do querido Luiz Luna. Das claras horas da noite em sua rica biblioteca; das raridades bibliográficas, seculares edições príncipes de ciências, inclusive médicas — ele era médico — de lingüística — era latinista — de poesia (vários Camões) de religião, apesar de tantas encadernações de encher a vista, os livros nada ornamentais. Com notas apensas, com trechos marcados, com os vestígios do manuseio.

A rica biblioteca constituía um acervo de cultura e estava a serviço da cultura; constituía um laboratório de análises literárias e filosóficas, o núcleo da construção da obra pessoal do escritor, que, dentro dela, se fizera íntimo dos autores que a formavam. Obra constante suficiente para manter Ivan Lins vivo diante das atuais e das futuras gerações.

Outro aspecto, além do cultural, a salientar-se nele: o da sua grandeza humana. Ninguém mais digno, mais leal, mais firme nas amizades; ninguém que mais as fizesse independender da satisfação de interesses. Ficou, desde o primeiro instante, decidido ao meu lado

quando fui candidato à Academia Brasileira de Letras, onde a sua convivência valia um encanto, e não só quando falava nas sessões das quintas-feiras: quase todas as tardes no gabinete do Presidente Athayde. Estou a ouvi-lo e a revê-lo nesta manhã de sua morte. O branco era a sua cor: estava na cabeleira, na roupa, na pureza da vida e do espírito.

(Diário de Pernambuco, de 19-6-75)

MEU AMIGO IVAN LINS

R. Magalhães Júnior

Há poucos dias, quando a Academia Brasileira de Letras assinava o contrato de financiamento do seu grande edifício, cujas fundações mal começaram a ser feitas, o presidente, Austregésilo de Ataíde, dizia com certo orgulho: "Este documento terá um valor muito grande, porque é assinado pelos membros da Casa de Machado de Assis num momento em que o seu número está completo. Agora, somos quarenta." Já não o somos. Agora, só há 39. Um dos nossos não pôde esperar para ver as fundações se erguerem do chão, para sustentar o monumental edifício de que irão se orgulhar os nossos sucessores.

Quem partiu, assim imprevistamente, foi Ivan Lins, um dos melhores companheiros e um dos mais ardorosos crentes em nossa tão frágil e transitória **imortalidade**. Tudo quanto ele fazia trazia a marca de uma sinceridade total. Não tinha meios entusiasmos. Seu coração era uma fonte de sentimentos completos, que se derramavam generosamente a maior parte das vezes, mas podiam, de repente, adquirir uma agressividade intensa, se colocado em posição contrária.

Era, antes de tudo, um homem fiel a si mesmo e às suas raízes. Sua maior admiração era a que nutria por seu pai, o jurista Edmundo Lins, que muito honrou o Supremo Tribunal Federal, a que presidiu. Ninguém sabe ao certo porque, em vez de se formar em Direito, como o varão que lhe serviu de modelo, formou-se em Medicina, para nunca exercê-la. Como o pai, fez-se latinista emérito e não fazia um discurso sem uma boa carga de latim, que traduzia, logo, para gáudio dos ouvintes que nada sabem de Horácio, de Virgílio ou de Cícero. Podia-se dizer, sem desprimor: "Vai falar o Ivan? Então teremos latim."

Ivan Lins jamais dispensava as citações em latim

Ele não se privava, nem nos privava dessa língua tão mais viva depois que é morta. Sua primeira vocação foi a do professorado. Para isso tinha os dons mais raros. Em primeiro lugar, sabia muito bem o que ensinava aos seus antigos alunos do Colégio Pedro II e aos ouvintes dos cursos de Academia Brasileira de Letras, como a seus próprios companheiros nessa casa. Tinha o privilégio da boa memória, a extrema precisão nas datas e nas minúcias dos fatos. Eu explorei, algumas vezes, a sua arte magisterial, num fatigante curso de Introdução à Cultura Histórica e Sociológica. A certa altura do curso, dizia-lhe: "Ivan, amanhã você é quem vai dar a minha aula. Tema: Augusto Comte e a criação da Sociologia." Nunca me faltou. Jamais alegou um compromisso anterior e inarredável. Com uma exposição fácil e bem articulada, encantava os alunos. Era para ele um prazer falar sobre Augusto Comte. Essas aulas representavam, para ele, uma volta ao passado, ao convívio paterno. A Edmundo Lins, devia a sua iniciação no positivismo. Augusto Comte era, para ambos, um dos mais poderosos faróis mentais que iluminaram o caminho dos homens no mundo moderno.

Foi essa devoção ao positivismo que o levou a atender ao apelo de Assis Chateaubriand no sentido de escrever sua monumental **História do Positivismo no Brasil**. Assis Chateaubriand formara o seu espírito — como, aliás, Gilberto Amado e muitos outros — numa época em que o positivismo ainda não tinha definhado. Ainda se exercia, como um apostolado moral, a influência dos dois sumos-sacerdotes do comtismo, que foram Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes. Espantava-se de ver como o comtismo, tendo logo declinado na França, em razão da briga dos sucessores de Comte, Émile Littré e Pierre Lafitte, chegara a influir tão poderosamente no Brasil, ao ponto de ter, por ocasião da proclamação da República, dois ministros de estado (Benjamim Constant e Demétrio Ribeiro), governadores de Estados (como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, no Rio Grande do Sul, João Pinheiro, em Minas Gerais e Venâncio Neiva, na Paraíba), além de uma Constituição Estadual (a gaúcha) fortemente impregnada de positivismo, em vigor de 1894 a 1923. Quando Ivan Lins aceitou a incumbência, Assis Chateaubriand exultou e me disse, durante um chá na Academia, que pouco depois deixaria de frequentar: "Você vai ver que livro! Esse Ivan Lins sabe tudo sobre esses monstros antediluvianos, que são os positivistas. Ele é capaz de fuçadeiras maravilhosas!"

Comte, Erasmo e Vieira foram as suas admirações

Fuçadeiras, para Assis Chateaubriand, era um continuado e aprofundado esforço de pesquisa. Em se tratando de positivismo, nada e escapava a Ivan, nem mesmo o mais ínfimo pormenor. Seu livro resultou uma verdadeira obra-prima no gênero. É uma expo-

sição rica, clara, completa e — por que não dizer? — apaixonada, pois só um homem extremamente apaixonado por aquela corrente de idéias, ao mesmo tempo conservadora e revolucionária, seria capaz de tê-lo escrito. No positivismo, creio que ele sabia separar o que era bom do que era mau, ou pouco aceitável, pelo menos a um tipo com o meu temperamento. O que ele via de bom era o ardor com que Comte e seus adeptos se batiam pela incorporação do proletariado à sociedade, ou buscavam dar à mulher uma posição condigna, ou em converter os instrumentos do poder numa fonte de benefícios para a coletividade. Quando alguém lhe falava na insistente pregação da "ditadura republicana" (Borges de Medeiros a exerceu no Rio Grande do Sul e Getúlio Vargas, na escola castilhistaborgista, no Brasil), ele se apressava a dizer: "Mas essa idéia de ditadura republicana dos positivistas só teria em mente o bem do povo."

Nossas relações, a princípio muito cerimoniaosas, começaram a se estreitar quando lhe disse que tinha, em casa, o volume das cartas de Augusto Comte aos positivistas ingleses (Harriet Martineau, Georges Audiffrent e outros). Falei-lhe que era numa carta a George Audiffrent que Comte dissera ter concebido um novo mote, precisamente **Ordem e Progresso**, que está inscrito na nossa bandeira nacional. "Quero ver essa carta. Vou à sua casa para isso", foi logo dizendo. Tive outro ponto de contato com Ivan Lins: a admiração por Erasmo de Rotterdam, o autor do **Elogio da Loucura**. Um dia, quando escrevi no antigo **Correio da Manhã** um artigo sobre um livro menos conhecido de Erasmo, sobre a melhor maneira de educar as crianças das grandes casas do período renascentista, ele passou a me tratar com uma amabilidade ainda maior: "Como vai esse queridíssimo amigo? Não sabia que tinha esse livro em latim, que poucos conhecem." Fui dizendo logo que a minha edição era bilíngüe, para evitar que ele me desfechasse um cumprimento em latim. Até a véspera, eu fora apenas "querido amigo". O superlativo vinha por conta do grande escritor holandês, que ele biografou tão bem em **Erasmo, a Renascença e o Humanismo**.

Entre suas grandes devoções literárias, nenhuma maior do que a fielmente dedicada ao Padre Antônio Vieira, de cujos sermões seria capaz de recitar, de memória, páginas inteiras, inclusive com as citações latinas, de que eram lardeados. Seu livro, **Aspectos do Padre Antônio Vieira**, é um monumento ao grande jesuíta que se incorporou à História religiosa, política e literária do Brasil. Sua edição dos discursos seletos de Vieira é também primorosa. Em estudos avulsos, ocupou-se do abolicionismo de Benjamim Constant, de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes, como das idéias filosóficas de Comte, do teatro de Lope de Vega, da vida e da obra de Descartes, da formação de João Pinheiro e de uma infinidade de outros aspectos, versados sempre com erudição segura. Entre suas maiores obras está a série de conferências que começou a realizar na Academia Brasileira de Letras, da qual ainda não fazia parte, e que foi termi-

nar no Automóvel Clube do Brasil. Estão elas enfeitadas no livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**. É triste ver-se todo esse saber acumulado através de dezenas de anos de intensos estudos fechar-se num caixão que desce ao fundo da terra, no mausoléu da Academia Brasileira de Letras. Entre os que foram seus companheiros, Ivan Lins deixa uma grande saudade e uma lembrança quase sempre amável. Estava geralmente pronto a rememorar momentos curiosos e interessantes de sua vida, muitas vezes figurando na narrativa seu velho e querido amigo, o Padre Olímpio de Melo, que foi prefeito do Distrito Federal no tempo de Getúlio e, mais tarde, seu colega no Tribunal de Contas do Rio de Janeiro. Sua despedida, nesse tribunal, quando se aposentou, foi uma festa como poucas. Ivan Lins saiu cercado de louvores. Os louvores devidos a um homem correto, incapaz de uma tergiversação, zeloso defensor dos dinheiros públicos, não deixando passar camarão por malha.

A sensibilidade de um homem dedicado a cultura

Talvez lhe faltasse uma ponta de *sense of humour*. Mas dificilmente se poderia exigir tal coisa de um positivista, mesmo que não rigorosamente ortodoxo. Não gargalhava, mas ria. Ou antes sorria. Só uma vez o vi cheio de indignação, tomado de uma espécie de fúria sagrada. Foi quando se referiu de maneira desabrida à morte desse grande espírito chocarreiro e irreverente que foi Agrippino Grieco. Já no fim da vida, ao redor dos oitenta anos, um editor acedeu em publicar as memórias do Agrippino, numa série de volumes, dos quais só chegaram a sair dois. Ao longo de uma vida tão extensa, Agrippino vivera perdendo, um a um, os antigos alvos de suas sátiras, mais aceradas. Desaparecera Ataúlfo de Paiva, com a sua elegância casquilha e com seus cabelos pintados de acaju. Desaparecera Cláudio de Sousa, com a sua calva reluzente. Desaparecera Aloysio de Castro, com um jeito de anjo tresnoitado. E assim outros, muitos outros. Muitos deles até gostavam de ser assunto de Agrippino. Levi Carneiro, por exemplo. Mais um grande advogado que um escritor, esse homem bem-humorado um dia me disse: "Sabe em quem eu gostaria de votar, se viesse a ser candidato à Academia? Em Agrippino Grieco!" Perguntei-lhe: "A despeito de todas as sátiras dele contra o senhor?" Respondeu: "Por isso mesmo. Mais do que ninguém, ele está sempre me lembrando de que estou vivo." Agrippino Grieco, tão desfalcado já, teria que encontrar novos alvos. Fui um deles, nas **Pérolas**. Ivan o foi, nas **Memórias**. Ficou indignadíssimo. Grieco forjara, numa situação inexistente, uma frase também inexistente. Quando Grieco morreu eu lembrei, num breve discurso, o animador das letras e dos jovens, que ele foi, no **Boletim de Ariel**. Mas Ivan Lins, destoando inteiramente da conduta que vinha até então mantendo, disse o diabo de Agrippino. Foi até processado pelos filhos do morto. Pedi a Ivan que retirasse seu discurso da ata, porque aquela tremenda catilinária não parecia vir do Ivan que eu

sempre conhecera. "Não retiro uma vírgula!" — disse. Apelei para seu cunhado, o acadêmico Paulo Carneiro. Em vão. Parece que o momento não é para se lembrar isso. Mas por que não? O episódio mostra um Ivan Lins inteiriço e inamoldável. Contudo, imagino-o agora se encontrando com Agrippino no "au delà": "Então, meu caro Ivan, ainda zangadinho? Deixe disso. Venha daí um abraço!" E já os vejo abraçados, porque as maldades de Agrippino não eram para ferir fundo e só feriam fundo quando o seu alvo era uma arma sensibíllissima, como por certo nunca pensar que fosse a de Ivan. E essa extrema sensibilidade é que nós todos acabamos de perder.

(Manchete, de 23-6-75)

IVAN LINS, UM HUMANISTA

Theophilo de Andrade

Austregésilo de Athayde foi feliz ao traçar o perfil de Ivan Lins, no momento em que, das escadarias da Casa de Machado de Assis, pronunciou palavras de despedida ao companheiro que partia para nunca mais voltar.

A Academia sofreu uma perda quase diria irreparável, pois raras vezes se juntaram em um intelectual os predicados que fizeram de Ivan Lins um humanista de erudição universal, daquele tipo de que nos deixou paradigma o renascentista Piço de la Mirandola.

As minhas relações com o escritor desaparecido datam do tempo em que começara a namorar a Academia Brasileira de Letras. Foi aí por volta de 1958, quando se propôs a levar-lhe, como um bouquet de flores, uma série de conferências sobre *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*, matéria do seu livro mais agradável pela erudição, pela leveza do estilo, pela honestidade da pesquisa e pela simpatia para com o Cristianismo.

Mal, porém, pronunciara a primeira, e eis que um grupo de integralistas, aproveitando-se do ambiente de opressão cultural que se formara no País com a instituição do Estado Novo, invadiu a sala e tentou cassar-lhe a palavra.

O atentado provocou justa reação da intelectualidade brasileira, na forma de uma manifestação de solidariedade, a ele endereçada como "um dos mais destacados nomes da cultura moça do Brasil" a que estava honrando "com inteligência brilhante, devotamento e intrepidez".

Fui um dos signatários da mensagem. E Ivan Lins nunca o esqueceu.

Já dois anos antes, fizera ele, no Petit Trianon, outro curso de conferências sobre o *Discurso do Método*, cujo terceiro centenário

então se comemorava. Poderia ter prosseguido naquela segunda série, pois todas as garantias lhe foram oferecidas. Mas não quis criar dificuldades à Casa de Machado de Assis, pois os jovens trogloditas da cultura integralista ameaçavam rebentar a casa toda. Preferiu levar as conferências para o Automóvel Clube, onde, aliás, tal como na Academia, falou sempre para uma casa cheia, interessada e entusiasta.

Mas voltaria, um dia, em 1958, ao Petit Trianon para ser recebido de braços abertos, não mais como conferencista, mas como membro da ilustre companhia, onde passou a honrar — e fê-lo por dezoito anos — a cadeira número um.

Durante os vinte anos decorridos da conferência perturbada pelos nossos jovens fascistas, passara Ivan Lins, de “destacado nome da cultura moça do Brasil”, a uma das mais sólidas culturas já aparecidas na cátedra — pois foi professor em várias escolas — no jornalismo, e nas poltronas da imortalidade.

A sua figura está ligada, por outro lado, indissolúvelmente, à história do positivismo no Brasil, com todas as implicações políticas e culturais, decorrentes da influência da doutrina comtista na criação da República. Não foi só pela ação de Benjamin Constant e dos seus discípulos da Escola Militar, mas também pela de Demétrio Ribeiro e dos positivistas civis. É positivista o lema **Ordem e Progresso**, do Pavilhão Nacional, que, por isso mesmo, teve dificuldade em penetrar nos templos católicos, durante muitos anos. Positivista foi a orientação liberal da Constituição de 1891. E, como o lembrou José Cássio Simões Vieira, em estudo publicado no ano passado, em **O Estado de São Paulo**, deve-se a uma aliança de seis positivistas, na Constituinte, com cerca de quarenta católicos, que se procedeu ao expurgo, no projeto de Rui Barbosa, dos dispositivos que previam a exclusão do território brasileiro da Companhia de Jesus, e proibia a fundação de novos conventos e ordens religiosas.

É mister, entretanto, separar **positivismo** de **comtismo**, como o fez Ivan Lins, desde que, tendo perdido a fé religiosa, e atravessado um longo período de ceticismo filosófico, abraçou a Religião da Humanidade, de Augusto Comte, a ela convertido pelo livro de Teixeira Mendes sobre Benjamin Constant.

Não adotou, porém, os ritos e exteriorizações que atraíram para os positivistas as setas da crítica, chegando Barbosa Lima a afirmar que “viviam às claras (postulado positivista), mas comendo as gemas”. Na realidade, com exceção de alguns pseudo-adeptos do credo filosófico, por mero snobismo na época, é sabido terem sido os positivistas homens de absoluta inteireza moral.

Foi assim ontem e é assim hoje. Todos os positivistas que conheci eram ou são homens de bem. É que sabem, como Ivan Lins, sublimar a moral natural, elevando-a ao mais alto nível, por si mesma, ou seja, sem base religiosa ou teológica.

Com este amor pela doutrina e dado que era, por inclinação incoercível, um pesquisador, escreveu Ivan Lins, instado por Assis Chateaubriand, a “História do Positivismo no Brasil”, que conside-

rou a sua melhor obra. Sê-lo-á, se considerarmos a tarefa do historiador que soube revolver arquivos e bibliotecas em busca de material inédito, dando-nos um alentado volume que contém não somente a história do movimento positivista, mas também subsídios indispensáveis ao estudo do advento e consolidação da República no Brasil.

A obra de Ivan Lins não se limita, todavia, àqueles dois livros. A sua bibliografia vai a mais de cinco dezenas de volumes, muitos ainda inéditos. E a feia Parca cortou-lhe o fio da vida exatamente quando havia iniciado as suas **Memórias**.

Naquele grande acervo, deparamos História, crítica, ensaio e algumas das melhores biografias escritas na língua portuguesa. Irmanam-se com os de Latino Coelho. Além do estudo sobre Descartes, deixou um segundo, muito erudito, sobre Erasmo e, mais recentemente, outro pleno de amor e veneração, sobre Santo Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, cujo sétimo centenário da morte ocorreu no ano passado. Igual carinho devotou ele ao padre Antônio Vieira, esse gigante da palavra, grande orador, grande teólogo, grande político e grande defensor dos nossos índios, esquecido nas nossas escolas e nas nossas comemorações profanas e eclesiásticas, como se não tivesse sido o mais ilustre brasileiro do século XVII, e um dos maiores de todos os tempos.

Não aconteceu com Ivan Lins o que se conta do seu pai, o também grande humanista, ministro Edmundo Lins, que terminou os seus dias na Presidência do Supremo Tribunal Federal. Aos oitenta anos, segundo conta Simões Vieira, teve um sonho que lhe lembrou os dias do seminário de Diamantina, com os seus officios e práticas religiosas. Perguntou então ao filho se, embora positivista, poderia comungar, ao que Ivan Lins, de imediato, anuiu.

É que era a mais tolerante das criaturas. Concordou com o seu velho pai, a despeito de haver vencido, totalmente, em sua consciência, as influências teológicas recebidas na mocidade. Continuava, porém, a venerar os valores do passado, pois, para ele, a fase teológica fora uma contingência da humanidade, na sua marcha através da História. Daí, o seu carinho, manifestado em todos os seus livros, pela religião cristã, generoso e sincero, sem os exageros dos apolegetas.

É que, alma sensível, nunca deixara de ouvir as "vozes do coração", a que alude Martins Fontes, no soneto **Anoitecer**, com que encerrou o primeiro capítulo do seu fascinante livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**.

Ivan Lins, além de um humanista, era um sentimental em relação à herança cultural do Cristianismo.

(Jornal do Commercio, de 22-6-75)

IVAN LINS

Nereu Corrêa

Foi com surpresa (pois nem sequer o sabia doente) e com o mais profundo pesar que recebi a notícia da morte do Ministro Ivan Lins. Quem o conheceu pessoalmente, ou através da sua obra, pode avaliar a perda que o seu desaparecimento representa para a cultura brasileira. Diria melhor: para a cultura humanística, pois Ivan Lins tinha no latim a sua segunda língua, conhecendo no original as obras fontes do pensamento e da arte, tesouros da literatura universal. Daí haver enriquecido a sua bibliografia, na obra admirável que nos deixou como pensador e homem de letras, com uma série de ensaios dos mais lúcidos e significativos sobre filósofos, poetas e escritores do Renascimento. Isso sem falar no seu livro mais conhecido, **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**, em que traçou um largo panorama da vida e dos costumes do mais longo e controvertido período da história humana. Conferencista primoroso, quase toda a sua obra é constituída dessas aulas com que encantava os auditórios, versando os mais variados temas numa linguagem diserta e elegante. Na simplicidade da lição, nunca faltava o recheio erudito das citações em latim, que ele sabia encaixar com propriedade e sem o menor pedantismo. Numa conferência que proferiu na UFSC, em maio de 1973, tivemos oportunidade de vê-lo declamar versos de Virgílio e Horácio como se fosse um retor do século de Augusto, numa aula magistral, em que abordou a importância da literatura na educação da juventude. Do seu estilo, podemos dizer que o trabalhava não para polir e castigar a frase, mas para torná-la mais simples, mais acessível, em busca de uma expressão contida e despojada. Ou melhor, como disse G. W. Ireland sobre André Gide: trabalhava o estilo para evitar que ele sáisse "literário demais".

Ivan Lins não era um filósofo na verdadeira acepção da palavra (e não sei se podemos nos dar ao luxo de dizer que possuímos filósofos

no Brasil), mas um escritor de formação clássica de arraigadas convicções filosóficas. Foi um incansável e fervoroso adepto das idéias de Augusto Comte, dir-se-ia o último Quixote da cruzada positivista no Brasil. E teve o grande mérito, como assinalou Rodrigo Otávio Filho ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras, citando Castilho Goycochêa, de "humanizar o positivismo, tirando-lhe o caráter intolerante e até agressivo com que foi instituído e mantido entre nós, tornando-o uma doutrina como as demais doutrinas, uma escola para o pensamento, como as escolas fictícias e as escolas abstratas".

O livro **Perspectiva de Augusto Comte** é um breviário das idéias positivistas interpretadas pelo mestre brasileiro, uma obra profunda e esclarecedora, cujas páginas nos mostram o que de vivo e atual ainda existe nas idéias do fundador da Sociologia. Na sua **História do Positivismo no Brasil**, obra fundamental da cultura brasileira, Ivan Lins estuda a influência do contismo na vida literária, política e institucional do nosso país, numa pesquisa exaustiva, na qual consumiu vários anos de estudo e trabalho enriquecida de documentos inéditos das campanhas da Abolição e da República. O positivismo, além de lhe haver transmitido uma concepção de vida fundamentada em rígidos valores morais, conferiu-lhe uma severa disciplina ao estudo metódico e sistematizado da História e da Cultura. E de tal forma deixou-se marcar por essa influência que é raro encontrarmos um trabalho de Ivan Lins, mesmo quando estudo os grandes poetas, como Dante, Camões e Lope de Vega, onde a cada passo não veja relações e analogias com o pensamento filosófico do mestre de Montpellier. O famoso soneto de Vicente de Carvalho, **Velho Tema**, era para ele uma súpula perfeita da teoria de Augusto Comte sobre a felicidade.

Fiel aos postulados positivistas, que sabia praticar tão bem quanto o conhecia, Ivan Lins era um devotado colecionador de afeições e amizades. No rol dos seus amigos não se contavam apenas os que lhe frequentavam a casa no Leblon, onde sempre os recebia com o cavalheirismo e a acolhedora fidalguia que caracterizavam o seu espírito. Havia também os amigos distantes, tão numerosos quanto aqueles, com os quais entretinha assídua correspondência, mesmo sem os conhecer pessoalmente. Correspondi-me com ele durante vários anos, e nas suas cartas guardo as provas mais generosas do seu nobre espírito. Quando nos encontramos pela primeira vez, alguns anos mais tarde, diante do homem simples mas extremamente simpático, a cabeleira branca emoldurando-lhe a testa ampla, poderia repetir-lhes com justiça a frase de Claudiano: "Non minuit presentia famam".

É esse varão ilustre que o Brasil acaba de perder. Desapareceu, quando ainda muito esperávamos da sua capacidade criadora. Mas deixou na sua obra um modelo de limpidez, de unidade e coerência, legado precioso de uma vida consagrada aos valores do espírito e ao culto da amizade.

(Correio do Povo, Porto Alegre, de 5-7-75)

MAIS UMA VIAGEM SEM VOLTA

Paulo de Gouvêa

É o melancólico destino dos que vivem muito tornarem-se co-veiros daqueles a quem tanto, queriam que os deixaram cada vez mais sós no mesmo mundo onde partilharam pensamentos e sonhos tão iguais, tão irmãos.

Há uma imagem semelhante, conhecida bem sei, mas que vale a pena relembrar:

“A alma de cada velho é um campo santo coroadado de urzes e ciprestes.”

Sobram-me razões para falar assim. Em escassos meses é a terceira vez que, por força do próprio coração, tenho de falar de amigos que perdi. Foi o Nilo, depois o Athos, e, agora, nesta aziaga terça-feira, 17 de junho, levaram, a enterrar, Ivan Lins.

Antes de sentir o fascínio da sua presença pessoal, já nos havíamos escrito várias vezes. Cada livro seu vinha até mim com palavras de generoso afeto. E eu agradecia a oferta que, doravante, não mais se repetirá, pois a mão que a endereçava adormeceu sobre o peito onde um nobre pulsar deixou de ser ouvido. É pena que nesta distância onde estou agora, num exílio que dói como todo exílio, não tenha a meu lado os livros que me mandou e as cartas que escreveu, para fixar algumas de suas palavras nesta página que, aí então, merecia ser lida. Resta-me, pois, valer-me apenas de mim mesmo.

Mais tarde, quando, por delegação expressa do meu diretor Breno Caldas, vim ao Rio receber em seu nome a Medalha Machado de Assis, que a Academia Brasileira de Letras concedera ao **Correio do Povo**, tributo de gratidão aos “relevantes serviços por ele prestados à cultura nacional”, tive o encontro gratíssimo e há tanto esperado,

esporadicamente renovado nos anos que seguiram. E, quando regressava ao Sul, o contato continuava através das cartas e dos livros.

Os livros de Ivan Lins! Poucos existirão de igual valia, tal a rara limpidez do estilo, a pureza do conceito, a fidalguia da erudição, que o faziam um dos mais nobres e altos valores da cultura brasileira. **Erasmus e a Renascença**, "Aspectos do Padre Antônio Vieira" e **Thomas Morus e a Utopia** são três culminâncias da literatura deste país. E sobe a mais de cinquenta o número total de seus trabalhos!

Com Ivan Lins morre o último positivista do Brasil. Não existe, suponho sinceramente, quem o substitua no apostolado comteano, exercido sem pausa durante cinquenta e três anos. "A leitura de Teixeira Mendes — são palavras suas — empolgou-me; e eu, que deixara de ser católico havia três ou quatro anos, passei-me a considerar, desde esse dia, positivista".

Mas, o singular nessa adesão à filosofia de Augusto Comte é que permaneceu nele, inteiro e vívido, o respeito à Igreja Católica e às suas grandes figuras. Assim, segundo depoimento de Genolino Amado, "a conferência feita há um ano por Ivan Lins sobre Santo Tomás de Aquino, baseado em um dos seus últimos ensaios, é considerada fundamental para o entendimento do pensador católico". E, ao lermos seu livro sobre Thomas Morus ou sobre o autor do **Elogio da Loucura**, encontraremos aquele mesmo espírito de reverência, que o pensador de Montpellier manteve, através de sua vida luminosa, pela Igreja de que hoje se conhece apenas um ocasional e efêmero lampejo. Não era um fanático, mas um mestre, "o último mestre do Positivismo no Brasil" como disse Osvaldo Orico, enquanto Hermes Lima, corroborando minha opinião, sem mais valia e talvez por isso pretenciosa, reconhece que ele fez "um grande trabalho cultural, pois não era um positivista religioso, mas cultural, humanista e cívico".

Essas diferentes opiniões, recolheu-as a imprensa logo após conhecido o desaparecimento do excepcional escritor. Ignoro se meus poucos leitores chegaram a lê-las. Por isso, gostaria repetir esta de José Fontes Romero: "É difícil definir Ivan Lins em poucas palavras. Ele foi a cultura a serviço do Brasil e dedicou sua vida à procura da verdade".

Ainda no período da manhã da quarta-feira seguinte, "sob o silêncio dos parentes e amigos", o corpo foi sepultado no jazigo 25 do Mausoléu dos Imortais. Antes, na Academia, Austregésilo de Athayde, presidente do cenáculo ilustre, dera seu "Adeus a Ivan Lins". E Hermes Lima, na necrópole de São João Batista, fez a despedida ritual:

Atendendo ao que ele desejaria fosse feito neste amargo instante de despedida final, passo a ler o adeus do ritual do Positivismo que foi a crença de toda a sua vida. "O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim".

Encerra-se o capítulo final da trajetória humana de um grande e nobre espírito. Ivan Lins deixara o mundo onde florescera sua inteligência admirável, para iniciar a grande viagem da qual não se regressa. Em todos os necrológicos protocolares, enfeitados das pompas em que se excedem os elogios, é infalível a expressão estereotipada de que "sua morte foi uma grande perda para o Brasil".

No desaparecimento terreno de Ivan Lins, na ausência que desfalca uma nação pobre de grandes valores intelectuais de uma de suas mais altas expressões do pensamento e da cultura, o velho chavão se transfigura, tocado pelo mistério da verdade plena. Porque a morte de Ivan Lins é uma grande perda para o Brasil e mais amarga ainda saber-se que o elenco dos seus grandes nomes fica ainda menor, mais reduzido ainda. E sem esperança, nem possibilidades de substituí-lo.

(Correio do Povo, Porto Alegre, de 28-6-75)

IVAN LINS

Alberto Deodato

Estou, como milhares de leitores, de intelectuais e de políticos, sob o impacto da morte de Ivan Lins. Não sei de escritor, nacional ou estrangeiro, que mais divulgasse as obras primorosas dos mestres de todos os tempos. Comte. Descartes. Antônio Vieira. Dante. Lope de Vega. Erasmo. Thomas Morus. Quando escrevo "divulgasse", é porque Ivan Lins, conhecedor de várias línguas, mestre em Latim, sabia pôr ao alcance de todos o que esses homens escreveram. Alguns de difícil compreensão no original ou em traduções eruditas. Com mais uma notável virtude. O passado retratado no presente. Tenho dele seis livros. Com dedicatórias enternecedoras. No fim das dedicatórias, me apontava as páginas mais pitorescas. Nunca li estudo tão completo sobre **Erasmo, a Renascença e o Humanismo**. São dez capítulos. A tônica é o mundo do século XV, quando nasceu o pensador holandês. As idéias, os hábitos e os costumes, não só do século mas de toda Idade Média e Renascença. Filho de um clérigo, repetia o autor do **Elogio da Loucura**, bastardo que era, "não ter sido fruto de triste matrimônio, mas gerado entre os deliciosos transportes de amor". Faz um estudo sobre a Medicina do tempo, quando os esterco humanos e de animais tinham efeitos milagrosos em todas as doenças. "O do homem, feito em pó sutilíssimo, deitado muitos meses dentro dos olhos que têm névoa, cura definitivamente". Essas receitas eram prescritas pelos maiores médicos da época. No estudo sobre **Thomas Morus e a Utopia**, Ivan sublinhou, no volume que me ofereceu, os trechos mais pitorescos. Imitando seu pai, John More, que se casara quatro vezes, Thomas teve duas esposas. Uma legítima. Mas a ambas enchia de jóias falsas. E repetia: "para que verdadeiras e custosas? As falsas as deixam satisfeitas nos olhos e no espírito quando contemplam esses pequenos pedaços de vidro". Condenado à forca por Henrique VIII,

disse ao carrasco, ao ser executado: "Meu amigo, ajude-me a subir. Quanto à descida fica só por minha conta" . . .

No livro **Para conhecer melhor o Padre Antônio Vieira**, a seleção dos sermões do grande orador sacro nos dá a impressão que eles foram pronunciados no século XX. Por isso, Ivan Lins escreve: "Vieira é de incontestável atualidade nestes tempos em que pululam os oportunistas e enxameiam os que se escondem nessa espécie de des-pistamento político e filosófico. . ."

No meu entender, a obra desse grande mineiro deve estar na cabeceira de todas as gerações.

(Estado de Minas, Belo Horizonte, de 26-5-75).

HOMENAGEM A IVAN LINS

Jarbas Maranhão

Não tenciono fazer um discurso nem mesmo síntese biográfica, mas um registro de sentida homenagem ao amigo e intelectual — o acadêmico IVAN LINS, recentemente desaparecido na cidade do Rio de Janeiro.

Era bastante conhecido de todos nós e, não faz muito, visitou esta Casa, na companhia do escritor Mauro Motta.

Membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico, por muitos anos Ministro do Tribunal de Contas do antigo Distrito Federal e, quando esta Entidade transformou-se em Estado, Ministro e Conselheiro da Corte de Contas da Guanabara, de onde somente veio a retirar-se ao ser colhido pela compulsória, há um ano e dois meses.

Esplendida expressão de nossa intelectualidade, publicou inúmeros artigos, realizou várias conferências e escreveu muitos livros.

Mostrou, em todos os seus trabalhos, uma grande erudição, incentivada por marcante tendência de pesquisador.

Soube cultivar os efeitos que, para a humanidade, resultam das grandes vidas, das nobres ações e de elevados ideais.

Homem de inteligência, enriqueceu o espírito e a sensibilidade.

Sendo de uma índole tolerante, suave e cheia de compreensão, jamais disfarçou a firmeza de suas opiniões, numa sinceridade de gestos, atitudes e comportamento.

De rara cultura literária, histórica e filosófica.

Gostava das letras e da beleza que elas refletem, tinha o pendor da pesquisa e da História, e se deixava atrair na profundidade das idéias e do pensamento.

Era, também um bibliófilo. Adquiria e conservava carinhosamente livros ou documentos raros, muitos deles em primeira edição ou em edições preciosas, desaparecidas.

Tive oportunidade de ver muitas dessas valiosas obras em sua casa, no Rio de Janeiro, quando, com entusiasmo e alegria, me fez circular pela sua biblioteca, que ocupa todo um andar de sua residência, no Leblon.

A extraordinária ação intelectual desenvolvida naqueles setores, não sacrificou, nem diminuiu, a sua atividade como Ministro do Tribunal de Contas da Guanabara, em que sempre foi dos mais operosos e eficientes.

Era muito alto o seu conceito entre as Cortes de Contas do Brasil.

Nos Congressos Nacionais dessas Cortes, havia sempre a preocupação de render-se à sua simpática figura humana, honrarias consentâneas com o apreço a que fazia jus.

Deixou uma rica contribuição para a cultura e o pensamento brasileiros, com a sua presença, os seus estímulos, sua palavra, em vários documentos, a exemplo de: **Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia; História do Positivismo no Brasil; Dante e o Positivismo; Católicos e Positivistas; Perspectivas de Augusto Comte; Descartes: Época, Vida e Obra; Erasmo, a Renascença e o Humanismo; Tomás Morus e a Utopia; Lope de Vega; Benjamin Constant; Edmundo Lins; João Pinheiro, sua Formação Filosófica e seus Ideais; Três Abolicionistas Esquecidos — Benjamin Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes; Gonçalves de Magalhães; Ruiz de Alarcón; A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas; A Cultura e o Momento Internacional; O Humanismo e o Plano Nacional de Educação; Aspectos do Padre Antônio Vieira; A Santificação de Anchieta; Estudos Brasileiros; A Obra Educativa do General Rondon; A Concepção do Direito e da Felicidade perante a Moral Positiva; O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal à Luz da Escola de Augusto Comte**, vários estudos ainda, ora esgotados, ora inéditos, sobre Tomás Jefferson, José Bonifácio, Bergson, Francis Bacon e tantos outros.

De tudo, proponho ao Tribunal de Contas de Pernambuco, registrar, na ata de seus trabalhos, um voto de profundo pesar pelo falecimento de IVAN LINS, extensivo à Exma. Família, à Academia Brasileira de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao atual Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro.

(Palavras proferidas pelo Conselheiro Jarbas Maranhão, na sessão do dia 18 de junho de 1975, no Tribunal de Contas de Pernambuco).

IVAN LINS E O POSITIVISMO

Gustavo Capanema

O senador Gustavo Capanema pronunciou, no Senado, na sessão de 18 de junho deste ano, o seguinte discurso:

Venho dizer ao Senado uma palavra de profundo pesar pelo falecimento de Ivan Lins, brasileiro dos mais fulgurantes do nosso tempo, na inteligência e no saber.

Na breve duração deste discurso, não seria possível traçar o perfil da sua personalidade, nem muito menos definir a sua numerosa, complexa e onímoda obra de trabalhador intelectual, de professor e conferencista, de ensaísta e tratadista, nos domínios da história das idéias filosóficas e sociológicas e dos conhecimentos cinéticos e literários, difíceis domínios em que ele era não só mestre consumado, mas também polemista vigoroso e temido.

Tem-se dito, a propósito da sua morte, que Ivan Lins foi "o último positivista brasileiro".

Não me animo, senhores Senadores, a aderir a esse julgamento.

Em primeiro lugar, porque não é bem verdade que Ivan Lins tenha sido um positivista em toda a extensão da palavra.

Ele era discípulo intransigente das idéias fundamentais da filosofia de Augusto Comte. Sob este aspecto, filiava-se à gloriosa corrente dos brasileiros notáveis que estavam na vanguarda do pensamento e da ação que culminaram na fundação da República no Brasil. Ele era um dos continuadores dos ideais políticos e das diretrizes ideológicas de Benjamin Constant, de Miguel Lemos, de Teixeira Mendes, os três batalhadores, a que também se imanavam um Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, e um João Pinheiro, em Minas Gerais.

Conhecedor profundo de todo o sistema da filosofia positivista, nela Ivan Lins hauriu a diretriz e o método, com que passou a estudar todos os grandes temas que empolgavam o seu espírito e a escrever a

numerosa série de livros, de ensaios, de artigos, que formam a sua fascinante obra intelectual.

Positivista ele era neste sentido de fidelidade a um caminho, de constância num método de pesquisa que lhe parecia incontestável e inexaurível.

Não tenho dúvida de que, sob este aspecto, Ivan Lins não terá sido o último positivista do nosso País, porque bem certo é que as idéias básicas dessa diretriz em busca da verdade, com o nome de positivismo ou com outro, são idéias que constituem definitivas conquistas do espírito humano.

Mas positivista no sentido em que esta palavra ganhou maior voga, isto é, no sentido de adepto ou praticante de uma religião nova, a religião da humanidade, com os seus princípios, os seus dogmas os seus ritos, positivista nesse sentido sectário, Ivan Lins nunca foi.

Assim não podia ser, porque o espírito de Ivan Lins era de uma esfuziante modernidade. E depois porque o seco ateísmo é a idéia central da religião positivista.

Ivan Lins provinha de raízes católicas mineiras muito fortes e profundas. O seu pai, Edmundo Pereira Lens, era do Serro, cidade sagrada, cidade que edificou uma arquitetura católica barroca, que faz honra ao patrimônio artístico de Minas Gerais.

O velho Edmundo Lins tornou-se latinista sapientíssimo, conhecedor, como poucos, do direito romano, que ele ensinava na mais antiga Faculdade de Direito de Belo Horizonte, a única que lá existia na minha adolescência. Nessa época era um aluno do internato do Colégio Arnaldo, casa de ensino prestigiosa, dos padres da Congregação do Verbo Divino. Lá estavam, naquele severo reduto de catolicismo, entre os meus contemporâneos ou companheiros de classe, muitos jovens queridos, uns que fariam notável carreira, outros que cedo sucumbiram. Três deles eram Edmundo, Paulo e Ivan, filhos do então desembargador Edmundo Lins.

Quando, mais tarde, a família se mudou para o Rio de Janeiro, por motivo da nomeação do desembargador para ministro do Supremo Tribunal Federal, esses rapazes levariam, por certo, no fundo do coração, os acentos espirituais da tradição familiar e dos primórdios da educação.

Ivan Lins conta que, antes dos seus primeiros contatos com a filosofia positivista deixara o catolicismo, religião à qual não retornou, mas que lhe terá deixado acesos laivos de crença religiosa por certo inapagáveis.

Tão inapagáveis que, para as obras mestras que ele foi produzindo, pela vida, afora, escolheu, como temas centrais, um Dante, um Tomás de Aquino, um Tomás Morus, um Erasmo, um Antônio Vieira. Ele sentia atração irresistível por essas figuras, grandiosas, embriagadas da idéia de Deus. Um dos últimos trabalhos que Ivan Lins me mandou foram as suas palavras de fervorosa veneração, pronunciadas na Academia Brasileira de Letras, em homenagem ao Cardeal Tisserant, que acabava de falecer.

Desfaçamos, pois, a idéia de que Ivan Lins terá sido “o último positivista brasileiro”.

Positivista ortodoxo, representativo, ele nunca foi. E positivista, no sentido filosófico, que ele timbrou em ser, certamente não terá sido o último, pois quantos, entre nós, haverá de ainda vir.

Todo grande homem é um milagre, é um raro presente de Deus. O seu desaparecimento é perda irreparável, pois não podemos saber se outro virá, que lhe equivalha. A nação, que o perde, haverá de cobrir-se de luto. Se ousar falar nesta tarde, é para envolver o Senado Federal neste luto do Brasil.

(Estado de Minas de 3-7-75)

COLABORAÇÃO ESPECIAL

IVAN LINS

(Especial para o "Correio do Povo")

Mozart Pereira Soares

Está de luto a cultura brasileira. Aos 71 anos, e no apogeu da criatividade falece, no Rio de Janeiro, Ivan Lins, uma das mais ricas expressões de nossa história intelectual. Adepto do Positivismo, durante meio século de sua existência afanosa, entregou-se à difusão da doutrina do Mestre de Montpellier, em obras que vão de sua Filosofia e de seu pensamento político, às prédicas regeneradoras com que sonhava unificar socialmente a família humana.

O alto saber, a firmeza de suas convicções e a dignidade nas atitudes, granjearam-lhe um justo respeito entre todas as correntes de idéias, não obstante o sentido polêmico de seus trabalhos. Todavia, é preciso dizer-se que, embora fiel ao roteiro mental de Augusto Comte, não foi dele um discípulo ortodoxo, no que tange à Religião da Humanidade, tal como preconizavam seus prosélitos brasileiros Miguel Lemos, Teixeira Mendes e seus sucessores da Delegação Executiva da Igreja Positivista do Rio de Janeiro. Com eles chegou mesmo a desentender-se, conforme registra na "História do Positivismo no Brasil", obra mestra sobre a influência da doutrina de Comte em nossa evolução. Não se pense, com isso que, à maneira de tantos simpatizantes intelectuais do Positivismo, Ivan Lins aceitasse apenas a parte filosófica e rejeitasse a religiosa, que é sua verdadeira resultante, e realmente a mais significativa, sem a qual a primeira seria mera curiosidade, sem sentido moral. O que Ivan Lins desejava, era um Positivismo mais atuante, fora da catacumba em que entendia que ele se refugiava, sem participar dos amplos debates de nosso tempo, na Imprensa, na Cátedra, no Parlamento, em todos os quadrantes da vida, enfim.

Sua primeira intervenção pública a favor da Religião Demonstrável, foi justamente propondo a retomada do tema "aliança religiosa"

entre Católicos e Positivistas, sonhada por Augusto Comte, que chegou a intentá-la, enviando a Sua Santidade, o Papa, uma emissário, portador de suas obras. Do mesmo modo, Ivan Lins, ao remeter a Alceu Amoroso Lima seu livro sobre Benjamin Constant ponderou que, se algum favor pudesse merecer do ilustre pensador católico, desejava fosse no sentido de se fazer algo pela aludida aliança. Amoroso Lima rebateu a idéia, pela Imprensa, numa série de artigos intitulados "Non possumus..." que determinaram, por sua vez, a tréplica de Ivan Lins. Este reuniu, mais tarde, toda a discussão no interessante folheto **Católicos e Positivistas** e viveu bastante para sentir a ação direta de João XXIII em pról do Ecumenismo.

Impossível reduzir a poucas linhas o acervo com que Ivan Lins enriqueceu a bibliografia nacional. Leitor infantigável, dominando várias línguas modernas e especialmente o latim, aprendido desde tenra infância, percorreu toda a História do pensamento humano, em suas fontes clássicas. Disso resultaram obras magistrais, indispensáveis para a formação de um espírito moderno. Aí estão **Escolas Filosóficas**, primor expositivo de um elto talento didático, a reduzir a precisão e simplicidade o cipoal dos sistemas, em que tantos se emaranham, ou essa formosa visão de um dos períodos mais fecundos e injustiçados da evolução ocidental em **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**. Ao escrever sobre os pensadores representativos de vários momentos históricos, nos deixou magníficos painéis sobre o meio e a época em que viveram, como nos atestam **Erasmus, Thomaz Morus e a Utopia** ou **Descartes, Vida, Época e Obra** em que examina o alvorecer da Filosofia moderna. Em **Aspectos do Padre Antônio Vieira** o grande sermonista da língua nos aperece num retrato de corpo inteiro, protetor dos índios do Brasil, defensor dos escravos, ou batendo-se pela liberdade dos judeus quanto ao batismo, argumentando que seria preferível tê-los declaradamente contrário, do que veladamente inimigos, atitude que lhe valeu uma hospedagem por dois anos junto ao Tribunal de Santa Inquisição...

Ocupante da cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras, foi um dos membros mais ativos da Casa de Machado de Assis.

Nutrido especial admiração pelo nosso Estado, talvez devido à influência que o Positivismo exerceu entre nós, correspondia-se com grande número de conterrâneos nossos, políticos e intelectuais. Por duas vezes nos visitou, aqui proferiu ciclos de conferências e foi, por muitos anos, um dos grandes colaboradores deste jornal. Nossa Academia de Letras, pela primeira e, até agora única vez, em sua trajetória de 70 anos, conferiu-lhe o título de Sócio Honorário, condição em que se fez ardoroso porta-voz dos escritores desta Província, via de regra tão pouco difundidos no Centro do País.

(**Correio do Povo** de Porto Alegre de 20-6-75)

A NOSSA SAUDADE

Roberto Fontes Gomes

Se não é bastante nascer para ser homem, pois, para o homem o nascimento não é outra coisa que o início de um longo e laborioso aprendizado, cujo desenvolvimento depende dele mesmo, do fim que ele se propõe, dos esforços que empreende, então bendito sejam os que fizeram da vida um paradigma de energia e de fé.

Quase ao mesmo tempo, pois tudo aconteceu com diferença de dias, este colunista sofreu dois rudes golpes, duas perdas, dois amigos que tomaram na luta desgastante do cotidiano: Ivan Lins e Décio Ferraz Alvim.

Tanto um como outro, cada um a seu modo, perseguiu a sua Verdade, procurando sempre dar o melhor do seu apoio e do seu estímulo aos iniciados e inexperientes.

Ivan Lins faleceu no Rio, aos 71 anos. Seu corpo foi velado no salão da Academia Brasileira de Letras, à qual pertencia desde 1958.

Ivan Monteiro de Barros Lins nasceu em Belo Horizonte, em 1904. Tornou-se conhecido literalmente a partir de 1937, quando enviou uma carta aberta a Tristão de Athayde, subordinada ao título **Católicos e Positivistas**.

Ivan Lins foi autor de obras de grande importância para o estudo da História da Civilização: **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas, História do Positivismo no Brasil, Aspectos do Padre Antônio Vieira, Tomás Morus e a Utopia, A Cultura e o Momento Internacional**, entre muitas outras já há muito esgotadas.

Ivan Lins manteve até o fim uma linha de absoluta coerência filosófica. Sua obra se reveste da importância necessária para atravessar o tempo. Em qualquer dos seus livros nota-se nele um interessado pelas grandes questões do espírito. Os positivistas, dentro do sistema criado por Augusto Comte, estão seguros da sua Verdade. Também Ivan Lins, que lutou por ela até a morte.

Culto e nobre, reservando sempre tempo para uma resposta atenciosa às inúmeras cartas que recebia regularmente, nunca foi sem emoção que a emitiu, preocupado nunca magoar o seu consulente com algum conselho ou orientação.

Revelou-se sempre humilde diante dos alevantados feitos da humanidade, afirmando que a anarquia mental e moral porque o mundo atravessa só pode ser salva pela filosofia construída por Comte, a "filosofia da justiça e da paz entre os homens".

"Querer é poder" — diz o refrão.

Décio Ferraz Alvim fez do refrão uma bandeira. Tudo que teve foi resultado da sua tenacidade.

Disse-me ele, certa vez, que sempre sentiu grande desejo de poder dizer duas palavras nas reuniões a que costumava comparecer, poder fazer uma comunicação, defender um ponto de vista. Porém, sempre sentiu todas as inibições que ocorrem em tais circunstâncias. Assim, propôs ao professor Benjamin Hunnicut, a fundação de um Curso de Oratória. Os resultados foram os melhores possíveis. Tão bons, que não só o próprio Décio venceu a inibição e passou a falar com desembaraço, como também criou um sistema original, todo seu, de ensinar a falar em público.

Colaborador deste jornal durante certa época, soube fazer aqui sólidas amizades. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da mesma Universidade, publicou livros sobre assuntos sociais e científicos, sendo que recebeu até hoje maior número de edições o livro de título **Nobre arte de falar em público e desenvolvimento pessoal**.

A Gazeta (S. Paulo) de 21-6-75

IVAN LINS

Paulo da Silveira Santos

O recente falecimento do acadêmico Ivan Lins causou funda repercussão nos meios intelectuais do País, em cujos centros culturais o preclaro escritor, sociólogo e conferencista, possuía verdadeira legião de amigos e admiradores.

Ainda no ano passado, ao completar 70 anos de idade, quando por força da compulsória deixou o cargo de ministro do Tribunal de Contas da Guanabara, que vinha brilhantemente exercendo há mais de 30 anos, foi ele alvo das mais expressivas homenagens. O presidente e os demais membros do Tribunal e bem assim seus confrades da Academia Brasileira de Letras, em sessões solenes, enalteceram, com justiça, a vida e a obra considerável, do mestre eminente. Foi uma verdadeira consagração.

A Revista da Academia, número correspondente ao 1º semestre de 1974, há pouco editada, publicou todos os discursos proferidos nessa ocasião e os agradecimentos do homenageado. Desse volume, Ivan Lins teve a bondade de enviar-me um exemplar e, como sempre, com aquelas palavras tão generosas com que me oferecia os seus trabalhos.

Com a Revista, veio a carta datada de 26 de maio p. findo, na qual o primoroso escritor dizia achar-se sobremodo enfermo. Em companhia de sua dedicada esposa, d. Sofia B. Carneiro Lins, estivera durante aquele mês de maio numa temporada em Labari, estação balneária de sua predileção. Entretanto, desta vez, além do emagrecimento repentino, sentiu que seus males se agravaram, teve problemas de glicose e colesterol, e precisou regressar com d. Sofia, para o Rio.

Acrescentou que pretendia tentar uma cura, talvez em Guarapari, para onde esperava viajar logo que se sentisse mais forte. Foi a última carta que me escreveu. Dias depois, quando a recebi, telefonei para sua residência e então soube, por um de seus filhos que o ilustre en-

fermo se achava internado num hospital em Botafogo, e seu estado inspirava cuidados.

Uma semana depois, seu filho, dr. Edmundo, comunicava-nos a dolorosa notícia do falecimento.

Está claro que apenas objetivamente desapareceu de nosso convívio o prezado correligionário e amigo porquanto ele continua vivo e presente, e assim continuará pelos tempos afora, através de seus luminosos trabalhos.

Meu pai, que era republicano histórico e positivista, fora companheiro e amigo do ministro Edmundo Lins, grande cultura, notável jurista, genitor de Ivan Lins. Daí os velhos laços de amizade que uniam nossas famílias. Fui conhecer pessoalmente Ivan Lins, no Rio, em 1934, durante uma conferência que outro brilhante escritor e conferencista, o Embaixador dr. Paulo Carneiro, cunhado de Ivan Lins, realizou no auditório da Biblioteca Nacional.

Naquela ocasião contava Ivan 30 anos de idade, mas possuía já a cabeleira completamente branca. Desde a mocidade perfilhou a corrente filosófica de Augusto Comte, de modo que os primorosos trabalhos que escreve foram sempre norteados pela diretriz do mestre de Montpellier, fundador da sociologia.

O positivismo, além de lhe transmitir uma concepção da vida, baseada em rígidos valores morais, conferiu-lhe severa disciplina para o estudo metódico e sistemático. Conforme ele mesmo declarava, foi em Comte que se inspirou. E assim, a monumental **História do Positivismo no Brasil**, como também **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas** e os seus estudos sobre Dante, Lope de Vega, Erasmo de Roterdam, Tomás Morus, à esplêndida apreciação sobre o Padre Vieira, como em todos os seus admiráveis ensaios, há sempre a beleza do estilo literário, focalizando os grandes vultos e os acontecimentos épicos da Humanidade, apresentados através de sua incomparável visão sociológica. Devo também mencionar **Perspectivas de Augusto Comte** e o livro mais recente, **Estudos Brasileiros** em que reuniu diversas conferências.

Conferencista erudito, dotado de sólida cultura, afora os inúmeros cursos que prelecionou no Rio, realizou palestras em São Paulo, em Porto Alegre e Curitiba e no norte do País. Na Europa participou do Congresso Mundial de Filosofia, e em Lisboa representou a Academia Brasileira nas homenagens centenárias de Bocage. Em 1970, após um ciclo de palestras que realizou em Santos, proferiu uma conferência aqui em Campinas.

Seu repentino desaparecimento, quando se achava em plena atividade intelectual, veio também privar-se da convivência com o incomparável correligionário e amigo, tão simples e tão generoso, dotado daquela finura de trato, com que sabia encantar a todos.

Com estas linhas, presto minha homenagem de saudade, ao inesquecível mestre.

Correio Popular (Campinas) de 20-6-75

O HOMEM

Sonia Gorgulho

Com a morte do escritor Ivan Lins, ocorrida recentemente, perdeu a Academia Brasileira de Letras um dos seus mais ilustres membros, e a cultura brasileira um dos seus valores exponenciais.

Se a cultura representa, na vida das comunidades humanas, um fator da mais alta valia, não pode deixar de reconhecer a grandiosidade dos que souberam enaltece-la, dos que souberam cultivá-la e contribuir para a formação de uma consciência coletiva capaz de discernir os valores que se impõem ao apreço de governantes e governados.

Tendo sido um fervoroso adepto da filosofia positiva, conhecedor profundo do sistema criado por Augusto Comte, não se cansava de exaltar o que vislumbrava de grande nessa filosofia; de por em relevo o que lhe parecia sublime. Definindo o que é ser um homem, segundo a filosofia positiva, o escritor teve oportunidade de elaborar notável trabalho, que foi publicado pela imprensa. Homenageando a memória de Ivan Lins, vamos reproduzir a bela página em que definiu o que dá a medida da grandeza do homem:

Ser um homem é ter inteligência aberta e cultivada o coração leal e voltado para o alto; é defender altivamente sua dignidade pessoal e preencher seus deveres para com a família, a pátria e a humanidade; é respeitar sua palavra e mostrar-se fiel a seus compromissos; é cultivar a amizade e a solidariedade para com seus semelhantes; é elevar-se incessantemente, desprendendo-se da animalidade, que sobre ele pesa como verdadeiro pecado original, tornando-se dia a dia mais humano; é cultivar o belo e verdadeiro, o bom; é colocar, acima de tudo, a firmeza da alma, a moderação dos desejos, a sabedoria do proceder: é desprezar a covardia e a baixaza; é votar um ódio sem limites à mentira feliz e à iniquidade triunfante; é viver com simplicidade, desmascarando a hipocrisia e apoiando os homens de bem e as almas generosas, que sabem superar o seu próprio Eu e conseguem viver para os outros — a família, a pátria e a humanidade.

(A Verdade de Lambari (M.G.) de 27-7-75)

IVAN LINS

Dario Abranches Viotti

Recebi um impacto como se se tratasse de uma pessoa de minha família. Foi enterrado Ivan Lins, uma das pessoas mais admiráveis que conheci. Estive, nos últimos dias, relendo livros seus e falando sobre sua vida. Tantas vezes me ocorre pensar intensamente em alguém que está morrendo! Pensei mesmo em sua frágil saúde e na lamentável possibilidade de sua morte próxima. Elogiei a alta qualidade literária de seus livros, de tão agradável leitura: a ordem, a clareza, a elegância, revestindo a riquíssima substância intelectual. Clássico pelo estilo e pelos fundamentos de sua cultura, atingiu em suas obras o ideal de Vieira: As palavras devem ser como as estrelas, muito distintas e muito claras; o estilo pode ser "tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem".

Ler Ivan Lins é ler ao mesmo tempo muitos dos maiores escritores de todos os tempos, citados escrupulosamente nas palavras originais ou em traduções exatas, com indicação precisa das fontes.

Ao estudar a primeira edição de sua obra-prima sobre a Idade Média, admirei-me de que aquele monumento e erudição fosse escrito aos 34 anos de idade. E perguntei como fora possível, nessa idade, acumular tamanhos conhecimentos! Respondeu-me que, como asmático, impossibilitado desde a infância de muitas atividades físicas, lera, antes de atingir a maioridade, a biblioteca latina do pai, que possuía todos os grandes clássicos da literatura da antiga Roma. Preso em casa pela moléstia, aprendeu latim na adolescência com o próprio pai. Extraiu portanto, de uma deficiência física, a sua grandeza intelectual.

Certo é que nascera numa família extraordinária. Um Lins de Pernambuco, de ascendência germânica e indígena, lutou na Guerra da Cisplatina. Um companheiro de luta, natural de Minas, antes de uma batalha, lhe entregou um papel com o nome e o endereço da própria esposa, residente no Serro Frio, em Minas. E pediu que, se ele viesse

a falecer na guerra, o amigo pernambucano protegesse a viúva. O mineiro morreu, Lins, em paga de seus serviços, pediu e obteve um cartório no Serro. Lá chegando, procurou a viúva e narrou a promessa que havia feito. E acrescentou: "O único meio que um homem solteiro tem de proteger uma viúva honesta é casar-se com ela". Foi aceito. E assim começou o ramo mineiro dos Lins, que tantos homens ilustres havia de produzir. A grandeza desta família foi forjada no sofrimento. O tabelião morreu alguns anos depois e sua mulher ficou inválida. Edmundo Lins, seu neto, conta, em suas Reminiscências, que era uma criança paupérrima. Começou trabalhando numa oficina de ourives e de ferreiro e chegou a ser um dos grandes juizes do Brasil. Uma das mais respeitadas figuras que passaram pela Presidência do Supremo Tribunal Federal. Ivan foi filho do segundo casamento de Edmundo, com uma senhora Monteiro de Barros. Dario Lins, sobrinho de Edmundo e notável Desembargador do Tribunal de Minas, residia, quando menor e estudante, em casa dos tios. E me disse que nunca percebeu que a mãe de Ivan tivesse feito, uma única vez, a menor diferença no tratamento que dava aos filhos e ao sobrinho.

Essa origem explica a finura de maneiras, a inteireza de caráter, o apreço pela cultura que contribuíram para fazer de Ivan Lins um grande homem.

Em sua própria aparência se manifestava o homem superior que ele foi. Tinha a expressão da harmonia interior, da limpeza moral, da nobreza de sangue e de atitudes. Velho belíssimo, de cabeleira inteiramente branca, pele lisa e rosada, feições de grego, sua presença era capaz de impor o respeito ao mais irreverente dos revoltados.

Há dias eu estava procurando, nos seus livros, uma citação de Vasari, que supunha ter lido num deles. A arte moderna, escreveu esse homem da Renascença, nasceu no momento em que se colocou um pouco de bondade nas cabeças.

Realmente, comparando as esculturas gregas e romanas com as obras de arte posteriores à Idade Média, notei, com a força da evidência, que o sentimento que animava os homens, após a impregnação cristã, não era o mesmo que os escultores gregos romanos fixaram na pedra para todo o sempre.

Ivan Lins era uma figura grega com expressão cristã.

Ele que deixara de ser cristão nas convicções!

Merecia que se lhe aplicasse o texto que dedicou ao próprio pai: Incorporou-se àquele Invisível Coro, a que alude George Eliot, formado de mortos que ressuscitam em ânimos por eles melhorados e vivem num pulsar só dirigido e generosos fins, em nobres feitos de honrada retitude e em remontado vôo de sublimes e claros pensamentos, que da noite os negrumes atravessam quais se fossem estrelas resplendentes, e cujo reluzir, constante e brando, a mais dignos e vastos horizontes incita sem cessar a busca humana, a encher o mundo de imorredoura música soante.

(Esquina, órgão do Centro de Ensino Unificado de Brasília, agosto de 1975)

IVAN LINS

Odilon Nogueira de Matos

Ao deparar, nos jornais de terça-feira última, com a notícia do falecimento de Ivan Lins, ocorrida no Rio de Janeiro, a sensação que experimentei foi a de um vazio no panorama cultural brasileiro. O grande ensaísta e historiador que desaparece aos setenta e um anos de idade, era uma autêntica figura de intelectual, tomada esta palavra no seu mais amplo sentido, homem sempre voltado para as coisas do espírito e da cultura, exemplo magnífico de dedicação e de probidade, traços que soube imprimir a tudo quanto escrevia ou falava. Estilista de mão cheia, polemista vigoroso quando precisava sê-lo, nunca fez, todavia de sua cultura apanágio para promoções pessoais ou satisfações a grupos ou correntes. Por isso mesmo sua personalidade invulgar impunha respeito mesmo aos que não comungassem com suas opiniões. E por tudo isso é que a lacuna que sua morte ocasionou não vai ser tão facilmente sanada. Homens autênticos como ele, infelizmente, não existem muitos. Sua formação positivista, da qual, entretanto, não fazia alarde certamente explicará muitos dos traços de sua individualidade tão marcante.

Nosso relacionamento pessoal foi mínimo. A bem dizer, só tive o privilégio de encontrá-lo em duas ocasiões: a primeira, numa livraria da rua São José, no Rio de Janeiro (e conosco estava o saudoso Luís Washington Vita) e a segunda, numa das suas conferências proferidas na Academia Paulista de Letras, cinco ou seis anos depois. Mas, se apenas por duas vezes o vi, freqüentemente com ele me correspondia. Guardo em meu arquivo algumas de suas preciosas cartas, quase sempre motivadas por notas que publicava, aqui ou em São Paulo, sobre livros de sua autoria. Uma das últimas, versava sobre o Padre Antônio Vieira, figura pelo qual Ivan Lins tinha especial fascinação. Não se conformando com o fato de haver publicado na **Notícia Bibliográfica e Histórica** um texto de João Francisco Lis-

boa sobre o grande jesuíta, e que Ivan Lins considerou demais tendencioso, enviou-me um longo comentário, verdadeira réplica ao historiador maranhense, que fiz publicar em um dos números seguintes da minha revista.

Devo confessar — e o faço com imenso orgulho! — que Ivan Lins foi sempre um entusiasta da **Notícia Bibliográfica e Histórica**. Foi dele que ouvi uma das frases mais estimulantes acerca de meu trabalho. Da última vez em que nos encontramos, mostrei-me receoso de que circunstâncias adversas conspirassem contra a **Notícia Bibliográfica** e eu não tivesse outra coisa a fazer senão interromper sua publicação. Naquele momento, a revista andava pela altura do número 50. Ivan Lins teve para comigo uma frase que jamais poderei esquecer e que me pôs em brios: “Meu caro professor Odilon: uma revista que chega ao número 50 não pode morrer. Revista que tem de morrer, morre logo no segundo ou no terceiro número quando não morre logo do primeiro”. Hoje, que a **Notícia**, graças à compreensão da Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, já se aproxima do número 70, a frase de Ivan Lins tem para mim uma profunda significação. E é para ela que eu apelo, cada vez que o horizonte se turba.

Cada vez que publicava um comentário, por simples que fosse, a livro ou opúsculo de Ivan Lins, era certo daí a alguns dias receber uma carta transbordante daquela cortesia tão sua, insistindo para que eu o visitasse na primeira oportunidade em que fosse ao Rio, ensejo este que, infelizmente, nunca me foi propiciado. Não tive, pois, o privilégio de conhecer seu lar, notadamente sua valiosa biblioteca, sobre a qual colhi depoimentos de várias pessoas, nesse ponto mais felizes que eu, como Raul de Andrade e Silva, Licurgo de Castro Santos Filho ou o saudoso Luís Washington Vita, que, todos eles, privaram da convivência do grande ensaísta que o Brasil vem de perder.

Tendo a quem sair, pois era filho de Edmundo Lins, uma das mais altas glórias da magistratura brasileira, Ivan Lins nasceu em Belo Horizonte em 1904. Diplomou-se em medicina, mas foi como escritor que se realizou, quando, em 1937, tornou-se conhecido pela série de conferências que proferiu na Academia Brasileira de Letras e que vieram a constituir seu livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**, na qual nos oferece magnífica visão positiva da era medieval. Aliás, já lembrei em outra oportunidade, comentando um trabalho de Ivan Lins, que foi Augusto Comte quem, em plena, era cientificista do século XIX, lançou as bases para a uma revalorização da Idade Média. O discípulo não fez senão sair ao mestre.

Sua obra prosseguiu: **Tomás Morus e a Utopia**, **Descartes: época, vida e obra**, **Aspectos do Padre Antônio Vieira**, **Perspectivas de Augusto Comte**, **Erasmus, a Renascença e o Humanismo**, **História do Positivismo no Brasil**, além de numerosos opúsculos contendo conferências proferidas em diversas cidades do Brasil. Com a **História do Positivismo no Brasil** vinculou definitivamente seu nome à historiografia brasileira, trata-se, sem dúvida, de um dos maiores monu-

mentos de nossas letras históricas. Vários outros trabalhos Ivan Lins anunciava em seus livros. Não sei se os completou e se algum dia virão a lume. Mas o que nos deixou é suficiente para aquilatar de seu interesse pelas coisas da cultura, essa cultura que foi, praticamente, o fio condutor de sua vida. Sua produção merece uma análise que escapa, é óbvio, aos limites desta simples nota, que nada mais é que uma homenagem à sua memória. Mas essa análise deverá ser feita para que ela possa ser devidamente situada no panorama da cultura de nosso país. Pertencia à Academia Brasileira de Letras para a qual fora eleito a fim de ocupar a vaga deixada por Afonso de Taunay.

(Correio Popular, Campinas, de 20-6-1975)

A ALMA DOS LIVROS
O HUMANISTA IVAN LINS

Oscar Mendes

Pertencia a uma espécie hoje rara e em via de extinção no campo cultural esse Ivan Monteiro de Barros Lins, que a morte recentemente arrebatou, após breve enfermidade. Nasceu em Belo Horizonte, de uma família numerosa e ilustre de juristas e advogados, filho daquele Edmundo Lins, também grande humanista e que espelha como estrela de primeira grandeza nos anais do Supremo Tribunal Federal e das letras jurídicas brasileiras. Não seguiu a tradição familiar de cultores do Direito. Formou-se em medicina, mas pouco praticou na sua profissão. Outro setor o atraía: o das letras, o da erudição. Atraído pelas idéias do filósofo francês Augusto Comte, tornou-se positivista e a rigorosa organização mental da filosofia positivista, bem cedo lhe orientou e educou o espírito para a pesquisa, para o estudo comparativo, para os largos painéis culturais. Os estudos sociológicos logo o atraíram. Aliás, sua tese doutoral em medicina, se não me engano, versou sobre tema social: **O Crime, o Criminoso e a Responsabilidade Penal à Luz da Escola de Augusto Comte.**

Seguindo o exemplo paterno, o estudo das línguas clássicas iria conformar definitivamente a natureza de seus estudos e pesquisas. Se veio a desempenhar funções públicas como a de ministro do Tribunal de Contas do Estado, seus lazes foram todos dedicados ao estudo e à pesquisa. Se o movimento das idéias filosóficas universais fazia-o escrever um livro como **Escolas Filosóficas ou Introdução ao Estudo da Filosofia**, os grandes nomes da literatura ocidental atraíam-lhe a curiosidade insaciável. É assim que no rol de seus estudos vamos encontrar os que dedicou a Dante, Lope de Vega, Erasmo, Tho-

mas Morus, Descartes, Ruiz de Alarcon, Gôngora e mais recentemente a conferência que proferiu na Academia Brasileira de Letras, ao comemorar naquele sodalício o sétimo centenário da morte de Santo Tomás de Aquino.

No campo da cultura brasileira assinalam-se seus trabalhos a respeito de José de Anchieta, Benjamin Constant, José Bonifácio, o Velho, Adelino Fontoura, Luís Murat, Martins Fontes e especialmente os referentes a Domingos José Gonçalves de Magalhães e Afonso de Taunay. Sobre todos, porém, ressalta o seu excelente estudo **Aspectos do Padre Antônio Vieira**, em que a figura do genial jesuíta luso-brasileiro é analisada nas suas múltiplas facetas, reivindicando-lhe o lugar que merece em nossa literatura e que lhe fora negado pelas críticas sectárias de Romero e Veríssimo. Obra clássica sobre o assunto, recentemente apresentou-a sob forma didática para os estudantes brasileiros.

Embora positivista, nunca deixou, como já o fizera o próprio Augusto Comte, de admirar a organização da Igreja Católica. Famoso é seu livro **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**, que ressaltados certos pontos de vista pessoais do autor, é dos melhores livros sobre o assunto. Outra obra monumental é a sua **História do Positivismo no Brasil**, em que suas virtudes de pesquisador incansável se dão prazo para erigir o mais completo estudo da influência positivista na vida cultural e política do País. Numerosas obras inéditas sobre os mais diversos assuntos e figuras intelectuais deixou ele já prontas para publicação.

Quando completou setenta anos, escrevi nesta mesma seção: "Dezenas de obras e opúsculos tratando dos mais variados temas no campo da filosofia, da história, da sociologia, da literatura, do direito, da ciência, da arte, da religião, atestam o que tem sido essa extraordinária vocação de escritor na formação de um cabedal intelectual que enriquece sobreposse a cultura brasileira. Porque no seu caso não se trata de um polígrafo a mais, atacado do "furor scribendi", mas de alguém que tem algo a dizer, comentar, a comparar, a transmitir, com proveito do leitor.

Se tão rica foi a sua personalidade intelectual, não menos opulenta foi sua figura humana, quer na vida pública quer na particular. Os que tiveram a ventura de com ele conviver, foram beneficiários dos tesouros de amizade, de admiração e de dedicação que ele esparzia com mão pródiga e coração irradiante de calor humano. Contando-me como tive a honra de contar-me entre os que se beneficiaram com as dádivas de saber e de amizade dessa fértil inteligência e desse generoso coração presto com estas palavras a homenagem de minha admiração, de minha gratidão e de minha saudade a esse mineiro em cuja personalidade se apuraram as virtudes intelectuais e morais de sua terra e de sua gente.

(Estado de Minas, de 9-7-75)

UMA VIDA INTEIRA DE AMOR À CULTURA

Roberto Fontes Gomes

Ivan Monteiro de Barros Lins nasceu em Belo Horizonte aos 16 de abril de 1904. Iniciou os estudos em sua cidade natal, terminando-os no Rio de Janeiro, em cuja Universidade se doutorou em Medicina. Lecionou Latim e História no Colégio D. Pedro II e História da Filosofia na Faculdade de Direito.

Tornou-se conhecido nos meios intelectuais a partir de 1937, quando escreveu, com o título de **Católicos e Positivistas**, uma carta-aberta a Tristão de Athayde. E tornou-se nome nacional quando pronunciou uma série de conferências sobre **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**.

Ivan Lins ocupou a cadeira Nº 1 da Academia Brasileira de Letras, na vaga do historiador Afonso de Taunay, em 1958.

Se há alguém que pôs a vida à serviço inteiramente dos mais elevados interesses do espírito este alguém foi Ivan Lins. Contestado muitas vezes, respeitado sempre, ele fica como um marco na História da Cultura Brasileira, através de suas obras, todas muito profundas e muito lidas.

Ministro do Tribunal de Contas, positivista desde a mocidade, historiador de idéias filosóficas e sociológicas, tão vasta obra de interpretação e divulgação. Manteve correspondência regular com os maiores nomes da cultura nacional e internacional, cartas essas que, divulgadas ao grande público, prestariam certamente um serviço de incomparável valor à pesquisa literária e sociológica, a exemplo do que foi feito com a publicação em livro das belíssimas cartas trocadas entre Ivan Lins e Martins Fontes, quando este escreveu a sua obra de adesão ao positivismo: **Nos jardins de Augusto Comte**.

Ivan Lins, humanista de raro saber, autor de **Tomás Morus e a Utopia**, **Aspectos do Padre Antônio Vieira e História do Positivismo no Brasil**, além de sua obra monumental intitulada **A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas**, tem assegurada uma posição de grande destaque entre os principais nomes da inteligência nacional.

(A Gazeta (SP), de 6-8-75)

O AMIGO

Paulo da Silveira Santos

Ao completar, no ano passado, 70 anos de idade, deixou Ivan Lins, por força da compulsória, o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas da Guanabara. Recebeu, então, as mais expressivas homenagens. Os seus pares do Tribunal, como os da Academia Brasileira de Letras em sessões solenes enaltecera, com justeza, a vida e a obra considerável do mestre, ressaltando sua atuação marcante, quer naquela Corte, quer nas letras nacionais.

A **Revista da Academia Brasileira de Letras**, editada neste ano, publicou os discursos proferidos nessa ocasião e os agradecimentos do homenageado. Desse volume Ivan Lins teve a bondade de enviar-me um exemplar e, como sempre, com as palavras tão generosas, com que me oferecia os seus trabalhos.

Escreveu-me também, a 26 de maio p. findo, dizendo achar-se sobremodo enfermo. Quando telefonei para sua residência, seu filho, Dr. Edmundo, informou-me que Ivan Lins se achava em tratamento numa Casa de Saúde, e seu estado inspirava cuidados. Dias depois, comunicava-nos o falecimento do ilustre escritor.

Meu pai, que era republicano histórico e positivista, foi muito amigo do ministro Edmundo Lins, grande cultura, notável jurista, genitor de Ivan Lins. Daí os velhos laços afetivos, que uniam nossas famílias. Quanto a Ivan, fui conhecê-lo pessoalmente no Rio, em 1934, e a seguir, mantivemos assídua correspondência.

Desde a mocidade perfilhou Ivan Lins a corrente filosófica de Augusto Comte, de que, foi, entre nós, um dos maiores adeptos. E assim, sua monumental **História do Positivismo no Brasil** como também **A Idade Média**, **as Cruzadas** e **a Cavalaria** e os admiráveis estudos sobre Dante, Lope de Vega, Erasmo de Roterdã, Tomás Morus, e a esplêndida apreciação sobre o Padre Vieira, como em todos os seus ensaios, há sempre a beleza do estilo literário focalizando os

grandes vultos e os acontecimentos épicos da Humanidade, através de sua incomparável visão sociológica.

Como observou o acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco, era Ivan Lins um dos raros e autênticos humanistas de nossa geração. Sua obra é uma obra de difusão da cultura, da ciência, da literatura. Ele perlustrou a História, inspirado em Comte, transformando-se num dos mais doutos pensadores do Brasil.

Assim foi realmente. Por isso, seu desaparecimento, quando se achava em intensa atividade intelectual, publicando livros e proferindo conferências, veio comover-nos profundamente. Entretanto, apenas objetivamente desapareceu Ivan Lins, porque ele continua presente e atuante, a ensinar-nos através de suas obras imortais.

(A Gazeta, SP, de 6-8-75)

CONCEITOS SOBRE IVAN LINS

O SOCIÓLOGO

A restauração que Ivan Lins promove, falando evocativamente da Idade Média nos enche a alma de gratidão, porque é justiça que rende a grande tempo e grandes instituições humanas. Só um sábio poderia tentar o assunto: nenhum dos nossos, pelo humanismo herdado, pela educação positiva, pela fé na cultura e na civilização, poderia fazê-lo melhor.

Falar da Idade Média com a erudição de um humanista, com a piedade de um religioso, com a bravura de um cavaleiro ou cruzado, é obra, por todos os títulos meritória, essa de Ivan Lins que fez do seu talento e de sua sabedoria divulgação educativa para as massas e, o que é mais, para os mesmos cultos a quem ele afina e aprimora, nos sentimentos e nas idéias.

O LATINISTA

Francisco de Assis Barbosa

Ivan Lins como que nasceu predestinado a se tornar um humanista. Um dos nossos raros humanistas! Seu pai, o grande juiz Edmundo Lins, era insigne latinista. Quando presidiu o Supremo Tribunal Federal e ali recebeu o Cardeal Pacelli, a todos surpreendeu conversando em latim longamente com o futuro Pio XII.

Discípulo de tal mestre, que sempre dedicara especial atenção à educação e formação moral dos filhos, pode-se dizer que Ivan Lins aprendeu latim em casa, como quem bebe leite, recebendo, ainda na infância, por influência sem dúvida do ambiente familiar, o gosto pelas letras clássicas.

A contrário de muitos, que voam pela rama dos assuntos, Ivan Lins acostumou-se a descer ao fundo das questões que debate, não apenas com erudição invulgar, mas com a arte de um verdadeiro escritor.

O TRIBUNO
Vieira de Mello

Inteligência muito lúcida, muito informada e curiosa, a de Ivan Lins desborda, a cada passo, do padrão comteano de valores em que se quis enquadrar, para dar-se um fio condutor no debate da vida.

Discreto, moderado nos termos de colocar as suas questões, copioso e seguro nas fontes capazes de estrear a sua dialética, Ivan Lins elevou as suas conferências (todas profundas e muito pesquisadas) a uma dignidade jamais atingida entre nós.

O sucesso dessas homilias modernas abriu grande crédito à inteligência carioca, crédito bem maior do que o necessário ao público. . .

O PENSADOR
Henrique L. Alves

Homem de uma cultura vasta, pensador e humanista, foi um consciente de sua presença no panorama da cultura brasileira. Deu tudo de si para impor uma posição de destaque na árdua tarefa de rever e reavaliar a importância de filósofos, poetas e escritores do Renascimento. Procurou em artigos, ensaios, conferências e entrevistas relevar aspectos positivos da história da humanidade, levando-nos a sentir e viver épocas marcantes.

Latinista emérito, estilista magnífico, impôs o caminho da simplicidade em transmitir ensinamentos marcados em lições inesquecíveis.

Espírito generoso, audacioso na defesa de seus princípios, cultor de amizades, deixa um vazio imenso no universo da solidariedade. Vazio de difícil substituição, quer pela presteza e constante atenção, quer pela fidelidade. O amigo Ivan Lins, simples e cordial abre um vazio imenso em meus sentimentos de amizade.